



**PROF HISTÓRIA**

MESTRADO PROFISSIONAL  
EM ENSINO DE HISTÓRIA

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE HISTÓRIA**

**ROMUALDO ANTONIO CARNEIRO NETO**

**“UM MUSEU DE GRANDES NOVIDADES”:  
ESTRATÉGIAS DE ENSINO E APRENDIZAGEM EM HISTÓRIA E O MUSEU  
HISTÓRICO CULTURAL PASSAGEM DO FREIJÓ EM MARCELINO VIEIRA/RN**

**NATAL/RN  
2025**

**ROMUALDO ANTONIO CARNEIRO NETO**

**“UM MUSEU DE GRANDES NOVIDADES”:  
ESTRATÉGIAS DE ENSINO E APRENDIZAGEM EM HISTÓRIA E O MUSEU  
HISTÓRICO CULTURAL PASSAGEM DO FREIJÓ EM MARCELINO VIEIRA/RN**

Dissertação de Mestrado apresentada ao curso de Mestrado Profissional do Programa de Pós-graduação em Ensino de História (PROFHISTÓRIA), da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), visando a obtenção do título de Mestre em Ensino de História.

Orientador: Prof. Dr. Roberto Airon Silva

**NATAL/RN  
2025**

## FICHA CATALOGRÁFICA

Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN

Sistema de Bibliotecas - SISBI

Catálogo de Publicação na Fonte. UFRN - Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes - CCHLA

Carneiro Neto, Romualdo Antonio.

Um museu de grandes novidades: estratégias de ensino e aprendizagem em história e o Museu Histórico Cultural Passagem do Freijó em Marcelino Vieira/RN / Romualdo Antonio Carneiro Neto. - 2025.

168f.: il.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-graduação em Ensino de História, Natal, RN, 2025.

Orientação: Prof. Dr. Roberto Airon Silva.

1. Museu Passagem do Freijó (Rio Grande do Norte). 2. Objetos Geradores. 3. Caderno Metodológico. I. Silva, Roberto Airon. II. Título.

Elaborado por Ana Luísa Lincka de Sousa - CRB-15/748

**ROMUALDO ANTONIO CARNEIRO NETO**

**“UM MUSEU DE GRANDES NOVIDADES”:  
ESTRATÉGIAS DE ENSINO E APRENDIZAGEM EM HISTÓRIA E O MUSEU  
HISTÓRICO CULTURAL PASSAGEM DO FREIJÓ EM MARCELINO VIEIRA/RN**

Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade Federal do Rio Grande do Norte como requisito para obtenção do título de Mestre em Ensino de História pelo Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Ensino de História.

Orientador: Prof. Dr. Roberto Airon Silva.

Dissertação aprovada em \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ pela seguinte Banca Examinadora:

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Roberto Airon Silva

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Vanessa Spinosa

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ana Amélia Rodrigues de Oliveira  
Instituto Federal do Ceará

**“As gerações futuras verão que o nosso trabalho não foi em vão”**

**Albert Einstein**

Este trabalho é dedicado:

Aos meus pais, **José Carneiro** (*in memoriam*) e **Maria de Fátima**, que tantas barreiras ultrapassaram para me proporcionar a alegria de compreender a importância que o estudo tem na minha vida.

A minha esposa, **Rafaela**, que soube me compreender em todos os aspectos, mesmo nos momentos em que não sobrava um pouco de tempo para ela. Nunca reclamou de nada, prova maior de respeito e companheirismo.

Aos meus filhos, **Raíssa Beatriz**, **Otávio Henrique** e **Otto Gabriel**, que representam minha maior esperança e motivação.

## **AGRADECIMENTOS**

Esta caminhada chega ao fim graças ao apoio de muitas pessoas, a quem expresso a minha profunda gratidão.

Primeiramente, agradeço a Deus.

Às minhas irmãs, Mary, Magna e Fabiana, pelo apoio constante e incentivo ao longo dessa jornada.

Aos professores, gestores e alunos das escolas Edilton Fernandes e Padre Bernardino Fernandes, cujo apoio e dedicação foram fundamentais para o meu crescimento acadêmico e profissional.

À professora Irama Cardoso, pela paciência e generosidade ao compartilhar suas memórias e histórias, fundamentais para reconstruirmos parte da trajetória e institucionalização do Museu Municipal de Marcelino Vieira/RN.

Ao diretor do Museu Passagem do Freijó, meu amigo Egídio Pereira, pela colaboração em facilitar meu acesso a documentos e galerias, tornando essa pesquisa ainda mais rica.

Aos meus mestres de todas as épocas, que foram fundamentais na minha formação e construção desse trabalho. Em especial, ao meu orientador, Prof.º Dr. Roberto Airon Silva, por sua especialização, compreensão e orientações precisas, que foram essenciais para o sucesso desta pesquisa.

Aos meus colegas do curso de Mestrado PROFHISTÓRIA, que compartilharam comigo não apenas conhecimentos, mas também as alegrias e desafios dessa caminhada.

A Evangilmárisson (Gilmar), pelo cuidado com as revisões gramaticais, pelas valiosas discussões sobre a pesquisa e pela disponibilidade em auxiliar na formatação deste trabalho.

A banca examinadora pela disponibilidade para participar e contribuir na finalização desta etapa da minha formação.

## RESUMO

Esta pesquisa investiga o uso pedagógico do Museu Histórico Cultural Passagem do Freijó, localizado em Marcelino Vieira-RN, como ferramenta educativa para professores/as, orientando-os/as na preparação de aulas interativas que integrem o museu e enriqueçam o processo de ensino e aprendizagem, proporcionando aos/as estudantes uma aprendizagem significativa. O museu é compreendido como espaço de múltiplas aprendizagens, que dinamiza memórias e possibilita a professores/as e alunos/as vê-lo como local de ensino, reflexão e construção do conhecimento histórico. Criado em 16 de novembro de 2022, pela Lei n. 383, possui galerias que retratam aspectos da história e cultura locais. Sua expografia aborda temas como a formação do município, a passagem do bando de Lampião pela região, a religiosidade, a cultura sertaneja e os ofícios do sertão, por meio da exibição de fotografias, acessórios, ferramentas, vestimentas, maquetes e outros elementos. Considerando a relação entre museu, escola e ensino de História, esta pesquisa busca compreender a relevância educacional do Museu Passagem do Freijó no processo formativo dos/as estudantes, explorando possibilidades de aprendizagem a partir da problematização e historicização dos objetos geradores expostos. O campo de pesquisa é a Escola de Ensino Fundamental Edilton Fernandes, em Marcelino Vieira-RN. A pesquisa fundamenta-se em documentos como leis educacionais, atas do Legislativo Municipal, o Projeto Político-Pedagógico da escola, registros fotográficos, estatuto e diretrizes do museu, além de questionários de sondagens aplicados a professores/as, alunos/as e pessoas responsáveis pela institucionalização do museu e constituição do acervo. Apóia-se também em artigos, livros e dissertações relacionadas à temática. O objetivo principal é desenvolver um Caderno Metodológico que ofereça estratégias de ensino e aprendizagem em História, auxiliando os/as professores/as na elaboração de planejamentos pedagógicos e na condução de visitas qualificadas ao museu da cidade.

**Palavras-chave:** Ensino de História. Museu Passagem do Freijó. Objetos Geradores. Caderno Metodológico

## **ABSTRACT**

This research investigates the pedagogical use of the Passagem do Freijó Cultural Historical Museum, located in Marcelino Vieira-RN, as an educational tool for teachers, guiding them in the preparation of interactive lessons that integrate the museum and enrich the teaching and learning process, providing students with meaningful learning. The museum is understood as a space for multiple learning, which stimulates memories and enables teachers and students to see it as a place for teaching, reflection and the construction of historical knowledge. Created on November 16, 2022, by Law n. 383, it has galleries depicting aspects of local history and culture. Its exhibits cover topics such as the formation of the municipality, the passage of Lampião's band through the region, religiosity, sertanejo culture and the trades of the sertão, through the display of photographs, accessories, tools, clothing, models and other elements. Considering the relationship between museums, schools and history teaching, this research seeks to understand the educational relevance of the Passagem do Freijó Museum in the students educational process, exploring learning possibilities based on the problematization and historicization of the generating objects on display. The field of research is the Edilton Fernandes Elementary School, in Marcelino Vieira-RN. The research is based on documents such as educational laws, minutes of the Municipal Legislature, the school's Political-Pedagogical Project, photographic records, the museum's statutes and guidelines, as well as questionnaires administered to teachers, students and the people responsible for institutionalizing the museum and building up the collection. It is also based on articles, books and dissertations on the subject. The main objective is to develop a Methodological Notebook that offers teaching and learning strategies in History, helping teachers to draw up pedagogical plans and conduct qualified visits to the city's museum.

**Keywords:** History teaching. Freijó Passage Museum. Generative Objects. Methodological Notebook.

## **LISTA DE FIGURAS**

|   |     |
|---|-----|
| <b>FIGURA 01</b> - Organograma da Escola Municipal Edilton Fernandes .....  | 30  |
| <b>FIGURA 02</b> - Gravura rupestre representando um desenho humano (Sítio João Brandinho) .....  | 36  |
| <b>FIGURA 03</b> - Reprodução da gravura rupestre do Sítio João Brandinho .....   | 36  |
| <b>FIGURA 04</b> - Apresentação do Cinema na Capela – Sítio Vila Ana Henrique, Capela de São Pedro .....  | 38  |
| <b>FIGURA 05</b> - Mapa de dispersão dos Museus do Rio Grande do Norte em 2010 .....  | 88  |
| <b>FIGURA 06</b> - Mapa de dispersão dos museus do município do Rio Grande do Norte em 2024, com destaque as cidades do Alto Oeste Potiguar ..... | 90  |
| <b>FIGURA 07</b> - Museu Histórico Cultural Passagem do Freijó .....  | 93  |
| <b>FIGURA 08</b> - Casarão que abrigou o “Solar dos Sabóias” .....  | 95  |
| <b>FIGURA 09</b> - Residência de “Dona Zefinha” (Sítio Panatis) .....   | 100 |
| <b>FIGURA 10</b> - Armazenamento das doações para o museu (Residência de Arli Paiva) .....  | 101 |
| <b>FIGURA 11</b> - Planta Baixa do Museu Passagem do Freijó .....   | 103 |
| <b>FIGURA 12</b> - Galeria da formação do município e o primeiro governo constitucional .....   | 104 |
| <b>FIGURA 13</b> - Galeria do cangaço .....   | 105 |
| <b>FIGURA 14</b> - Galeria da religiosidade .....   | 106 |
| <b>FIGURA 15</b> - Galeria da cultura sertaneja .....   | 107 |
| <b>FIGURA 16</b> - Galeria dos saberes e afazeres do sertão .....   | 108 |
| <b>FIGURA 17</b> - Espátulas e formas de engenho rapadureiros .....   | 109 |

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

- BNCC - Base Nacional Comum Curricular.
- CF - Constituição Federal de 1988.
- CNM - Cadastro Nacional de Museus.
- DCERN - Documento Curricular do Estado do Rio Grande do Norte.
- EMEF - Escola Municipal Edilton Fernandes.
- ENPEH - Encontro Nacional de Pesquisadores do Ensino de História.
- FIP - Faculdades Integradas de Patos.
- GRD - Grupo de Reflexão Docente.
- IBRAM - Instituto Brasileiro de Museus.
- ICOM - Conselho Internacional de Museus.
- IDEB - Índice de Desenvolvimento da Educação Básica.
- IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.
- LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.
- MEC - Ministério da Educação.
- MHCPJ - Museu Histórico Cultural Passagem do Freijó.
- MHN - Museu Histórico Nacional.
- MTEC - Mostra Temática Educacional Cultural.
- PCN - Parâmetros Curriculares Nacionais.
- PNE - Plano Nacional de Educação.
- PPP - Projeto Político Pedagógico.
- REUNI - Reestruturação e Expansão das Universidades Federais.
- SD - Sequência Didática.
- SAEB - Sistema de Educação da Avaliação Básica.
- UFERSA - Universidade Federal Rural do Semiárido.
- UFRN - Universidade Federal do Rio Grande do Norte.
- UNESCO - Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura.
- UNIRIO - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

## **LISTA DE GRÁFICOS**

|  |    |
|--|----|
| <b>GRÁFICO 01</b> - Questionário de sondagem aplicados aos/as alunos/as (I) .....      | 48 |
| <b>GRÁFICO 02</b> - Questionário de sondagem aplicado aos/as professores/as (I) .....  | 73 |
| <b>GRÁFICO 03</b> - Questionário de sondagem aplicado aos/as professores/as (II) ..... | 74 |
| <b>GRÁFICO 04</b> - Questionário de sondagem aplicados aos/as alunos/as (II) .....     | 75 |

## **LISTA DE TABELAS**

|   |    |
|---|----|
| <b>TABELA 01</b> - Metas do IDEB anos 2015 – 2021 .....   | 32 |
| <b>TABELA 02</b> - Resultados da EMEF ano letivo 2023 .....   | 33 |
| <b>TABELA 03</b> - Instituições de Ensino Superior com cursos de graduação em Museologia .....                          | 81 |
| <b>TABELA 04</b> - Quantidade de Museus Mapeados no Brasil por regiões e no Estado do Rio Grande do Norte em 2010 ..... | 87 |

## SUMÁRIO

|   |            |
|---|------------|
| <b>INTRODUÇÃO .....</b>   | <b>13</b>  |
| <b>CAPÍTULO I - TRAJETÓRIA ACADÊMICA E PROFISSIONAL: FORMAÇÃO, INSTITUIÇÃO ESCOLAR E EDUCAÇÃO PATRIMONIAL .....</b> | <b>21</b>  |
| <b>1.1 Da formação à docência: construindo saberes e experiências.....</b>  | <b>21</b>  |
| <b>1.2 A Escola Municipal Edilton Fernandes: trajetória e protagonismo educacional</b>                              | <b>29</b>  |
| <b>1.3 Reflexões acerca do papel da educação patrimonial no processo de ensino e aprendizagem em história.....</b>  | <b>39</b>  |
| <b>CAPÍTULO II - MUSEU E O ENSINO DE HISTÓRIA.....</b>  | <b>44</b>  |
| <b>2.1 O museu enquanto espaço educativo para o Ensino de História.....</b>   | <b>44</b>  |
| <b>2.1.1 A Pedagogia do Objeto Gerador: uma prática reflexiva no Ensino de História ....</b>                        | <b>56</b>  |
| <b>2.2 Conceituando e problematizando a história local .....</b>  | <b>61</b>  |
| <b>2.2.1 O ensino de história local: desafios e possibilidades.....</b>   | <b>66</b>  |
| <b>CAPÍTULO III - DO PASSADO AO PRESENTE: PERCURSOS E REALIDADES MUSEOLÓGICAS .....</b>                             | <b>77</b>  |
| <b>3.1 Percursos históricos e formativos da museologia no Brasil.....</b>   | <b>77</b>  |
| <b>3.2 “Museus em Números”: panorama museológico do Rio Grande do Norte no contexto nacional.....</b>               | <b>84</b>  |
| <b>3.3 Trajetórias: o Museu Passagem do Freijó e a constituição do seu acervo .....</b>                             | <b>91</b>  |
| <b>3.3.1 Conhecendo a expografia do Museu Passagem do Freijó.....</b>   | <b>103</b> |
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>  | <b>114</b> |
| <b>REFERÊNCIAS.....</b>   | <b>118</b> |
| <b>APÊNDICE .....</b>   | <b>125</b> |
| <b>ANEXOS</b>   |            |

## INTRODUÇÃO

Essa pesquisa reflete sobre o uso do Museu Histórico Cultural Passagem do Freijó,<sup>1</sup> localizado no município de Marcelino Vieira/RN, distante 400 km da capital, como ferramenta pedagógica para professores/as em suas práticas educativas, com vistas a orientá-los no preparo de aulas interativas com o museu, e com isso enriquecer o processo educativo e promover uma experiência significativa de aprendizagem dos/as estudantes. A pesquisa também aborda a função científica e humanitária dos museus, pensando numa museologia que vá além dos desafios de gestão, instalação de vitrines ou conservação de objetos. Consideramos que é fundamental explicarmos o motivo pelo qual realizamos essas ações: por que musealizamos objetos? Por que preservamos certos elementos da realidade?

Pensar em ações museais é uma maneira de ressignificar esses espaços educativos, transformando-os em potenciais impulsionadores das atividades culturais/pedagógicas desenvolvidas nesses ambientes. Assim, entendemos o museu como um espaço de múltiplas aprendizagens, um ambiente que dinamiza memórias e permite que professores/as e alunos/as o percebam como um lugar de ensino, conhecimento e reflexão sobre o passado.

Sancionada a criação por meio da aprovação da Lei n. 383, em 16 de novembro de 2022, e inaugurado 06 (seis) dias após, em 22 de novembro, o Museu Passagem do Freijó possui esta designação como uma referência ao primeiro topônimo do município, ligado à passagem dos vaqueiros que descansavam à sombra dos freijós, nos séculos XVIII e XIX<sup>2</sup>. Sediado no antigo Grupo Escolar Cid Rosado, uma construção da década de 1970, o edifício foi primeiro Grupo Escolar e depois, por anos, a Secretaria Municipal de Educação. Em 2022 ganhou novo significado, passando a abrigar o Museu Municipal. O espaço possui cinco galerias que retratam aspectos da história e da cultura do município de Marcelino Vieira/RN, abordando temas como a formação do município, a passagem do bando de Lampião na região, a religiosidade, a cultura sertaneja e os ofícios e afazeres sertanejos, através de exibição de fotos, acessórios, utensílios, vestimentas, maquetes e outros.

Durante o processo de criação do museu, este pesquisador teve a oportunidade de integrar a equipe de curadoria, participando ativamente da coleta, identificação, catalogação e organização das galerias. Após a inauguração, de dezembro de 2022 a fevereiro de 2023, a

---

<sup>1</sup> Esta é a designação oficial do museu. Para fins de escritura do texto, para nos referirmos ao museu, utilizaremos a partir de agora a designação abreviada de “Museu Passagem do Freijó” ou, ainda, a abreviatura, constituída pelas iniciais MHCPF.

<sup>2</sup> Para mais informações sobre a cidade, acesse o site da Prefeitura do município. Disponível em: <https://marcelinovieira.rn.gov.br/omunicipio.php>. Acesso em: 15 mai. 2024.

convite da Prefeitura Municipal, participei como voluntário em diversas atividades do museu, incluindo reuniões, ciclos de estudos e monitoria. Esse envolvimento foi fundamental para aprimorar meu conhecimento sobre as galerias e seus objetos. Além disso, permitiu-me compreender que uma visita escolar ao museu exige de nós, docentes, preparo e cuidado na elaboração de um planejamento adequado, de modo a transformar a visita em uma aula significativa, capaz de proporcionar aos/às alunos/as a construção de saberes relevantes e duradouros.

Nesse período, a presença das escolas no museu foi limitada, com ocorrência de visitas isoladas, principalmente por turmas das escolas urbanas, especialmente da Escola de Ensino Fundamental II Edilton Fernandes, da qual faço parte do corpo docente. Nas visitas realizadas, ficou evidente uma interação limitada com as galerias que constituem o museu. Os/as alunos/as eram ouvintes passivos/as, pois não havia uma abordagem metodológica adequada por parte dos/as professores/as para explorar as histórias e significados dos objetos. Faltava-lhes um material didático que contemplasse estratégias de ensino e aprendizagem para a utilização educativa do museu. Essa forma passiva de visitar museus faz com que os objetos permaneçam inacessíveis e esses espaços passem a serem vistos como um amontoado estaque de velharias.

Diante dos fatos apresentados, como professor de História, licenciado pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2003), lotado na Escola de Ensino Fundamental Edilton Fernandes, da Rede Municipal de Ensino desde 2004, com um segundo vínculo com a Rede Estadual de Educação do Estado do Rio Grande do Norte (2010), lotado na Escola Estadual Pe. Bernardino Fernandes, ambas localizadas no município de Marcelino Vieira/RN e atualmente cursando o Mestrado Profissional do Programa de Pós-Graduação em História da UFRN, deparei-me com uma situação-problema que possibilitou investigação e ação, pois demandava atenção e estudo, sendo um tema a ser discutido na academia e, especialmente, no ambiente escolar: a necessidade de pensar e desenvolver um material didático – “Caderno Metodológico” - que promova a discussão e a construção de propostas de ensino e aprendizagem em História para as visitas ao museu histórico da cidade, enriquecendo o processo educativo e proporcionando uma experiência de aprendizado significativa aos/as estudantes.

Essa experiência nos levou à escolha do tema e, conseqüentemente, às discussões nas disciplinas do Mestrado, que nos motivaram a pesquisar e levantar questionamentos sobre o potencial educativo que um museu pode oferecer na sala de aula, especialmente para o ensino de História, a saber: Como o ensino de História pode contribuir para pensar e criar propostas de ensino e aprendizagem para visitas ao Museu Histórico Cultural Passagem do Freijó? Como o ensino de história pode transformar o papel dos museus, indo além da compreensão de locais

estáticos de conservação de materiais, para se tornarem espaços de equilíbrio e desequilíbrio, certezas e dúvidas, diálogos e observações, sendo vivos e reinventados por meio de suas narrativas? Como o ensino de história no espaço museal pode atender às demandas do presente, estimular os/as alunos/as a uma análise crítica da história e a um interesse pela história local, conferindo-lhes papel ativo na transformação social da realidade em que estão inseridos/as?

Estas perguntas guiam nossa investigação e apontam para a necessidade de uma abordagem educativa que conceba o museu municipal como um espaço dinâmico de aprendizado, capaz de inspirar e engajar os/as alunos/as em uma compreensão mais profunda e crítica do passado e suas conexões com o presente.

Nesse sentido, o objetivo central de nossa pesquisa é desenvolver e apresentar um material didático voltado para a Escola Municipal Edilton Fernandes, que proponha estratégias de ensino e aprendizagem em História, com o propósito de auxiliar e orientar os/as professores/as no planejamento de aulas interativas que integrem o museu, promovendo visitas qualificadas e enriquecedoras ao espaço museal. A proposta se justifica pela ausência de materiais didáticos específicos na escola, assim como pela inexistência de um setor educativo no museu, que possa instrumentalizar ações pedagógicas para explorar suas galerias e objetos.

Para alcançar nosso objetivo, propomos à escola um “Caderno Metodológico” que ofereça orientações que potencializem as possibilidades pedagógicas de uma visita ao museu, no sentido de promover reflexões sobre as temporalidades e espacialidades existentes em suas exposições.

O caderno apresenta a identificação e expografia do Museu Passagem do Freijó, organizado em diversas seções didáticas. Inclui um mapa mental que resume a estrutura do museu, facilitando a compreensão do seu funcionamento; uma sequência didática com três momentos pedagógicos (antes, durante e após a visita); sugestões de atividades para serem desenvolvidas além da visita presencial, ampliando a exploração do acervo e das temáticas do museu; um quadro interdisciplinar que conecta diferentes áreas do conhecimento, promovendo abordagens diversificadas nas aulas; “buchicho”, seção dinâmica que apresenta conceitos sobre patrimônio cultural e práticas pedagógicas relacionadas à historicidade dos objetos, como suporte teórico para os/as professores/as; e dicas práticas para planejar e realizar uma visita educativa mais significativa.

Este material estará disponível tanto em formato impresso quanto digital. O formato digital oferece a vantagem de ser utilizado de maneira mais autônoma por professores/as e pela equipe pedagógica, permitindo, por exemplo, a impressão de páginas específicas conforme necessário. Essa flexibilidade facilita a integração do material nas atividades educativas e

otimiza o uso dos recursos disponíveis. Apesar do material ser destinado a Escola Municipal Edilton Fernandes, a ação propositiva não impede que outras escolas possam usar o material.

Contudo, para além de um caderno metodológico, entendemos que nossa proposição didática deve contemplar uma museologia que transcenda os desafios de gestão, instalação de vitrines e conservação de objetos. No ensino de História, consideramos que os objetos devem ser vistos como documentos que nos auxiliam a resolver questões do presente e devem ser submetidos a questionamentos variados, como: O que é? Quando foi produzido? Quem o utilizou? Quais materiais foram usados em sua confecção? Para que servia? Em que época foi feito?

Para subsidiar a execução dessa proposta, recorreremos a estudos que sistematizam a exploração do uso educativo dos museus e suas exposições, fornecendo orientações valiosas para os/as professores/as no planejamento de visitas a museus. Estas pesquisas problematizam as questões didáticas que envolvem a intersecção museu, escola e o ensino de História, fornecendo diretrizes valiosas para enriquecer as experiências educativas nesses ambientes culturais.

A pesquisa do professor Marcelo Henrique Leite (2021), oferece um panorama abrangente sobre as pesquisas recentes no campo do ensino de História, especificamente no uso do museu como ferramenta pedagógica. A pesquisa do referido autor revelou que, nos últimos anos, a temática ganhou destaque e relevância nas discussões sobre ensino e aprendizagem em ambientes não escolares.

O mapeamento conduzido pelo autor introduziu questões inovadoras e reflexivas, tais como a disseminação de valores para preservação do patrimônio histórico e cultural, a integração de atividades que fazem uso de fontes históricas no processo de ensino, além da utilização do espaço museal e sua cultura material como um ambiente público para aquisição de conhecimento, pesquisa e ensino de História. Essa pesquisa ressalta a importância crescente do uso dos museus como um recurso valioso para a educação histórica, ampliando as discussões e práticas no campo do ensino de História para além do ambiente escolar, enriquecendo e diversificando as abordagens pedagógicas.

O mapeamento revelou um interesse crescente no campo da intersecção Museu e Ensino, especialmente no contexto do ensino de História. Em eventos de destaque, como o ENPEH (Encontro Nacional de Pesquisadores do Ensino de História) de 2019, foi identificado

um simpósio exclusivo com 14 trabalhos<sup>3</sup> apresentados sobre o tema. Além disso, nesse mesmo ano, nos Anais do Museu Histórico Nacional<sup>4</sup>, foi publicado um dossiê intitulado “Educar e aprender em museus: perspectivas para o ensino de História”. Estes encontros destacaram especialistas renomados/as na área do Ensino de História, Museu e Cultura Material, cujos trabalhos e contribuições têm sido citados como referências teórico-metodológicas em periódicos, comunicações e, principalmente, em trabalhos acadêmicos. Pesquisadores/as como Francisco Regis Lopes Ramos (2004), Ricardo Aguiar Pacheco (2012), Ulpiano Bezerra de Meneses (1998) e Maria Lourdes Pereira Horta et. al. (1999) foram ressaltados como influentes e significativos no campo.

Leite (2021) cita, ainda, entre 2017 e 2020, pelo menos oito dissertações sobre o ensino de História em conexão com museus foram defendidas no PROFHISTÓRIA<sup>5</sup>, indicando uma ampliação e disseminação da pesquisa sobre os museus e seus usos didáticos no contexto da educação básica. Este cenário evidencia um crescente interesse e aprofundamento nos estudos que exploram o potencial educativo desses espaços no ensino de História.

Nessa perspectiva, o mapeamento dos trabalhos produzidos possibilita o respaldo teórico-metodológico dos estudos sobre o ensino de história e museus, com o intuito de dialogar e definir os rumos percorridos para a construção da nossa dissertação. Essa análise nos permitiu identificar as melhores teorias e práticas que fundamentam nossa proposta didática, visando enriquecer o aprendizado dos/as alunos/as por meio da interação com o museu concebido como espaço educativo.

Com esse propósito, serão abordadas as vertentes de História Pública e História Local para embasar a pesquisa. Além disso, os conceitos de Musealização, Patrimônio Histórico e

---

<sup>3</sup> O simpósio foi coordenado por Aline Montenegro, Carina Martins Costa, Carmem Zeli de Vargas Gil e Mônica Martins da Silva, que teve como tema “Patrimônio e Museus nas Pesquisas em Ensino de História: potentes encontros”.

<sup>4</sup> O Dossiê “Educar e aprender em museus. Perspectivas para o ensino de História” compõe o 51º volume dos Anais do Museu Histórico Nacional. Em seus artigos, o dossiê propõe-se a refletir sobre a apropriação de professores/as e alunos/as sobre narrativas e linguagem museal, como também, objetivou-se historicizar os projetos de educação em museus, com o objetivo de mapear sujeitos, narrativas e práticas. Neste ano de 2023, os Anais do Museu Histórico Nacional lançaram o dossiê de nº 57, com o tema “Educação Museal e os projetos de Brasís no ano do bicentenário”, e mais recentemente, no mês de outubro, foi realizado um Seminário Temático “Ausências e protagonismos: acervo, pesquisa e curadoria em debate”.

<sup>5</sup> Realizando uma pesquisa de atualização de dados, a partir da análise do material disponível no site do profhístória, verificamos uma ampliação na produção de dissertações que abordam a temática. Pelo menos mais três trabalhos foram defendidos entre os anos de 2021 e 2022, a citar: “Do chão da Escola Gabriel Epifânio dos Reis (Icapui-CE): ao acervo imagético do Museu Jaguaribano de Aracati”, defendido por José Wellington da Silva Pinto em 2022, na UFRN; “Entre desenhos, cores e Histórias: Propostas de Material Didático para o Museu de Vacarias/RS, defendido por Manoela Graziotin Rodrigues, em 2022, na UCS; “A História embaixo da escada: Ensino de história local e educação para as relações étnico-raciais por meio das narrativas sobre a escravidão no Museu Jaguaribano (Aracati-CE), defendido por Tamara Soares Marques, em 2022, UERN. Disponível em: <https://www.profhistoria.com.br/articles>. Acesso em: 18 mai 2023.

Cultural e Consciência Histórica são imprescindíveis para a construção desse trabalho. Deste modo, estudiosos como Pacheco (2012), Meneses (1998), Tolentino (2016) e Ramos (2004) trazem trabalhos que empregam o museu como um espaço de fruição e aprendizado no ensino de história.

Ramos (2004) discute a importância do museu no ensino de história, ressaltando as possibilidades de trabalhar com “objetos geradores”<sup>6</sup>. Seguindo a perspectiva do autor referido, uma das metas do nosso trabalho é despertar nos/as professores/as o potencial educativo da história dos objetos, não apenas como recurso didático para suas aulas, mas, principalmente, para fomentar nos/as alunos/as o gosto pela exploração do conhecimento histórico. Pacheco (2012) sistematiza a parte do planejamento didático que confere sentido educacional à visita ao museu. Já Meneses (1998) e Tolentino (2016) nos ajudam a compreender que os objetos museológicos são, simultaneamente, repositórios de informações e geradores de reflexões históricas. Embora preservem memórias coletivas, esses objetos também institucionalizam esquecimentos, manifestos nas lacunas, nos não-ditos e nos silêncios presentes em suas narrativas.

Para compreender como e por que um objeto adquire valor e se torna um objeto museal, as reflexões de Brulon (2017), Nery et. al (2020) foram essenciais. Adicionalmente, os estudos de Márcia de A. Gonçalves (2007) e Bourdin (2001) contribuem para o entendimento de História Local, enquanto Schmidt (2007) e Costa (2019) colaboram para o ensino de história local, demonstrando que a História não se limita ao conhecimento transmitido principalmente pelos manuais didáticos.

Para analisar as ações propositivas e seu uso no ensino de história, contribuem os estudos de Lima (2020), Rodrigues (2022), Pinto (2022) e Marques (2022)<sup>7</sup>, pesquisas desenvolvidas no âmbito do Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História. Os trabalhos dos/as autores/as tem como objetivo principal analisar os potenciais educativos dos museus, visando desenvolver propostas de ensino de história para incentivar o interesse dos/as

---

<sup>6</sup> O trabalho com “objetos geradores” é baseado na concepção freiriana, do educador Paulo Freire, de “palavra geradora”. Para Ramos (2004) se é possível, pois “se aprendemos a ler palavras, é preciso exercitar o ato de ler a história que há nos objetos. Além de analisar a história através dos livros, podemos estudá-la por meio dos objetos” (Ramos, 2004, p.116).

<sup>7</sup>“De templo a fórum: museu do Ceará, educação patrimonial & ensino de história, defendida por André Luiz de Paula Chaves Lima em 2020, na UFRN. “Do chão da Escola Gabriel Epifânio dos Reis (Icapui-CE): ao acervo imagético do Museu Jaguaribano de Aracati”, defendido por José Wellington da Silva Pinto em 2022, na UFRN. “Entre desenhos, cores e Histórias: Propostas de Material Didático para o Museu de Vacarias/RS, defendido por Manoela Graziotin Rodrigues, em 2022, na UCS. “A História embaixo da escada: Ensino de história local e educação para as relações étnico-raciais por meio das narrativas sobre a escravidão no Museu Jaguaribano (Aracati-CE), defendido por Tamara Soares Marques, em 2022, UERN.

alunos/as pela história local, considerando a ausência dessa abordagem nos livros didáticos. Os museus são compreendidos, portanto, como um meio para preencher essa lacuna.

Compartilhamos dessa concepção, pois compreendemos a evidente potencialidade educativa dos museus, reconhecendo a necessidade de oferecer aos/as alunos/as experiências didáticas que ultrapassem os limites do livro, do caderno e do espaço da sala de aula. Considerar atividades museais é uma forma de revitalizar esses ambientes educativos, transformando-os em potencializadores das atividades culturais desenvolvidas nesses espaços.

Contudo, apesar desse alinhamento conceitual sobre os potenciais educativos que os museus podem oferecer ao ensino de História, nossa pesquisa se distancia desses trabalhos dissertativos ao propor a criação de um caderno metodológico, um produto que vá além de um roteiro de visitação às galerias do museu, ideia concebida pelos trabalhos analisados nesse estudo. A nossa ação propositiva inclui múltiplas seções didáticas, com sugestões de atividades, sequência didática, mapa mental, quadro interdisciplinar, além de dicas práticas para planejar e realizar uma visita educativa mais significativa.

Também utilizaremos como embasamento referências de órgãos como o IBRAM<sup>8</sup> e o ICOM<sup>9</sup>. Outrossim, serão considerados documentos e diretrizes como leis sobre educação, a BNCC, Estatuto dos Museus, o Projeto Político Pedagógico da Escola Municipal Edilton Fernandes, questionários de sondagem aplicados aos/as professores/as e aos/as alunos/as dessa escola e a colaboradora que participou do processo de criação e organização do museu, ata do Legislativo municipal e a lei de criação do museu.

Nesse sentido, a análise das fontes, etapa fundamental do ofício de historiador, possibilitou explorar as fontes documentais utilizadas. Por meio dessa análise, foi possível identificar as representações presentes nos discursos oficiais e as práticas pedagógicas propostas, relacionando-as às estratégias de ensino e aprendizagem em História no contexto do museu.

Isso posto, em relação à estrutura desse trabalho, a organização está concebida em três capítulos. No primeiro capítulo, intitulado “Trajetória acadêmica e profissional: formação,

---

<sup>8</sup> O Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM) é uma autarquia vinculada ao Ministério do Turismo, órgão gestor da Política Nacional de Museus, fundado em 2009, em Brasília. Tem por atribuição a competência de produzir e disseminar o conhecimento sobre os museus brasileiros e suas políticas públicas. Disponível em: <https://www.museus.gov.br/>. Acesso em: jul. 2024.

<sup>9</sup> O International Council Of Museums (ICOM) - em português, Conselho Internacional de Museus – é uma organização não governamental que mantém relações formais com a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), executando parte de seu programa para museus, tendo *status* consultivo no Conselho Econômico e Social da Organização das Nações Unidas (ONU). Disponível em: [http://www.icom.org.br/?page\\_id=4](http://www.icom.org.br/?page_id=4) e <https://icom.museum/en/>. Acesso em: jul. 2024.

instituição escolar e educação patrimonial”, tem por objetivo apresentar ao leitor a trajetória acadêmica e profissional que moldou minha atuação como professor, bem como o contexto institucional e educativo no qual minha prática está inserida. Além disso, discutimos o conceito e o papel da educação patrimonial como uma ferramenta de ensino interdisciplinar, destacando a importância de espaços como museus e outros locais de memória na elaboração de estratégias pedagógicas que promovam uma educação adequada ao contexto sociocultural dos/as alunos/as.

No segundo capítulo, intitulado “Museu e o ensino de História”, analisamos o museu como um espaço de aprendizagem do conhecimento histórico e de experiências educativas, a partir da problematização e da didatização dos objetos históricos expostos, com destaque, o trabalho com a “pedagogia dos objetos geradores”. Adicionalmente, discutimos compreensões sobre História local, apontando os seus limites e desafios, questões centrais à nossa proposta, uma vez que recorreremos a esta perspectiva de produção do conhecimento histórico.

No terceiro capítulo, sob o título “Do passado ao presente: percursos e realidades museológicas”, abordamos os percursos históricos e formativos da Museologia no Brasil, apresentando um panorama museológico do Rio Grande do Norte no contexto nacional, com destaque para a região do Alto Oeste Potiguar.

Além disso, enfatizamos o contexto histórico e político para criação do Museu Passagem do Freijó, culminando com a apresentação da ação propositiva da dissertação, o “Caderno Metodológico”, trazendo estratégias de ensino e aprendizagem em História, por meio de seções didáticas que problematizam e historicizam os ambientes temáticos e os objetos que constituem o museu municipal.

## CAPÍTULO I

### TRAJETÓRIA ACADÊMICA E PROFISSIONAL: FORMAÇÃO, INSTITUIÇÃO ESCOLAR E EDUCAÇÃO PATRIMONIAL

Esta seção tem por objetivo apresentar ao leitor a trajetória acadêmica e profissional que moldou minha atuação como professor, bem como o contexto institucional e educativo no qual minha prática está inserida. Abordamos, neste sentido, a importância da formação acadêmica, destacando os cursos e experiências que influenciaram minha compreensão do ensino de História e desenvolvimento para a construção de uma prática docente reflexiva e voltada para a valorização da história local e do patrimônio cultural.

Em seguida, abordamos os aspectos históricos e estruturais da Escola Municipal Edilton Fernandes, local onde atuo como professor e que se configura como um espaço central para o desenvolvimento da minha pesquisa. Também discutimos o conceito e o papel da educação patrimonial como uma ferramenta de ensino interdisciplinar, destacando a importância de espaços como museus e outros locais de memória na elaboração de estratégias pedagógicas que promovam uma educação adequada ao contexto sociocultural dos/as alunos/as. Esses elementos estruturam a base da investigação proposta neste trabalho, e o leitor terá condições de dimensionar com maior precisão a partir de que condições objetivas elaborei a minha ação propositiva.

#### **1.1 - Da formação à docência: construindo saberes e experiências**

Para entender o direcionamento que esta pesquisa assumiu, é fundamental conhecer a minha trajetória acadêmica e profissional. Nesse sentido, ingressei no curso de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte em 1999. Naquele período, o curso oferecia simultaneamente as habilitações em bacharelado e licenciatura, o que gerava intensos debates sobre a inevitável dicotomia ou integração entre a formação do/a professor/a e do/a pesquisador/a.

A estrutura curricular era organizada de forma linear e incluía, de um lado, disciplinas voltadas para áreas específicas da História, como Pré-História, História Antiga, História Medieval, História Moderna, História Contemporânea e para as várias fases da História do Brasil (I, II, III e IV) que, no conjunto contemplavam os períodos colonial, imperial e republicano da nossa história. Paralelamente, existiam as disciplinas voltadas para áreas

específicas da docência, geralmente ministradas por professores/as do Departamento de Educação, como Didática, Estrutura e Funcionamento do Ensino e Prática de Ensino de História, que incluíam a realização de estágio obrigatório em instituições de ensino.

Além disso, é memorável destacar a importância que as disciplinas História do RN I e II tiveram para o meu aprendizado e para a minha formação como professor e pesquisador. Isto porque aprendi mais sobre a história da minha cidade de origem e do meu estado. Pude observar os desdobramentos dos acontecimentos e processos históricos da História do Brasil e do mundo, a partir do ponto de vista local. Com isto, aprendi a valorizar as temáticas locais da história e ver suas conexões com as outras histórias.

Isso me incentivou, nas disciplinas de Pesquisa Histórica I e Pesquisa Histórica II – voltadas especificamente para o exercício do ofício de historiador –, a elaborar um projeto de pesquisa e, posteriormente, aprofundar-me em uma pesquisa monográfica com abordagem de temática local. Sob a orientação do professor Dr. Raimundo Nonato Araújo da Rocha, recebi o apoio necessário e as instruções adequadas ao longo de todo o processo, culminando no êxito desse estudo no ano de 2003.

Marcelino Vieira/RN, cidade onde cresci, estudei boa parte da minha vida estudantil, onde casei e tive os meus bens mais preciosos que são os meus filhos, tornou-se meu objeto de estudo na graduação. O tema escolhido para o trabalho de conclusão de curso foi “De vila a cidade: o processo de emancipação política de Marcelino Vieira/RN (1946-1955)”<sup>10</sup>. O objetivo era analisar o processo de emancipação política do município, procurando por um lado, compreender a ação dos grupos políticos locais e, por outro, perceber as mudanças e permanências que a cidade emancipada trouxe para a vida dos seus habitantes. Apesar das peculiaridades que caracterizaram o processo de emancipação desta cidade do alto-oeste potiguar, ocorrida no dia 24 de novembro de 1953, a pesquisa procurou, também, a compreender o seu processo emancipacionista relacionando-o aos fatos políticos, econômicos e sociais ocorridos a níveis estadual e nacional à época.

Essa pesquisa monográfica serviu, no ano de 2022, para montar uma das galerias do Museu Histórico Cultural Passagem do Freijó, a qual foi denominada “A formação do município de Marcelino Vieira e o seu processo emancipacionista”. Nesta ala temática estão expostos, por exemplo, trechos da Ata da Câmara Municipal de Pau dos Ferros/RN, que apresenta a discussão do legislativo paufferense sobre a criação do novo município, que seria desmembrado do território de Pau dos Ferros; e um outro documento em exposição é o Código

---

<sup>10</sup> Para acessar a monografia e compreender o processo de emancipação política do município de Marcelino Vieira-RN, consultar <http://edufn.ufrn.br/handle/123456789/362>.

de Postura Municipal de 1955. Este código se constitui como o primeiro documento jurídico elaborado pela Câmara Municipal e sancionado pelo primeiro governo constitucional, na administração do senhor José Calazans Fernandes. A sua adoção visava organizar a vida pública e administrativa do novo município.

Esses documentos, em 2003, serviram como fontes para minha pesquisa de conclusão de curso. Hoje, para além de suas materialidades, ao passarem pelo processo de musealização, ganharam uma nova vida como patrimônios. Ao serem problematizados e questionados, passaram a ser “testemunhos, registros de uma história, conectando passado, presente e futuro” (Nery, 2020, p. 113).

Ressalto, todavia, que embora esse momento da pesquisa tenha sido um dos momentos mais agradáveis da minha vida acadêmica, ao longo do curso de História (1999-2003), trabalhei, também, como professor estagiário na Rede Estadual de Ensino do Rio Grande do Norte, o que me deu uma experiência prática da teoria vivenciada na UFRN e ajudou a moldar o professor que sou hoje.

Em 1999, ministrei a disciplina de Geografia no Cursinho da Casa do Estudante de Natal, e, de 2000 a 2002, trabalhei na Escola Estadual Winston Churchill, localizada em Natal/RN, lecionando Literatura e História no Ensino Médio. Nesse período, o professor “temporário”, após ser admitido e apresentar-se na instituição, deveria atender às necessidades da escola, assumindo a carga horária disponível, independentemente de sua formação. Ontem e hoje, infelizmente, essa prática é comum nas instituições escolares, o que é um desvio das disposições da legislação educacional brasileira, a saber, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB nº 9.394/1996. A LDB, que regulamenta a educação no Brasil, estabelece procedimentos para a atividade dos/as professores/as. Em especial:

Art. 61: Consideram-se profissionais da educação escolar básica os que, nelas estando em exercício efetivo e tendo sido formados em cursos reconhecidos, são habilitados para exercer funções de magistério ou como de suporte pedagógico à docência, como direção, administração, planejamento, supervisão, supervisão e orientação educacional.

Parágrafo único: A formação dos profissionais da educação, de modo a atender às especificidades do exercício de suas atividades, bem como aos objetivos das diferentes etapas e modalidades da educação básica, terá como fundamentos:

I - A presença de sólida formação básica, que propicie o conhecimento dos fundamentos científicos e sociais de suas competências de trabalho. II – A associação entre teorias e práticas, mediante estágios supervisionados e capacitação em serviço; III – o aproveitamento da formação e experiências anteriores, em instituições de ensino e em outras atividades

Art. 62: A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura plena, admitida, como formação mínima para o

exercício do magistério na educação infantil e nos cinco primeiros anos do ensino fundamental, a oferecida em nível médio, na modalidade normal (Brasil, 1996).

Devemos, portanto, lutar pela obrigatoriedade de uma formação especializada que fortaleça o sistema educacional e promova um aprendizado de qualidade para os/as alunos/as da educação básica, garantindo que cada componente curricular seja lecionado por professores/as com formação específica na área, garantindo assim que o ensino seja aprofundado e adequado às necessidades de desenvolvimento e aprendizagem dos/as alunos/as em cada disciplina.

No ano de 2003, obtive a conclusão do curso de História e participei do meu primeiro processo seletivo para professor efetivo. O certame foi organizado pela Prefeitura Municipal de Marcelino Vieira/RN com o intuito de suprir as deficiências da educação básica, tendo em vista que, em 2003, havia sido instituída a Escola Municipal de Ensino Fundamental Edilton Fernandes, sendo prioritária a contratação de um novo quadro de professores/as com habilitação específica para ministrar as disciplinas oferecidas. Com o êxito na aprovação, ingressei, em 2004, no quadro efetivo da rede municipal de ensino, lecionando a disciplina de História e desenvolvendo há mais de duas décadas a minha prática pedagógica.

Durante meu trabalho na Escola Municipal Edilton Fernandes, também atuei, entre 2004 e 2009, na rede privada de ensino na cidade de Pau dos Ferros/RN, no Colégio e Curso Evolução, onde lecionei a disciplina de História para turmas do Ensino Médio e para o cursinho preparatório para vestibular.

O término dessa jornada na rede privada aconteceu em dezembro de 2009, quando fui convocado para assumir o cargo de professor efetivo da Rede Estadual de Ensino do Rio Grande do Norte, em um processo seletivo realizado pelo edital n. 142/2006. Em 2010, fui empossado e passei a compor o quadro de profissionais da Escola Estadual Padre Bernardino Fernandes, situada no município de Marcelino Vieira/RN. Desde então, dedico meu magistério a essa escola, somando minhas outras 30 horas ao trabalho realizado na Escola Municipal Edilton Fernandes.

Tudo o que foi citado anteriormente considero importante para descrever minha trajetória como professor, apresentar as dificuldades que encontrei e as mudanças pelas quais passei, mas também para ilustrar o caráter dinâmico da profissão e o quanto a prática docente requer de conhecimento, equilíbrio e resiliência.

Dessa forma, a prática docente me permitiu conhecer a realidade concreta do ambiente escolar, compreendendo os desafios enfrentados pelos/as alunos/as e professores/as no

cotidiano. Essa vivência despertou em mim uma postura questionadora e o desejo constante de adquirir novos conhecimentos para poder aprimorar continuamente minha atuação pedagógica.

Uma das minhas preocupações em sala de aula sempre foi, e continua a ser, promover conexões entre os conteúdos estudados e o cotidiano dos/as alunos/as. Acredito que incorporar temas da história local ou relacioná-los com aspectos da História do Brasil e do mundo contribui para que os/as alunos/as compreendam melhor como esses conhecimentos se entrelaçam com seu contexto e vivências diárias.

Nessa perspectiva, uma das iniciativas que merecem registro são as semanas culturais das quais participei com meus/minhas alunos/as, nas quais, em sua grande maioria, foram abordados estudos históricos sobre o município, suas manifestações culturais, suas origens e seus lugares de memórias. Por exemplo, um dos temas abordados em uma dessas semanas foi “Nas Veredas do Cangaço: a passagem do Bando de Lampião no município de Marcelino Vieira”, trabalho realizado na Mostra Temática Educacional Cultural - MTEC, com as turmas dos 9º anos, da Escola Municipal Edilton Fernandes em 2019.

Em uma sequência didática, realizamos uma aula expositiva sobre os movimentos sociais da República Velha (1889-1930), abordando a história do cangaço e suas interações com a história do Rio Grande do Norte, com destaque especial para o município de Marcelino Vieira/RN. Nessa primeira abordagem, tivemos a oportunidade de ouvir e registrar o conhecimento prévio dos/as alunos/as, que compartilharam histórias transmitidas oralmente por seus pais sobre a passagem do bando de Lampião em terras vieirenses. Os/as discentes mencionaram eventos marcantes como o “Fogo da Caiçara” (episódio que será referido posteriormente), o cruzeiro em memória do soldado morto em combate, além das invasões e arrombamentos nos sítios da região ocorridos em junho de 1927. Estes relatos enriqueceram a discussão, permitindo uma conexão entre a história oficial e as memórias locais, despertando nos/as alunos/as um interesse maior pela história de sua própria comunidade.

Após a discussão e as anotações, decidimos realizar uma aula de campo para visitar o local onde ocorreu a passagem do bando de Lampião e onde foi construído um cruzeiro em memória do soldado José Monteiro de Matos, morto em combate contra o bando no dia 10 de junho de 1927. Esse momento foi enriquecedor, proporcionando uma nova experiência didática que fortaleceu as identidades culturais dos/as alunos/as ao conectá-los/las com a história local. A experiência permitiu que compreendessem a importância desse episódio histórico para sua própria comunidade, cuidados com a preservação dos patrimônios históricos e a retirada dessa narrativa histórica do anonimato, dando destaque à passagem do bando de Lampião pelo

município de Marcelino Vieira/RN, um evento que, geralmente, ganha mais visibilidade e estudos relacionados à cidade de Mossoró/RN.

A culminação desse trabalho foi a apresentação de um documentário produzido pelos/as alunos/as, no qual narraram a história da passagem do bando de Lampião pelo Rio Grande do Norte, com enfoque especial no município de Marcelino Vieira/RN. Esse projeto não apenas consolidou o aprendizado, mas também proporcionou aos/às estudantes uma oportunidade de protagonismo, ao resgatar e registrarem uma parte importante da memória local, conectando o conhecimento histórico à valorização da cultura, das tradições e da identidade de sua comunidade.

No Museu Passagem do Freijó, há uma galeria dedicada a essa temática. No espaço musealizado, encontram-se balas e punhais, fotografias do bando de Lampião e da força policial que combateu os cangaceiros no episódio conhecido como “Fogo da Caiçara”, além de cópias do processo criminal de 1927, incluindo o mandado de prisão de Lampião e o inquérito sobre a morte do soldado José Monteiro de Matos. Como lugar de memória e de práticas pedagógicas, esse espaço representa uma oportunidade valiosa para enriquecer o ensino de História, sendo capaz de proporcionar uma experiência de aprendizagem concreta e contextualizada, conectando a teoria aprendida em sala de aula com a materialidade dos acontecimentos históricos presente nos objetos musealizados em exposição, permitindo que os/as alunos/as interajam com os registros do passado, estimulando reflexões sobre memória e a história local.

Ressaltamos, contudo, que embora os objetos tenham valor informativo e documental, é necessário cautela ao estudá-los ou utilizá-los como recursos didáticos, pois os objetos não falam por si sós, quem fala por eles é o/a pesquisador/a, nesse caso, o/a professor/a que será o responsável por sua interpretação, a partir das indagações lançadas, que lhes atribuem funções, sentidos, significados e valores, orientando o olhar dos/as alunos/as e proporcionando uma compreensão crítica, reflexiva e contextualizada dos objetos históricos.

Acredito que, apesar das dificuldades que enfrentamos diariamente em nossas práticas de ensino, devemos tentar fazer da melhor forma o nosso trabalho pedagógico. É importante estar disponível para aprender enquanto se ensina, pois como disse Paulo Freire (2021), “ensinar inexiste sem aprender e vice-versa e foi aprendendo socialmente que, historicamente, mulheres e homens descobriram que era possível ensinar” (Freire, 2021, p. 12).

No exercício das minhas práticas pedagógicas, busco aplicar este importante ensinamento, que consiste em valorizar os conhecimentos prévios dos/as meus/minhas alunos/as e suas participações nas aulas. Ao fazer isso, crio oportunidades para ensinar e, ao

mesmo tempo, aprender com eles/as, cumprindo de maneira mais eficaz meu papel de professor mediador, promovendo junto aos/as alunos/as uma aprendizagem colaborativa.

Associado a esse pensamento, é preciso, portanto, o/a professor/a estar em constante reinvenção, especializando-se e buscando novos conhecimentos para aprimorar sua prática pedagógica. Não podemos nos considerar prontos e temos de ter vontade de aprender cada vez mais para poder ensinar.

Com este propósito, em 2008 concluí uma especialização em Psicopedagogia pelas Faculdades Integradas de Patos (FIP). Em 2012 e 2014, realizei os cursos de aperfeiçoamento “Cidade e diversidade: itinerários para a produção de materiais didáticos em História” e “Gênero e diversidade na escola”, respectivamente. Ambos foram oferecidos pela UFRN, por meio do programa Universidade Aberta do Brasil (UAB), em parceria com o Polo Universitário de Marcelino Vieira/RN. Em 2016, concluí mais um curso de aperfeiçoamento, agora pela Universidade Federal Rural do Semiárido (UFERSA), com o tema “A escola e a cidade: políticas públicas educacionais”.

Participar desses cursos permitiu-me refletir sobre minha prática, expandir meu repertório pedagógico e atualizar-me, acessando novos conhecimentos e metodologias inseridas nas demandas atuais como, por exemplo, o uso das novas tecnologias educacionais, e nas expectativas dos/as alunos/as, cada vez mais conectados/as e críticos/as. Um dos destaques desses cursos de aperfeiçoamento está, especialmente, no curso “Cidade e diversidade: itinerários para a produção de materiais didáticos em História”. Além de me proporcionar a oportunidade de retornar à UFRN como discente, quase dez anos após a conclusão da minha graduação, reconectou-me com o Departamento de História e com alguns dos professores que contribuíram com a minha formação inicial. Reviver esse ambiente universitário, as aulas – mesmo que virtuais - e leituras dos professores Raimundo Pereira Alencar Arrais, Raimundo Nonato A. da Rocha, Helder do Nascimento Viana e Wicliffe de Andrade Costa me trouxeram uma inspiração renovada para minha prática docente e um profundo sentimento de pertencimento ao campo acadêmico.

Sentimento esse que aflorou mais uma vez com o meu ingresso no Mestrado Profissional em História (PROFHISTÓRIA/ UFRN) em 2023, agora como aluno de uma pós-graduação na instituição e no departamento que tanto contribuiu para a minha formação inicial. Ingressar no Mestrado Profissional em História representou a realização de um sonho e um passo importante na busca por novos conhecimentos. Compreendo este programa como uma oportunidade para que professores/as de História da Educação Básica possam refletir sobre suas práticas

pedagógicas, aprofundar seus conhecimentos e desenvolver materiais que enriqueçam sua atuação em sala de aula.

O grande diferencial do PROFHISTÓRIA é seu forte vínculo com a prática de sala de aula. O projeto de pesquisa e a dissertação são construídos com base em questões identificadas diretamente na rotina escolar e no desenvolvimento do trabalho pedagógico. O produto didático gerado busca responder a esses desafios e pode ser utilizado por outros/as professores/as de História, enriquecendo suas aulas. Essa possibilidade de compartilhar conhecimentos e práticas com outros/as educadores/as é, sem dúvida, uma de suas maiores contribuições.

Dentre as disciplinas cursadas no mestrado, “Educação Patrimonial e Ensino de História” foi a que mais chamou minha atenção, pois além de estar imbricada com o meu objeto de estudo, este componente curricular me possibilitou compreender com maior profundidade os conceitos como “memória”, “patrimônio”, “museologia”, “cultura material” e temas locais de História, oferecendo oportunidades para explorar a aplicação prática desses conceitos diretamente no ambiente escolar.

Refletir sobre o Museu Passagem do Freijó como um espaço de prática pedagógica, um local de frutificação e um ambiente que dinamiza memórias, permitindo que professores/as e alunos/as o percebam como um espaço de ensino, conhecimento e reflexão sobre o passado, foram algumas das possibilidades de estudo exploradas nessa disciplina, que contou com as mediações do professor Dr. Roberto Airon Silva, hoje meu orientador.

A visita ao Museu Rural Auta Bezerra, na cidade de Santa Cruz/RN, como atividade de campo da disciplina em 2023, fez-me perceber o quanto esses lugares de memórias e suas culturas materiais merecem ser questionadas, historicizadas e problematizadas, exigindo de nós, professores/as, atenção especial no planejamento pedagógico, sobretudo, na criação de estratégias de ensino e aprendizagem que explorem didaticamente o potencial desses ambientes, buscando conduzir os/as alunos/as a uma visita qualificada. Essas reflexões me fizeram ver a relevância desta disciplina para o andamento do curso e para definir e aprofundar o meu objeto de pesquisa.

Em outubro de 2024, sob a orientação do professor Dr. Roberto Airon Silva, participei do III Congresso do PROFHISTÓRIA, cujo tema foi “10 anos de Profhistória: balanços e perspectivas sobre a formação de professores de História”, realizado na cidade de Belém-PA<sup>11</sup>. Nesse evento, apresentei minha pesquisa no Grupo de Reflexão Docente (GRD), espaço voltado à discussão de questões-problema, abordagens teórico-metodológicas, balanços crítico-

---

<sup>11</sup> Para saber mais do III Congresso do Profhistória, acessar o site do evento <https://www.congresso2024.profhistoria.com.br/>

bibliográficos e experiências no Ensino de História, abrangendo pesquisas concluídas ou em andamento no PROFHISTÓRIA. No meu caso, uma pesquisa em desenvolvimento.

Participar do III Congresso do PROFHISTÓRIA representou uma oportunidade ímpar para meu desenvolvimento profissional e acadêmico. Em um evento dessa magnitude, pudemos vivenciar uma intensa troca de experiências com colegas de diferentes regiões, todos/as com vivências diversas e olhares singulares sobre o ensino de História. Essas interações me permitiram não apenas compartilhar minha trajetória e desafios cotidianos, mas também conhecer práticas e abordagens de outros/as professores/as que enriqueceram minha compreensão sobre o papel do/a educador/a em contextos variados.

A apresentação da minha pesquisa no GRD foi um dos momentos mais marcantes. Poder expor meu estudo, que reflete as particularidades do meu lugar e do meu cotidiano na sala de aula, oportunizou situar minha experiência local em um debate mais amplo sobre a formação de professores/as e o ensino de História. Além disso, ao expor meu trabalho, estratégias de ensino e aprendizagem em História e o Museu Passagem do Freijó, tive acesso a *feedbacks* que desenvolvi para aprofundar minha visão crítica e enriquecer os caminhos da pesquisa, com um olhar renovado para os desafios e possibilidades que o ensino de História oferece.

Esse olhar renovador, fruto da minha trajetória acadêmica e profissional, encontra agora um espaço concreto para se desenvolver: a Escola Municipal Edilton Fernandes. É nesse ambiente educacional que se origina a situação-problema da pesquisa e onde as reflexões construídas ao longo da minha formação ganham materialidade. A realidade da escola, suas demandas e potencialidades, tornam-se o cenário ideal para a construção de uma proposta que dialoga com os desafios do ensino de História e promove novas perspectivas para a prática docente.

## **1.2 - A Escola Municipal Edilton Fernandes: trajetória e protagonismo educacional**

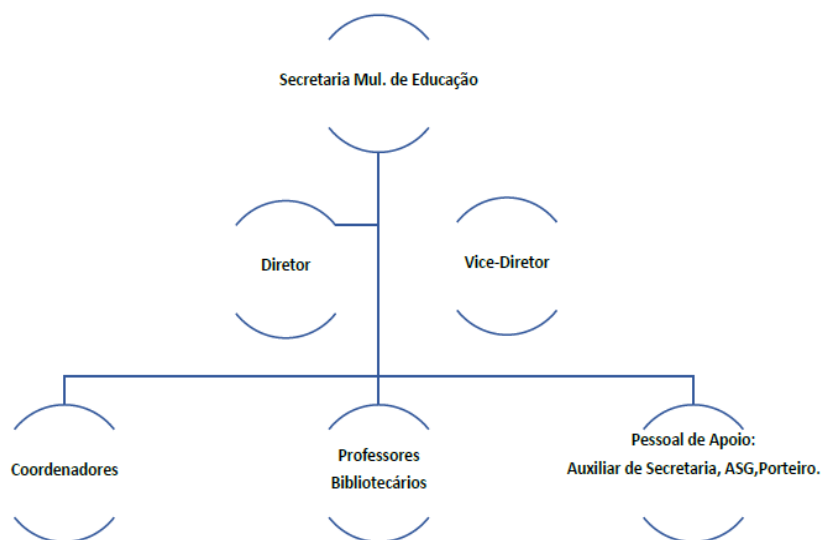
A Escola Municipal Edilton Fernandes (EMEF), está localizada no Bairro Bela Vista, próximo ao centro da cidade de Marcelino Vieira/RN. Sua criação ocorreu por meio da aprovação do Decreto nº 001/03, em 16 de janeiro de 2003, durante a primeira gestão do prefeito Francisco Iramar de Oliveira (2001-2004). O nome da escola é uma homenagem ao ex-prefeito Raimundo Nonato Neto, conhecido por Edilton Fernandes, que foi gestor municipal por duas vezes.

Edilton Fernandes era filho do ex-prefeito Alexandre Nonato Fernandes. Bacharel em Direito pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), atuou por anos como professor no curso de Economia da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), no campus de Pau dos Ferros/RN. Seu primeiro mandato como gestor do município ocorreu entre 1989 e 1992. Foi reeleito em 1996, assumindo a prefeitura no ano seguinte para um mandato de quatro anos. No entanto, no dia 2 de outubro de 1997, Edilton Fernandes sofreu um acidente automobilístico enquanto viajava para Natal/RN, vindo a falecer aos 60 anos de idade. Segundo as palavras do memorialista Valdecir Carneiro do Nascimento (2002), a morte de Edilton Fernandes “deixou uma grande lacuna e a tristeza tomou conta da cidade e de toda a população. O seu sepultamento foi assistido por mais de oito mil (8.000) pessoas” (Nascimento, 2002, p. 115).

A Escola Municipal Edilton Fernandes, que leva o nome do ex-prefeito em homenagem ao seu legado e dedicação à cidade, iniciou suas atividades em fevereiro de 2003, oferecendo ensino para os/as alunos/as do 6º ao 9º ano. Em 2007, ampliou sua atuação para incluir a Educação de Jovens e Adultos (EJA) no segundo segmento (6º ao 9º ano), proporcionando uma nova oportunidade para aqueles/as que, por diferentes motivos, não tiveram acesso à educação na idade regular ou interromperam seus estudos ao longo do percurso escolar.

A sua estrutura organizacional e gestão é composta por um diretor, um vice-diretor, dois coordenadores pedagógicos, dois professores de educação especial, um secretário, dois auxiliares de biblioteca, cinco auxiliares de serviços gerais, dois porteiros e dez professores. A escola é mantida pela Prefeitura Municipal e está institucionalmente vinculada à Secretaria Municipal de Educação, como se pode observar na representação a seguir.

**FIGURA 01 – Organograma da Escola Municipal Edilton Fernandes**



Fonte: Projeto Político Pedagógico da EMEF

Atualmente, a EMEF possui em sua infraestrutura oito salas de aulas, uma sala de professores/as, uma sala compartilhada secretaria/direção, uma biblioteca, três banheiros, um pátio, uma galeria, um almoxarifado e uma sala de atendimento educacional especializado, a única que é climatizada. As salas de aulas por não serem refrigeradas, e dadas as condições climáticas da região na qual a escola está localizada, no turno vespertino o calor fica insuportável, criando um ambiente de abafa e mormaço, deixando os/as alunos inquietos/as e desatentos/as. O acesso à internet funciona em todas as dependências da escola, apesar de não possuir sala de informática. Existem dois equipamentos de multimídia e uma televisão de 32 polegadas, ambos disponíveis para uso dos/as profissionais da escola mediante agendamento prévio junto à coordenação.

Eventos como palestras, reunião de pais e mestres e festividades, segundo o gestor administrativo-financeiro<sup>12</sup>, professor José Rivaldo Fernandes Matias, em geral, são realizados no pátio da escola. Se forem de grande porte, a escola solicita o auditório do Polo de Educação a Distância de Marcelino Vieira<sup>13</sup>. As atividades práticas da disciplina de Educação Física são desenvolvidas na quadra de esporte do bairro, localizada por trás da escola.

A escola funciona nos três turnos (matutino, vespertino e noturno) e possui um público amplo e diversificado. São 206 alunos/as matriculados/as, distribuídos/as em 10 turmas. Destes 206 alunos/as, 112 alunos/as são oriundos/as da Zona Rural do município, o que corresponde a 54% dos/as discentes que frequentam a escola<sup>14</sup>. Esse fato está ligado, principalmente, a campanha de matrículas que a Secretaria Municipal de Educação realiza com as escolas do campo a cada período de início de ano letivo.

Mantidas pelo município, as escolas da zona rural não oferecem vagas para o Ensino Fundamental II, de modo que seus/suas alunos/as são direcionados/as para realizarem suas matrículas na Escola Municipal Edilton Fernandes, permitindo a continuidade de seus estudos. Boa parte desses/as alunos/as do campo residem em até 40 km de distância da sede do município, como é o caso dos/as estudantes das comunidades dos sítios Cacimbas, Exu, Panatis e Boa Vista. Diariamente, eles/as percorrem essas distâncias em ônibus escolares sucateados, em estradas carroçáveis até chegar à escola.

---

<sup>12</sup> As informações foram fornecidas pelo Gestor Administrativo e Financeiro da escola, professor José Rivaldo Fernandes, em 28 de outubro de 2024. O professor Rivaldo é formado em Pedagogia e atua há mais de sete anos na gestão escolar.

<sup>13</sup> Polo de Educação a Distância de Marcelino Vieira é um núcleo universitário mantido pela Prefeitura Municipal e está ligado à Universidade Aberta do Brasil (UAB), com ofertas de vagas para cursos de aperfeiçoamento, graduação e pós-graduação, em parceria com as Instituições Públicas de Ensino Superior.

<sup>14</sup> Os dados foram fornecidos pelo Gestor Administrativo e Financeiro da escola, professor José Rivaldo Fernandes, em 28 de outubro de 2024. Rivaldo é formado em Pedagogia e atua há mais de sete anos na gestão escolar.

É importante destacar que a oferta de vagas para o Ensino Fundamental II não é exclusiva do município. A Rede Estadual de Ensino também disponibiliza essa modalidade. Não obstante, o número de alunos/as da zona rural matriculados/as na rede estadual é consideravelmente menor. De acordo com dados fornecidos pela gestão administrativa da Escola Estadual Padre Bernardino Fernandes<sup>15</sup>, única instituição estadual no município a oferecer o Ensino Fundamental II, os/as alunos/as provenientes da zona rural representavam apenas 15% das matrículas de 2024, dos/as 378 alunos/as ativos/as do quadro escolar.<sup>16</sup>

No tocante ao quadro de rendimentos e das avaliações externas, como é o caso do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB), que tem por objetivo mensurar a qualidade da educação básica brasileira e ser um condutor de políticas públicas em favor da qualidade da educação, a Escola Municipal Edilton Fernandes ainda não está conseguindo atingir seus objetivos no que se refere aos requisitos básicos inerentes ao ensino. Nesse sentido, tínhamos como meta 4,4 para o IDEB de 2023, contudo, chegamos ao resultado de 4,0. Além de não alcançar o êxito, esse resultado é bem distante ao que se pretende a meta 7 do Plano Nacional de Educação (PNE 2014-2024), que para o ano de 2021, apontava como meta nacional 5,5 para os anos finais do ensino fundamental<sup>17</sup>. Meta que se repetiu para o ano de 2023.

**TABELA 01 – Metas do IDEB anos 2015 - 2021**

| Nível de ensino                     | 2015 | 2017 | 2019 | 2021 |
|-------------------------------------|------|------|------|------|
| Anos iniciais do ensino fundamental | 5,2  | 5,5  | 5,7  | 6,0  |
| Anos finais do ensino fundamental   | 4,7  | 5,0  | 5,2  | 5,5  |
| Ensino médio                        | 4,3  | 4,7  | 5,0  | 5,2  |

Fonte: Plano Nacional de Educação – PNE (2014-2024)

Além disso, verificamos que o desempenho da EMEF ficou abaixo das médias nacional e estadual, que tiveram como notas, em 2023, para esse ciclo de ensino 5,0 e 4,1, respectivamente<sup>18</sup>. Esse resultado, em boa parte, pode ser explicado no quadro de rendimento

<sup>15</sup> A Escola Estadual Padre Bernardino Fernandes, que oferece Ensino Fundamental I e II, é a instituição de ensino mais antiga em atividade no município de Marcelino Vieira/RN. Sua fundação data de 23 de outubro de 1962. Para maior contexto histórico, acessar o documentário comemorativo aos 60 anos da escola ocorrido no ano de 2022 e disponível no link <https://www.youtube.com/watch?v=wzdPkgvfhBo>

<sup>16</sup> Os dados foram fornecidos pelo Gestor Administrativo da escola, professor Emerson Ênio de Almeida no dia 30 de outubro de 2024. Emerson é formado em Geografia e atua há mais de três anos na gestão escolar.

<sup>17</sup> Disponível em: <https://pne.mec.gov.br/>. Acesso em: 05 nov. 2024.

<sup>18</sup> Dados disponíveis em <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/pesquisas-estatisticas-e-indicadores/ideb/resultados>. Acesso em: 30 out. 2024.

anual da escola, que no último ano, 2023, ainda apresentou altos índices de reprovação e evasão escolar, sendo estes usados como indicadores pelo IDEB para atribuir notas as escolas<sup>19</sup>. Sobre os dados relacionados à situação do aluno, analisemos a figura a seguir:

**TABELA 02 - Resultados da EMEF ano letivo 2023<sup>20</sup>**

|                   | Total | Aprovação | Reprovados | Transferidos | Deixou de frequentar | Falecidos |
|-------------------|-------|-----------|------------|--------------|----------------------|-----------|
| Matrícula Inicial | 275   | 186       | 53         | 8            | 28                   | 0         |
| Admitidos Após    | 0     | 0         | 0          | 0            | 0                    | 0         |
| Total             | 275   | 186       | 53         | 8            | 28                   | 0         |

Fonte: Secretaria da Escola Municipal Edilton Fernandes.

Dessa forma, de acordo com os dados, dos 275 alunos/as matriculados/as em 2023, tivemos 53 alunos/as reprovados/as e 28 abandonos escolares. Juntos, estes índices somam 81 alunos/as, o que corresponde a 30% das matrículas. A essa realidade, o INEP atribui valores baixos a nota, já que o índice é calculado multiplicando a taxa de aprovação pela média de desempenho dos/as estudantes em Português e Matemática, através dos resultados das provas do Sistema de Educação da Avaliação Básica (SAEB), que avalia os níveis de aprendizagem em Língua Portuguesa - ênfase em leitura -, e em Matemática - ênfase em resolução de problemas.

Ao consultar também o resultado final da avaliação do SAEB-2023 da Escola Municipal Edilton Fernandes, constatou-se que, dos/as 47 alunos/as aptos/as a realizar as provas de proficiência em Língua Portuguesa e Matemática, apenas 40 estiveram presentes. Os resultados foram insatisfatórios: em Língua Portuguesa, numa escala de aprendizagem de 0 a 8, a média dos/as alunos/as ficou em 2; em Matemática, numa escala de 0 a 9, a média também foi 2<sup>21</sup>. Esses resultados contribuem diretamente para a baixa pontuação no IDEB da escola.

Esses números nos causam preocupação, pois é fato que a educação é um dos possíveis caminhos para mudar a vida dos/as jovens de maneira positiva. O resultado negativo e o

<sup>19</sup> O Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) é calculado a partir da combinação da taxa de aprovação escolar com o desempenho dos estudantes em Língua Portuguesa e Matemática no Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB). Para saber mais acessar <https://www.gov.br/inep/pt-br>.

<sup>20</sup> Esse quadro foi apresentado pela Gestão da Escola aos professores no início do ano letivo de 2024, na Semana Pedagógica.

<sup>21</sup> Disponível em: <http://saeb.inep.gov.br/saeb/>. Acesso em 11 nov. 2024.

insucesso de alguns de nossos/as alunos/as nos fazem refletir sobre a nossa prática profissional. Com isso, entendemos que uma das formas de minimizar esse fracasso escolar é buscar, enquanto professor, estratégias de ensino que proporcionem a aprendizagem dos/as discentes, e uma boa maneira de fazer isso no ensino de História é a utilização do diálogo entre o vivido e o pretérito, ou seja, partir da realidade dos/as alunos/as, de seus conhecimentos prévios e de suas experiências de vida para dialogarmos com o passado.

Dessa maneira, sempre que possível, buscamos desenvolver nas aulas meios de proporcionar a melhoria na aprendizagem dos/as nossos/as alunos/as, principalmente através do diálogo, da reflexão sobre o saber/fazer docente, da construção de estratégias que facilitem o entendimento dos conteúdos e conceitos históricos trabalhados em História, como por exemplo, realizando aulas de campo a sítios arqueológicos do município e espaços patrimoniais da cidade como a Igreja Matriz, a feira, o mercado comercial, o cemitério, entre outros lugares de memórias, com o objetivo de tornar as aulas mais palatáveis e que despertem o interesse dos/as alunos/as pela disciplina e que tenham o contato com o fazer histórico.

Nessa perspectiva, o Museu Passagem do Freijó surge como um novo espaço a ser explorado e utilizado de forma didática por nós, professores/as. Por meio desta pesquisa, pretendo contribuir para o desenvolvimento de estratégias de ensino e aprendizagem em História, voltadas para a criação de aulas interativas no museu. O objetivo é ampliar as possibilidades de engajamento dos/as alunos/as, promovendo uma educação mais dinâmica e conectada ao patrimônio cultural local.

Como nos ensina o educador Paulo Miceli (2017), os/as professores/as devem oferecer aos/as discentes desafios e oportunidades de leituras de mundo para além da sala de aula, se possível através de visitas a teatro, museus, biblioteca, exposições e outros espaços promotores de cultura. Tendo-se em mente que o conhecimento histórico é múltiplo, e que os fatos históricos são arranjos e montagens, às vezes intencionais, é ímpar levar os/as alunos/as a conhecer o fazer histórico.

Nesse contexto, a Escola Municipal Edilton Fernandes, apesar das limitações financeiras e do baixo investimento da gestão municipal, tem se esforçado para desenvolver projetos que incentivem a participação dos/as alunos/as nos eventos pedagógicos da escola. Esse esforço é parcialmente viabilizado por recursos obtidos através de ações como rifas, bingos, contribuições dos/as professores/as (as conhecidas “vaquinhas”) e, raramente, por meio de editais judiciais que apoiam o desenvolvimento de práticas pedagógicas nas escolas.

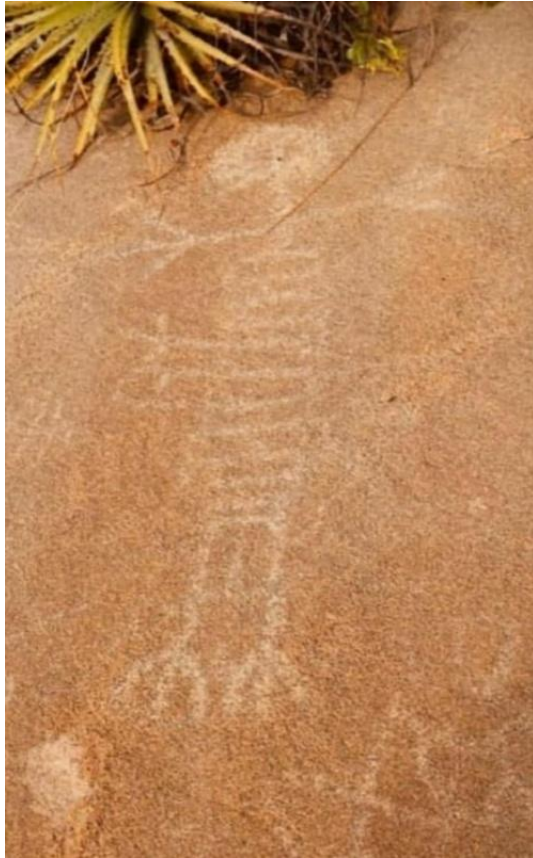
Um exemplo bem-sucedido de trabalho da escola é a Mostra Temática Educacional Cultural (MTEC), criada desde 2007. Trata-se de uma feira de ciências, cultura e arte que

integrada, de forma interdisciplinar, todos os componentes curriculares. Nesse projeto, os/as professores/as são distribuídos/as por turmas e desenvolvem uma temática relacionada aos conteúdos trabalhados em sala de aula ao longo do ano letivo.

A MTEC acontece em novembro, mês em que se comemora a emancipação política do município. Na disciplina de História, a temática local é frequentemente escolhida como foco central para estudo e exposição na feira, proporcionando um aprofundamento nos aspectos históricos da região. Em 2018, em parceria com as professoras de Artes e as turmas dos 9º anos (turmas “A” e “B”), apresentamos o tema “A primeira arte”. Este trabalho destacou a arte rupestre dos indígenas Panatis, povo que habitou parte da região do Alto Oeste Potiguar, mais especificamente onde hoje se localiza o município de Marcelino Vieira/RN. O município preserva em sua história o topônimo Panatis, que atualmente dá nome a um de seus distritos rurais.

Nessa ação, buscamos, entre outros objetivos, incentivar os/as alunos/as a valorizar a história e a cultura indígena da nossa região, destacando o legado indígena na culinária, nos nomes de lugares e, principalmente, oferecendo a oportunidade de conhecerem os sítios arqueológicos do município. Em especial, realizamos uma visita ao sítio do João Brandinho, localizado a 8 km da cidade, dentro da fazenda João Batista. O sítio preserva registros arqueológicos dos Panatis, como gravuras rupestres feitas por meio de picotamentos em pedras. Uma das gravuras, em particular, é uma figura antropomórfica de aproximadamente 1 metro, representando um ser humano com cabeça e membros superiores e inferiores. Essa imagem foi escolhida pelos/as alunos/as para ser reproduzida e apresentada na exposição, no pátio da escola, como se pode verificar nos registros a seguir.

**FIGURA 02 - Gravura rupestre representando um desenho humano (Sítio João Brandinho).**



Fonte: Acervo do autor da dissertação (2018)

**FIGURA 03 - Reprodução da gravura rupestre do Sítio João Brandinho**



Fonte: Acevo do autor da dissertação (Novembro/2018).

Essas ações educativas nos conectam à temática da educação patrimonial em sala de aula, uma vez que sua aplicação desenvolve nos/as alunos/as conhecimentos sobre a preservação desses lugares de memória, além de construir sentimentos de identidade e pertencimento.

Outra iniciativa que merece destaque é o projeto “Cinema na Capela”, criado em 2019, cujo foco é articular a arte cinematográfica com protagonismo juvenil e metodologias ativas, promovendo uma educação que ultrapassa os “muros” da escola. O projeto tem como objetivo capacitar os/as alunos/as para a produção de curtas-metragens que abordem temas relevantes para a sociedade, bem como suas próprias histórias, cotidiano e comunidade, incentivando uma expressão autêntica e participativa.

O projeto funciona como um cinema itinerante, projetando seus filmes nas paredes das capelas e atendendo, principalmente, às comunidades onde residem nossos/as alunos/as, especialmente aqueles/as que vivem no campo. Todos/as os professores/as e alunos/as são envolvidos/as na iniciativa. Semelhante à MTEC, os/as professores/as são distribuídos/as por turmas e, junto com os/as alunos/as, definem uma temática para estudar, elaborar um enredo e, ao final, produzir o curta-metragem, que é a ação central e propositiva do projeto.

Em 2019, uma das produções apresentadas nas capelas foi o documentário sobre a passagem do Bando de Lampião por Marcelino Vieira/RN, no ano de 1927. O curta foi produzido pelos/as alunos/as do 9º ano, sob a orientação dos professores de História. Os/as alunos/as registraram os locais por onde o bando passou, realizaram entrevistas, narraram os fatos e organizaram a edição do filme. Foi uma experiência bem-sucedida que colocou os/as alunos/as como protagonistas e promoveu uma aprendizagem significativa, através de um aprendizado prático e prazeroso, centrado no saber fazer.

**FIGURA 04 - Apresentação do Cinema na Capela (Sítio Vila Ana Henrique, Capela de São Pedro)**



Fonte: Arquivo da Escola Municipal Edilton Fernandes (Outubro/2019).

Essas iniciativas educacionais estão alinhadas com os objetivos descritos no Projeto Político Pedagógico (PPP, 2024, p. 7-8) da escola, que foi atualizado em 2024 e visa proporcionar ao aluno: 1) Pensar e instigar a curiosidade, desenvolvendo a capacidade de agir; 2) Proporcionar a participação em situações nas quais a consciência social, cultural, ambiental, digital entre outras, de forma a proporcionar a construção de sua identidade e 3) Garantir o acesso aos bens culturais, intelectuais e tecnológicos existentes, bem como, vivenciar experiências com as TDICs (Tecnologias digitais de informação e comunicação) no contexto escolar e fora dele.

Esses objetivos são fundamentais para o ensino de História, pois incentivam os/as alunos/as a investigar e compreender o mundo ao seu redor, despertando o interesse pelo passado e pelas transformações sociais e culturais. Isso significa criar oportunidades para que os/as discentes participem de atividades e experiências que ampliem sua percepção e entendimento de questões sociais, culturais, ambientais e digitais. Inclui, por exemplo, incentivar vivências fora do ambiente escolar, como visitas a espaços de memória, como os museus, que preservam e compartilham histórias e patrimônios culturais.

Nessa perspectiva, as experiências vividas nos projetos da MTEC e no Cinema na Capela, estimularam-me a querer trabalhar com o Museu Passagem do Freijó, inaugurado no final de 2022, com o objetivo de ser utilizado como um recurso para ensinar História por meio dos objetos, introduzindo princípios de educação patrimonial e valorizando o estudo da história

local por meio da problematização dos artefatos expostos. Compreendo que a educação histórica é um processo que não se limita à sala de aula e que planejar o ensino de História a partir do acervo do MHCPF expande o aprendizado para além dos livros, promovendo uma conexão significativa com o patrimônio cultural.

Portanto, ao valorizar metodologias que vão além da sala de aula convencional, como as visitas a museus, estamos investindo em práticas que contribuem para a redução dos índices de reprovação e evasão. Os/as alunos/as, ao se verem inseridos/as em um contexto de aprendizado dinâmico e envolvente, tendem a desenvolver maior motivação e engajamento, atuando de forma ativa no processo educativo. Essa vivência permite que os/as alunos/as se tornem protagonistas do saber histórico, ao interagirem com peças que materializam o passado e estimulam reflexões sobre identidades, memórias e a convivência.

### **1.3 - Reflexões acerca do papel da educação patrimonial no processo de ensino e aprendizagem em história**

Para reconhecer o museu como um ambiente de aprendizagem do conhecimento histórico escolar, é fundamental aprofundar as reflexões acerca do papel da educação patrimonial no processo de ensino e aprendizagem em História. Isso envolve refletir sobre como o patrimônio cultural, representado por objetos, memórias e histórias preservadas no museu, pode enriquecer o aprendizado dos/as alunos/as.

A expressão educação patrimonial foi introduzida no Brasil no “1º Seminário sobre o uso educacional de museus e monumentos”, realizado no Museu Imperial de Petrópolis, Rio de Janeiro, em 1983, inspirado no modelo da *Heritage Education*, desenvolvido na Inglaterra. Esse seminário representou um marco para o estudo do patrimônio cultural no Brasil, pois trouxe à tona novas perspectivas e conceitos para a política de preservação do patrimônio no país.

Por muito tempo, a valorização do patrimônio esteve limitada à exaltação de grandes personalidades, aos feitos heroicos desses indivíduos e a monumentos construídos em pedra e cal, restringindo a diversidade de narrativas culturais. O seminário ampliou essa compreensão, colocando em discussão que não é apenas “o belo, o grandioso, monumental e heroico. O Patrimônio histórico cultural está junto ao que é corriqueiro, no cotidiano e nos aspectos mais simples da vida” (Teixeira, 2008, p. 199-211). Esse entendimento reforça a educação patrimonial, definida como

um processo permanente e sistemático de trabalho educacional centrado no Patrimônio Cultural para demonstrar as relações de permanências e mudanças ou de semelhanças e diferenças entre sociedades localizadas em tempos diversos/diferentes, bem como em múltiplos espaços, quanto à forma de pensar, de agir, de produção de um saber, de construir, de habitar, de alimentar, de vestir etc. (Oliveira, 2019, p. 100).

Por essa razão, a educação patrimonial, seja em contextos formais (como escolas) ou informais (como comunidades e atividades culturais), possibilita aos/as alunos/as compreender e reconhecer os bens culturais materiais e imateriais como elementos fundamentais do patrimônio cultural brasileiro. Esse entendimento está alinhado ao artigo 216 da Constituição Federal de 1988, que estabelece:

Art. 216. Constituem patrimônio cultural brasileiro, os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos que se incluem:

- I. As formas de expressão;
- II. Os modos de criar, fazer e viver;
- III. As criações científicas, artísticas e tecnológicas;
- IV. As obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;
- V. Os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico (Brasil, 1988).

Este artigo estimula a adoção de uma perspectiva multiculturalista nos processos patrimoniais, promovendo o reconhecimento, estudo e valorização dos bens culturais das diversas etnias que compõem o Brasil. Possibilita que esses patrimônios sejam amplamente conhecidos e acessíveis à população, sobretudo aos/as alunos/as, contribuindo para a tolerância e o respeito às diversidades culturais.

A proteção assegurada por este artigo da Constituição Federal às manifestações populares, indígenas e afro-brasileiras representa uma tentativa de reparação histórica para estes povos, que foram fundamentais na construção do país. Esse protagonismo, porém, foi frequentemente negado por uma política patrimonial que, em grande parte, tornou-os invisíveis ou, na melhor das hipóteses, tratou-os de forma superficial ou exótica.

Um exemplo desse silenciamento podemos encontrar em muitos museus históricos, que ainda reproduzem uma visão elitista, de forte influência europeia, colonizadora e cristã, deixando de representar de forma adequada as memórias e contribuições de povos indígenas, afro-brasileiros e outros grupos marginalizados como, por exemplo, as contribuições na culinária, religiosidade, manifestações artísticas etc.

Dada a importância da educação patrimonial, cabe ao/a professor/a atuar como mediador/a, possibilitando aos/às alunos/as refletirem sobre essas limitações e a resignificarem o que é apresentado no espaço museal. É pertinente discutir com os/as alunos/as como as coleções que compõem os acervos dos museus foram formadas e quais grupos ou narrativas podem ter sido excluídos. Nessa perspectiva, para além da criação de um roteiro de visita às galerias do Museu Passagem do Freijó, que oriente professores/as na elaboração de aulas interativas com o museu, pretendo fomentar questionamentos críticos, incentivando professores/as e alunos/as a identificar ausências, lacunas e até mesmo preconceitos implícitos na construção do patrimônio exibido.

Para Circe Bittencourt (2018), a educação patrimonial possui um compromisso educacional de respeito à “pluralidade de nossas raízes e matrizes étnicas e deve estar inserido no currículo real em todos os níveis de ensino” (Bittencourt, 2018, p. 23). Esse compromisso educacional favorece os/as alunos/as a valorizar o patrimônio histórico de sua região, a conviver e entender a sua realidade, e reconhecer as múltiplas raízes e matrizes étnicas que compõem a identidade brasileira.

Na perspectiva de construção de intervenções pedagógicas que estejam em consonância com o compromisso referido pela autora citada, existem estudos e materiais que orientam o trabalho com a educação patrimonial. Um exemplo é o “Guia básico de educação patrimonial”, elaborado pelas pesquisadoras Maria de Lourdes Parreiras Horta, Evelina Grunberg e Adriane Queiroz Monteiro, publicado em 1996 pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e lançado em 1999 como material didático para uso nas escolas.

A metodologia do Guia baseia-se na educação por meio do estudo do objeto cultural patrimonializado, estruturando-se em quatro etapas. A primeira é a observação, que envolve a análise direta do objeto. Em seguida, ocorre o registro, que consiste em documentar as informações oferecidas pelo objeto. A terceira etapa é a exploração, na qual se busca complementar as informações por meio de outras fontes. Por fim, a significação acontece quando o sujeito da ação educativa atribui sentido ao objeto (Horta; Grunberg; Monteiro, 1999, p. 11).

No “Guia básico de educação patrimonial”, a educação patrimonial é apresentada também como “um instrumento de alfabetização cultural que possibilita ao indivíduo fazer a leitura do mundo que o rodeia, levando-o à compreensão do universo sociocultural e da trajetória histórico-temporal em que está inserido” (Horta; Grunberg; Monteiro, 1999, p. 4).

Embora o Guia seja considerado uma ferramenta útil para os/as professores/as de História ao problematizar com os/as alunos/as a relação identitária que os indivíduos mantêm,

ou não, com os artefatos culturais, alguns/mas pesquisadores/as apontam a necessidade de uma renovação conceitual e metodológica na abordagem da educação patrimonial, especialmente em museus. Neste sentido, a autora Simone Scifoni (2012) ressalta a importância dessa renovação, enfatizando que,

Qualquer conhecimento deve ser entendido como historicamente datado, como produto de um momento e das reflexões que foram possíveis naquele momento. As práticas de Educação Patrimonial pedem, há muito tempo, que se avance em relação àquelas proposições (Scifoni, 2012, p. 31-32).

Compreende-se assim que as produções que relacionam o ensino de história pautado pela perspectiva da educação patrimonial anseiam a viabilidade de alternativas a novas operações, ações e procedimentos que não estejam centrados numa metodologia unitária. É fundamental aderir a uma educação patrimonial emancipadora, que promova a reflexão crítica e ultrapasse os limites da simples contemplação. Nesse contexto, a “pedagogia do objeto gerador”, proposta pelo professor Francisco Régis Ramos (2004), destaca-se como uma abordagem educativa pautada em uma perspectiva dialógica, que explora os sentidos dos objetos e os conecta ao cotidiano dos/as alunos/as.

Defender essa concepção significa questionar o conceito de “alfabetização cultural” presente no guia anteriormente citado, que adota uma perspectiva etnocêntrica e excludente. Esse entendimento contrasta com o conceito de “antropologia cultural”, que, segundo Átila Tolentino (2016) afirma “ao dizer que é necessário alfabetizar o outro culturalmente, não reconhecemos o outro como produtor e protagonista de sua própria cultura, e colocamos uma cultura (a minha) como superior à outra (a do outro)” (Tolentino, 2016, p. 40-41).

Logo, concordamos que a crítica à chamada “alfabetização cultural” é válida, pois há o perigo de que, nas atividades de educação patrimonial, acabe-se reforçando exatamente aquilo que se pretende combater: uma política patrimonial elitista e excludente, que marginaliza e silencia os bens culturais das classes sociais menos favorecidas. Esse tipo de abordagem perpetua desigualdades culturais e reduz a diversidade, transformando o diálogo cultural em um processo hierárquico e opressor.

A educação patrimonial deve ser vista como um conceito essencial para a “valorização da diversidade cultural, o fortalecimento das identidades e o reconhecimento das alteridades no mundo contemporâneo” (Florêncio, 2012, p. 24). O reconhecimento desse fato, certamente, evidencia a visibilidade de culturas marginalizadas ou excluídas da modernidade ocidental, e que são fundamentais para o estabelecimento de diálogos interculturais e de uma cultura de tolerância com a diversidade.

Refletir sobre práticas educativas de educação patrimonial é pensar de forma transcendente, indo além das paredes, dos quintais e das fronteiras. É incluir as pessoas. Os costumes, os sabores e os saberes. Não mais somente as edificações históricas, os sítios de pedra e cal. “Patrimônio também é o suor, o sonho, o som, a dança, o jeito, a ginga, a energia vital, e todas as formas de espiritualidade de nossa gente. O intangível, o imaterial”<sup>22</sup>.

Diante dessa perspectiva, a escola deve incorporar a educação patrimonial no ambiente escolar, contribuindo para a formação de indivíduos capazes de interpretar o mundo ao seu redor e compreender o universo sociocultural em que estão inseridos. O museu, enquanto espaço de frutificação, de conhecimento e de práticas de educação patrimonial, deve ser abordado de forma crítica, não apenas como um local de contemplação, mas como um recurso educativo que possibilita reflexões sobre as memórias e identidades representadas, bem como sobre aquelas que foram silenciadas ou restauradas.

---

<sup>22</sup> Esse trecho é parte do depoimento de Gilberto Gil em 2008, quando era Ministro da Cultura. Ele pode ser encontrado no artigo FLORÊNCIO, Sônia Rampim. **Educação patrimonial: um processo de mediação**. João Pessoa: Iphan, 2012. p. 26. (Caderno Temático 2).

## CAPÍTULO II

### MUSEU E O ENSINO DE HISTÓRIA

Nesta seção, investigamos o potencial educativo dos museus e sua importância no ensino de História. Discutimos as iniciativas que conectam escolas, ensino de História e museus, abrangendo desde as orientações metodológicas do século XX até as práticas contemporâneas que promovem visitas interativas e reflexivas, capazes de enriquecer a experiência de aprendizagem dos/as estudantes. Apresentamos também a “pedagogia do objeto gerador”, desenvolvida pelo professor Francisco Régis Ramos (2004), como um recurso didático eficaz para trabalhar com o material cultural, por meio da problematização e didatização dos objetos históricos expostos em ambientes museais.

Na sequência, abordamos o conceito e a problematização de “História local”, destacando seus limites e desafios no ensino de História, com ênfase em sua aplicação nos espaços museológicos. Essa análise inclui resultados de questionários de sondagem aplicados a professores/as e alunos/as da Escola Municipal Edilton Fernandes, a partir dos quais foram identificadas percepções, lacunas e oportunidades para o uso pedagógico do Museu Histórico Cultural Passagem do Freijó.

#### **2.1 - O museu enquanto espaço educativo para o ensino de história**

Para procedermos a discussão do museu enquanto espaço educativo para o ensino de História, no esforço de identificarmos as primeiras propostas envolvendo ações conjuntas entre museu e escola, encontramos algumas proposições educativas que derivavam dos princípios da Escola Nova<sup>23</sup>, nas primeiras décadas do século XX, que segundo a historiadora Antonia Terra de Calazans Fernandes (2010), a proposição pregava um ensino ativo e preocupado com a vida social e natural. Um exemplo dessas iniciativas foi a organização de “Museus escolares”, tendo a primeira experiência ao longo das décadas de 1920 e 1930, nos estados de Sergipe, Bahia, Piauí, Pernambuco, Minas Gerais, São Paulo e Maranhão, onde foram regulamentados dispositivos orientando professores/as a organizar pequenos museus nas escolas para auxiliar o ensino, com vistas a estimular hábitos de investigação nos/as alunos/as e um aprendizado ativo: saber colecionar, escriturar e conservar os artefatos.

---

<sup>23</sup> A Escola Nova, também conhecida como Movimento da Escola Nova, foi uma corrente pedagógica que surgiu no final do século XIX e início do século XX, propondo uma educação centrada no aluno e na sua experiência prática. Para uma análise detalhada, ver: SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia**. 40 ed. Campinas: Autores Associados, 2007.

Em outra tendência, no início do século XX, seguindo, também, a orientação das novas propostas educacionais escolanovistas, encontramos orientações para visitas a museus históricos por professores/as e estudantes das séries iniciais. Uma dessas iniciativas foi o “Programa de Ciências Sociais” editado pelo Departamento de Educação do Distrito Federal, em 1934, na época Rio de Janeiro, que incluía conteúdos e atividades para o ensino de História, Geografia e Civismo. O programa trazia indicações de museus e temas para trabalhos em sala de aula. Por exemplo, visitas ao Museu Nacional, à Quinta da Boa Vista, à Casa de Rui Barbosa e à Biblioteca Nacional eram recomendadas, com o objetivo de oferecer aos/às alunos/as conhecimento sobre fatos e episódios da história nacional (Fernandes, 2010).

Nessa mesma perspectiva, citamos Jonathas Serrano (1935) que, em seu livro “Como se ensina História”, de 1935, já sugeria, também, visitas, excursões e passeios a locais históricos, a museus, arquivos, bibliotecas como espaços de aprendizagem e ensino, afirmando que “não é apenas dentro de uma sala de aula, diante de um compendio ou quadro negro que o estudante pode fazer a ideia do que é história ciência: impõe-se a visão direta dos sítios e das fontes de informação” (Serrano, 1935, p. 148).

A abordagem de Serrano (1935) nos faz compreender que, nesse período, já havia uma defesa de um ensino ativo para a didática da História, na medida em que o aprendizado de história não deveria ser restrito ao ambiente convencional da sala de aula, no qual os/as estudantes se limitavam a livros e aulas expositivas. Entendemos, pois, que para os/as alunos/as terem uma aprendizagem significativa desse componente curricular, é crucial que tenham experiências diretas e práticas. Isso inclui visitas a locais históricos e acesso direto a fontes de informação. Essas experiências enriquecem o conhecimento adquirido na sala de aula, proporcionando uma visão mais completa e aprofundada do conhecimento histórico escolar.

As sugestões de visitas a museus permaneceram ao longo do século XX. No ano de 1971 foi lançado o “Guia metodológico para cadernos de História” do Ministério da Educação (MEC), que recomendava aos/as professores/as inserirem em suas aulas atividades fora da escola, como a visita a museus. E nos anos de 1980 e 1990 passamos a ter, de forma mais detalhada, as orientações metodológicas de como o/a professor/a de História deveria proceder em visitas a museus com alunos/as. Como exemplos, destacamos os anais dos encontros “Perspectivas do Ensino de História”, de 1988 e 1996. Nos dois casos foram publicados textos de museólogos/as que apresentaram, para professores/as e universitários/as de História, seus experimentos na construção de atividades envolvendo os museus e a escola.

Nos anais de 1988, um texto do Museu Nacional dos Povos Indígenas (FUNAI), destacou os potenciais pedagógicos dos acervos de etnologia indígena, com o objetivo de

despertar a capacidade crítica dos/as estudantes e seu interesse pela questão indígena<sup>24</sup>. Nos anais de 1996, o artigo “Relação museu/escola: realidade e perspectiva” detalhou os esforços dos setores pedagógicos dos museus para desenvolver métodos didáticos que tratem objetos da cultura material como documentos históricos, promovendo vivências interativas, questionadoras e lúdicas para estudantes em suas visitas às exposições<sup>25</sup>. O objetivo desses estudos era romper com a concepção do/a estudante como um mero recipiente de informações, mensagens culturais e lições variadas, promovendo um ambiente sem espaço para diálogo criativo e crítico. Buscavam superar a ideia de que o museu e os/as técnicos/as que atuam nestes espaços são os/as únicos/as detentores/as do conhecimento, enfatizando a necessidade de interações mais dinâmicas e colaborativas.

Ainda na década de 1990, a professora Heloísa Dupas Penteadó (2011), em seu livro “Metodologia do Ensino de História e Geografia” publicado em 1991, desempenhou um papel fundamental na formação de gerações de professores/as de História e Geografia. Em sua obra, a autora incluiu, ainda que de maneira preliminar, sugestões de trabalho com documentos históricos. Entre essas sugestões, destacam-se a criação de um roteiro para registro de observação de objetos históricos e a produção de redações como produto final das visitas aos espaços museológicos, incentivando uma abordagem mais interativa e reflexiva no ensino dos componentes curriculares referidos.

Como consequência desses estudos produzidos *a posteriori*, a interseção entre escola, museu e ensino de História passou a ser cada vez mais relevante nas discussões sobre o ensino e a aprendizagem em espaços não escolares. Como exemplos, citamos o ENPEH e os Anais do Museu Histórico Nacional, ambos de 2019 que, por meio de simpósios e dossiês, apresentaram e publicaram trabalhos relacionados à temática. Esses eventos destacaram o uso do espaço museal e sua cultura material como um espaço público para fruição de conhecimento, pesquisa e ensino de História.

Em sintonia com essa crescente relevância, entre 2017 e 2022, pelo menos 11 dissertações focadas na relação entre o ensino de História e museus foram defendidas no PROFHISTÓRIA, demonstrando um aumento e a divulgação das pesquisas sobre o papel didático dos museus no contexto da educação básica. Um exemplo são os trabalhos de Lima

---

<sup>24</sup> Estudo produzido por Cláudia Menezes, Beatriz Muniz e Kátia Velloso, no I Encontro Perspectivas do Ensino de História, no ano de 1988. Disponível em: [https://www.abeh.org.br/conteudo/view?ID\\_CONTEUDO=419](https://www.abeh.org.br/conteudo/view?ID_CONTEUDO=419). Acesso em: 12 mai. 2024.

<sup>25</sup> Estudo produzido Adriana M. Almeida, Camilo de Melo Vasconcelos e Ruth Maria Caldeira, no II Encontro Perspectivas do Ensino de História, no ano de 1996. Disponível em: [https://www.abeh.org.br/conteudo/view?ID\\_CONTEUDO=419](https://www.abeh.org.br/conteudo/view?ID_CONTEUDO=419). Acesso em 12 mai. 2024.

(2020), Marques (2022), Pinto (2022) e Rodrigues (2022) que, numa amplitude geral, abordaram em seus estudos os potenciais educativos dos museus, visando desenvolver propostas de ensino de História para incentivar o interesse dos/as alunos/as pela história local, considerando a ausência dessa abordagem nos livros didáticos. Os museus são compreendidos como um meio para preencher essa lacuna. Esse panorama evidencia um interesse crescente e um aprofundamento nos estudos que investigam o potencial educativo dos museus no ensino de História.

Dessa forma, diante da ampliação de novas referências teóricas e práticas, uma das responsabilidades pedagógicas de nós, professores/as, tem sido refletir sobre estratégias em ensino e aprendizagem em História para visitas a museus. Para isso, a bibliografia atual apresenta uma série de premissas que subsidiam esse tipo de atividade. Uma delas é como transformar a visita ao museu em uma aula significativa e entender o que efetivamente se aprende nessas visitas. Isso requer planejamento, atenção e envolvimento da comunidade escolar, sobretudo de nós, professores/as.

Nesse contexto, o papel do/a professor/a de História, como mediador/a no processo de aprendizagem dos/as alunos/as, é proporcionar condições para que problematizem, levantem hipóteses, construam argumentos e formulem conclusões, com base nas exposições presentes no museu ou em outros espaços que lidam com a memória.

Partimos da premissa de que não basta visitar um museu ou uma exposição museológica para que venha a ocorrer um processo educativo. Essa não é uma prática imediata, ingênua. É preciso analisar as várias mensagens que estão sendo comunicadas pelos objetos expostos, pelo próprio museu enquanto objeto gerador e, desta maneira, construir novas significações a partir delas. Assim, exige-se uma postura reflexiva sobre essa ação. Podemos recorrer a perguntas do tipo: como são pensados os museus? Quais narrativas estão presentes? Como acontece a seleção de memória que se deseja preservar?

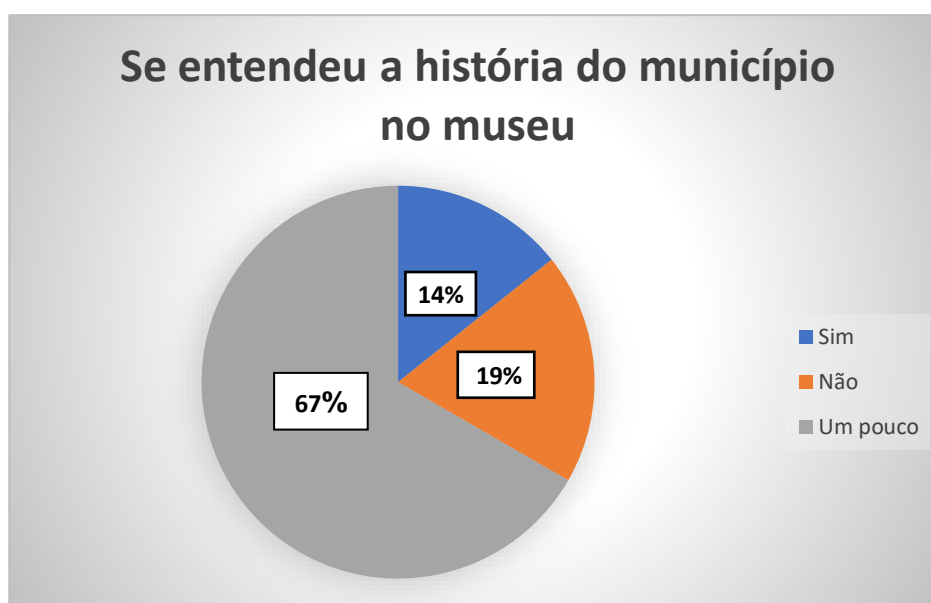
Esse esforço, mediado pela ação pedagógica do/a professor/a, impacta diretamente a percepção dos/as discentes durante a visita ao museu. Tal visita deve ser considerada uma oportunidade para analisar e questionar os objetos expostos, trocar experiências e explorar diversas possibilidades que enriquecem as atividades escolares. Dessa forma, a aprendizagem histórica é ampliada, mostrando que o museu é um espaço dinâmico e carregado de significados.

O que está ali exposto não pode ser visto como mera ilustração ou confirmação do que já foi explanado pelo/a monitor/a ou pelo/a professor/a, mas sim como ponte para empreender investigações e inquietações, uma experiência rica em trocas, em oportunidades de fazer escutar. Dessa forma, fazemos com que as visitas ao museu retirem da inércia as memórias que

estão presentes, possibilitando “chaves de interpretações e reinterpretações”, como lembra Junia Sales Pereira (2008, p.1).

Nesse contexto, as visitas escolares ao Museu Passagem do Freijó, promovidas pela Escola Municipal Edilton Fernandes, não apresentaram benefícios significativos para o aprendizado de História dos/as estudantes, conforme foi evidenciado pelos questionários de sondagem aplicados em 2024 aos/às docentes da escola e aos/às discentes dos 9º anos. Logo, o público discente, quando indagado sobre a compreensão da história do município por meio da exposição do museu durante uma visita escolar orientada pelos/as professores/as, dos/as 21 alunos/as entrevistados/as, apenas 03 afirmaram ter compreendido plenamente, 04 declararam não ter compreendido e 14 indicaram que a compreensão foi apenas parcial. O referido quantitativo pode ser assim representado:

**GRÁFICO 01 - Questionário de sondagem aplicado aos/as alunos/as (I)**



Fonte: Gráfico produzido pelo autor (2024)

A partir dos dados apresentados, fica evidente que a abordagem educacional da exposição do Museu Passagem do Freijó não está sendo eficaz para engajar os/as alunos/as e facilitar uma compreensão mais profunda da História local. Isso pode ser atribuído a diversos fatores, como a falta de clareza nas exposições, a ausência de elementos interativos e, principalmente, possíveis deficiências na condução da visita, a exemplo da falta de matérias didáticos específicos que orientem os/as docentes no preparo de aulas interativas com o museu. Esses fatores indicam que a visita ao museu não está alcançando seus objetivos educacionais e

que é necessário repensar e melhorar a forma como as visitas são organizadas e conduzidas no ambiente escolar.

Para superar essa limitação, é essencial que nós, enquanto mediadores/as da construção do conhecimento, adotemos estratégias que estimulem a criatividade dos/as alunos/as. Devemos promover a problematização das exposições e incentivar o desenvolvimento de ideias em todas as etapas do processo educativo: antes da visita, durante a visita e no retorno à sala de aula. Isso implica romper com a visão estereotipada de que o museu é apenas um depósito de objetos antigos e desatualizados, um espaço estático e monótono que preserva um tempo passado em objetos e legendas.

Em vez disso, o Museu Passagem do Freijó deve ser concebido como um espaço dinâmico de estudo, investigação e questionamento, no qual o passado é reavaliado e recontextualizado à luz das demandas e perspectivas atuais. Dessa forma, transformamos o museu em um lugar vibrante, relevante e engajado, cumprindo efetivamente o que consideramos seu papel educativo e atraente para todos/as os/as visitantes.

A visita ao museu serve então ao propósito de construção do conhecimento histórico pela problematização do que está sendo exposto, o que certamente não significa deixar os objetos “falarem por si”. Enquanto professores/as, devemos entender esses objetos como fontes, portadoras de informações e identificar a historicidade na exposição museal, problematizando, interpretando, comparando narrativas.

Este movimento requer um cuidado metodológico, uma postura consciente, uma conduta planejada de quem deseja produzir situações em que a leitura do objeto museológico não se limita a decodificação, nas quais o estudo das informações da exposição não se confunda com a memorização, e o pensar o passado não se limite a repetição do que já se sabe. Como nos diz Bittencourt (2018):

Os objetos de museus que compõem a cultura material são portadores de informações sobre costumes, técnicas, condições econômicas, ritos e crenças de nossos antepassados. Essas informações ou mensagens são obtidas mediante “leitura dos objetos”, transformando-os em documentos” (Bittencourt, 2018. p. 353).

Assim, entendemos que uma ação educativa eficaz no museu deve avaliar se o/a aluno/a realmente beneficiou-se da visita, ampliou seus conhecimentos, despertou sua curiosidade e espírito crítico, desenvolveu sua sensibilidade, experimentou prazer e estimulou sua criatividade. Sem esses elementos, no nosso entendimento, a visita perde sua qualidade educativa.

Dessa forma, para que essas informações possam ser acessadas e entendidas de forma eficaz, é essencial que exploremos o museu com um planejamento estruturado. Esse planejamento deve incluir a definição de objetivos, a seleção dos objetos e exposições mais relevantes para atender aos objetivos propostos no planejamento e a construção de perguntas e atividades que desafiem os/as alunos/as a pensarem além do óbvio. Isso significa preparar atividades e estratégias didáticas que estimulem a curiosidade, o pensamento crítico e a análise reflexiva. Possibilitar esse ambiente questionador enriquece a qualidade da visita, transformando o museu em um verdadeiro espaço de ensino e aprendizagem. Pacheco (2012) nos alerta para essa necessidade ao afirmar que:

A qualidade da atividade e seu significado pedagógico dependem da qualidade do cuidado do professor no momento do planejamento da atividade. É esta previsão das ações que direciona atenção dos alunos para as atividades didáticas e potencializa o impacto da experiência vivida pelo aluno (Pacheco, 2012, p.69).

Compreendemos, portanto, que o planejamento é uma etapa fundamental para nós, professores/as, pois nos conduz na mediação dos saberes pedagógicos que constituem cada intervenção didática. Para que a atividade educativa no museu ultrapasse os limites de um simples passeio, é essencial que problematizemos o espaço, os objetos e a narrativa museológica, fazendo perguntas como, por exemplo: como são elaborados os museus? Quais narrativas estão presentes? Por que este objeto está aqui e não em outro lugar? O objetivo é engajar os/as alunos/as, incentivando-os/as a socializar e buscar respostas para essas questões. Ao provocar essas inquietações, elevamos a qualidade da visita, fazendo com que o museu se torne um espaço para o ensino e a aprendizagem, e não apenas uma ilustração de uma verdade pronta e acabada.

Partindo dessas considerações, propomos que o/a professor/a deve definir objetivos e considerar três etapas pedagógicas: as atividades anteriores à visita, a visita propriamente e as atividades posteriores. Primeiramente, recomendamos que o/a docente faça uma visita prévia ao museu para se familiarizar com o local e explorar as oportunidades de atividades disponíveis. É fundamental que o/a professor/a examine a exposição oferecida e faça conexões com os objetos do conhecimento do componente curricular o qual ministra. Além disso, avaliar a logística de transporte dos/as alunos/as. Esses preparativos garantem que a visita seja viável e favoreça uma interação pedagógica mais eficaz entre as instituições.

Somente assim o/a professor/a poderá identificar as opções de atividades oferecidas e até mesmo desenvolver ações para os/as discentes, integrando-as de maneira eficaz ao

componente curricular ao qual está vinculado/a. Nessa perspectiva, uma orientação essencial neste momento que antecede a visita é fazer perceber que, em um museu onde a exposição é dividida em salas, como é o caso do Museu Passagem do Freijó, “elas podem ser tratadas como se fossem capítulos de um mesmo livro. E um livro que não precisa ser lido integralmente em uma única visita” (Pacheco, 2012, p. 72).

Dessa maneira, entendemos que não é necessário levar os/as alunos/as para conhecer todos os espaços das galerias temáticas de um museu em uma única visita. O/A professor/a pode focar e especificar a visita apenas à galeria que está relacionada com o objeto de conhecimento que está sendo trabalhado em sala de aula. Acreditamos que essa otimização dos espaços consiga produzir resultados mais interessantes e específicos ao conteúdo trabalhado, evitando uma difusão generalizada de informações sem conexão direta com o tema estudado.

É recomendável que o/a professor/a defina previamente o roteiro junto com os/as alunos/as, especificando quais elementos serão priorizados na atividade didática no museu e a forma de registro que será feita durante a visita – relatório, ficha de observação, uso de fotografia, entre outros. O/A professor/a pode optar por escolher uma sala ou até mesmo um único objeto para que o volume de informações da exposição não dificulte o entendimento do tema que está sendo estudado.

Realizadas essas atividades prévias que antecedem a visita, temos agora o momento da visita propriamente. Nesse sentido, ao chegar ao museu, não é aconselhável que os/as alunos/as desembarquem e adentrem imediatamente no espaço das exposições. Propomos que, antes de acessar as galerias, o/a professor/a retome as orientações que foram dadas em sala de aula e o que espera que seja destacado na visita.

Essas informações são essenciais para o/a professor/a definir suas ações e possibilitar uma visita prazerosa e proveitosa, evitando problemas corriqueiros e implicações negativas (tocar nos objetos, jogar lixo no ambiente, falta de cordialidade com os/as funcionários/as do museu, barulhos etc.). O trabalho em conjunto possibilita mais solidez, atenção dos/as alunos/as e ênfase na mediação e problematização sobre o tema estudado em sala de aula, o objeto exposto e a narrativa que está sendo contada.

Esse é o momento em que os/as alunos/as tem o contato direto com a exposição, com os objetos e a narrativa que está sendo contada. É o momento de se produzir os registros da visita, fotografias, vídeos e anotações e, para se alcançar tal propósito, torna-se importante o/a professor/a acompanhar a realização destes registros, primando pela qualidade e lembrar que estas informações serão utilizadas nas aulas posteriores.

Além das responsabilidades formais, é essencial adotar uma postura proativa e reflexiva ao explorar os indícios mnemônicos presentes nos objetos. Não devemos limitar-nos a aceitar passivamente o discurso da curadoria ou a apenas ler as plaquetas informativas. É fundamental questionar, analisar e interagir criticamente com o que é apresentado, enriquecendo assim a experiência educativa e promovendo uma compreensão mais profunda do conteúdo museológico.

É vital refletir e questionar o papel dos objetos no espaço museológico, compreendendo sua trajetória e o processo de musealização ao qual foram submetidos. Como nos diz Brulon (2017) o caráter museal das coisas deve estar “no centro da intenção gnosiológica da museologia” (Brulon, 2017, p. 410), ou seja, conhecer a trajetória do objeto e o seu processo de musealização. Devemos investigar que tipos de memórias os objetos evocam, reconhecendo que as “verdades” apresentadas no museu não são absolutas e devem ser problematizadas. O museu, como um espaço de memória, apresenta um discurso sobre a realidade que inclui “som e silêncio, cheio e vazio, presença e ausência, lembrança e esquecimento” (Chagas, 2006, p. 30). Engajar-se nesses exercícios críticos pode proporcionar um aprendizado histórico mais significativo e relevante. O importante é desenvolver nos/as alunos/as uma atitude inquisitiva diante do objeto. É essa postura inquisitiva que faz de um objeto comum um objeto de museu, ser portador de musealidade, sentidos.

Essa investigação dos objetos em museus reside, conforme abordado por Bittencourt (2018), “na observação livre, sem mediações e na observação dirigida, com mediações” (Bittencourt, 2018, p. 358). Com a observação pretende-se que o/a aluno/a aprenda a “ver”, seja capaz de parar diante de um objeto, fixar e concentrar o olhar sobre ele. Após essa etapa de observação inicial, partimos para a análise detalhada do objeto.

Essa análise deve considerar questões como: o que é o objeto, de que materiais é feito, como foi produzido e quais técnicas ou ferramentas foram utilizadas em sua fabricação. Também é relevante identificar se o objeto possui elementos decorativos, qual era a sua função, quem o produziu, como era utilizado e sua origem. A partir desse exercício, as exposições museológicas se tornam verdadeiros ambientes de aprendizagem, nos quais o diálogo entre os/as visitantes e os objetos, mediado pela observação crítica e pela problematização dos saberes expostos, enriquece a compreensão dos conteúdos históricos e culturais.

Concluída a etapa da visita, compreendemos que encerrar a atividade com a simples entrega de um relatório não é o recomendável, pois acreditamos que a experiência de visitar o museu é muito significativa para se encerrar desta forma tão simplificada, já que é o momento em que os/as alunos/as devem expor suas impressões sobre a visita e o/a professor/a deve

orientar no sentido de contribuir para o aprofundamento das questões surgidas a partir das impressões registradas pelos/as discentes. Para isso devem ser utilizados os registros feitos durante a visita, uma vez que, conforme sugere Pacheco, é “com base neles que o museu e seus objetos voltam a sala” (Pacheco, 2012, p.77).

Para o momento pós-visita, recomendamos a adoção de algumas estratégias de ensino e aprendizagem que os/as professores/as podem utilizar em seu planejamento e implementar com os/as alunos/as na escola. Uma estratégia que consideramos eficaz é a elaboração de um relatório coletivo, que se baseia nos relatórios individuais dos/as alunos/as. A partir das respostas orais dos/as alunos/as, o/a professor/a pode promover debates sobre as observações e *insights* adquiridos durante a visita, permitindo que os/as discentes compartilhem suas experiências e reflexões, expressem como a visita ao museu impactou sua compreensão sobre o tema e seu interesse pela história e cultura local. Na lousa, o/a professor/a poderá sistematizar o que seria um texto síntese da visita ao museu.

Com os registros fotográficos dos/as alunos/as, pode-se produzir materiais visuais e escritos encorajando-os/as a criar cartazes, apresentações ou murais que representem suas descobertas e interpretações dos objetos e exposições visitadas. Para uma atividade mais elaborada, sugerimos a montagem de uma exposição na escola com os registros da visita. Na exposição podem aparecer as informações históricas resultado dos registros escritos, os registros realizados como fotos, as fichas de observações e os textos produzidos.

Assim, podemos compreender que é preciso superar a ideia de que a visita ao museu se encerre em si mesma. Ao contrário, faz-se necessário um planejamento didático que estabeleça atividades que se iniciem na sala de aula, que se desdobrem em ações concretas durante a visita ao museu - observação direta do objeto e no registro das informações oferecidas - e volte à sala de aula como informação qualificada a ser explorada e confrontada com os demais recursos didáticos.

Deve ficar claro, também, que o papel do museu não é doador de cultura, essa não é a sua função. O debate em sala de aula deve pautar-se na premissa de que o museu pode ser entendido como espaço de reflexão e argumentação e que apresenta narrativas sobre o passado, porém seu papel

não é revelar o implícito, nem o explícito, não é resgatar o submerso, não é dar voz aos excluídos (nem aos incluídos), não é oferecer dados ou informação. Em suma, o museu não é um doador de cultura. Sua responsabilidade é exercitar a reflexão sobre as múltiplas relações entre o presente e o passado, através de objetos no espaço expositivo (Ramos, 2001, p.127).

Partindo das considerações do autor, concebemos que é responsabilidade dos/as envolvidos/as no processo de ensino e aprendizagem reconhecer o museu como um espaço de educação não-formal, essencial para superar a falta de consciência sobre seu potencial educativo. Para alcançar esse objetivo, é fundamental desenvolver projetos educativos que não apenas desconstruam concepções antiquadas sobre o museu, mas também o transformem em um espaço dinâmico de socialização e aquisição de conhecimento.

Nessa linha de pensamento, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC)<sup>26</sup>, em seus fundamentos pedagógicos, ressalta o ensino por competências, baseando-se na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996 (LDB n. 9.394/1996). O referido dispositivo legal propõe, nesse sentido, o estudo do patrimônio histórico-cultural, enfatizando os lugares de memória - os museus - como pontos de acesso a esse conhecimento. Da mesma forma, a identificação de documentos históricos e fontes de informação é um dos objetivos do ensino de História, permitindo ao/a aluno/a compreender e explorar as diversas formas de registro da ação humana. Sendo assim, a BNCC nos recomenda:

desenvolver condições necessárias para que os alunos selecionem, compreendam e reflitam sobre os significados da produção, circulação e utilização de documentos (materiais ou imateriais), elaborando críticas sobre as formas já consolidadas de registro e de memórias, por meio de uma ou várias linguagens (Brasil, 2017).

Corroborando com esses princípios da BNCC, o Plano Nacional de Educação (PNE), especificamente na sua meta 7, diz que devemos fomentar a qualidade da educação básica em todas as etapas e modalidades, com melhoria do fluxo escolar e da aprendizagem de modo a atingir uma melhoria nos índices de aprendizagem dos alunos. Uma das estratégias indicadas pelo PNE para a melhoria da qualidade do desempenho dos/as estudantes é:

incentivar o desenvolvimento, selecionar, certificar e divulgar tecnologias educacionais para a educação infantil, o ensino fundamental e o ensino médio e incentivar práticas pedagógicas inovadoras que assegurem a melhoria do fluxo escolar e a aprendizagem, assegurada a diversidade de métodos e propostas pedagógicas, com preferência para softwares livres e recursos educacionais abertos, bem como o acompanhamento dos resultados nos sistemas de ensino em que forem aplicadas (Brasil, 2014, p. 60).

---

<sup>26</sup> A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento que determina as competências (gerais e específicas), as habilidades e as aprendizagens essenciais que todos/as os/as alunos/as devem desenvolver durante cada etapa da Educação Básica – Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio. A BNCC também determina que essas competências, habilidades e conteúdos devem ser os mesmos independentemente de onde as crianças, os/as adolescentes e os/as jovens residem ou estudem. Disponível em: <https://sae.digital/bncc-o-que-e-qual-e-o-seu-objetivo/>. Acesso em: 06 jun. 2023.

Nesse contexto, o ensino de História desempenha o papel fundamental de desenvolver discentes preparados/as para exercer a cidadania, promovendo a consciência do protagonismo individual na sociedade e na História. Como ressaltam Itamar Freitas e Margarida Maria Dias de Oliveira (2022),

a atividade de ensinar história abrange a mobilização de estratégias, conhecimentos, sentimentos e valores relacionados à Ciência da História com a finalidade de auxiliar no desenvolvimento daquelas capacidades que constituem a consciência histórica: experimentação, interpretação e orientação (Freitas; Oliveira. 2022, p.10).

Desse modo, compreendemos que, ao vivenciar as três operações cognitivas da aprendizagem histórica – experimentação, interpretação e orientação<sup>27</sup> – o/a aluno/a transforma o conhecimento histórico em algo mais que um saber teórico, abstrato e externo. Esse conhecimento passa a ser um instrumento pelo qual compreende o mundo em que vive, convertendo-se em ação e engajamento.

Esse entendimento está alinhado aos estudos de Rüsen (2010) e de Cerri (2011), que destacam que a consciência histórica se manifesta à medida que o/a aluno/a constrói sua identidade histórica e passa a se posicionar como sujeito de sua própria história. Esses autores, também, enfatizam que a consciência histórica é um fenômeno inerente à existência humana, não uma qualidade exclusiva de alguns/mas. Assim, reconhecemos que todos/as, enquanto seres humanos, possuem uma consciência histórica, o que nos leva a discordar da visão de que essa habilidade seja privilégio de poucos/as.

Nessa perspectiva, no contexto escolar, compreendemos que o/a aluno/a não é uma “folha em branco”, “uma tábula rasa”; ao contrário, possui vivências e experiências. Reconhecemos, portanto, que cada aluno/a traz consigo uma bagagem histórica que influencia sua aprendizagem e compreensão do mundo. Diz Cerri (2011) que,

não compete ao trabalho da história na escola formar a consciência histórica dos alunos – eles já chegam com suas consciências formadas em seus traços fundamentais – mas possibilitar o debate, o diálogo, a negociação e a abertura para a ampliação e complexificação das formas de atribuir sentido ao tempo que os alunos trazem com eles (Cerri, 2011, p. 116).

Assim, nós professores/as temos a responsabilidade não apenas de respeitar, mas também de explorar os saberes que os/as educandos/as já possuem. Ao mesmo tempo, cabe a nós estabelecer uma conexão significativa entre os conteúdos curriculares e a experiência social

---

<sup>27</sup> O estudo dessas operações cognitivas da aprendizagem histórica provém dos estudos do teórico Jörn Rüsen sobre aprendizagem histórica e a construção da consciência histórica (Schmidt, 2017, p. 65).

dos/as estudantes, orientando-os/as a refletir criticamente sobre os desafios enfrentados em seu tempo. Mais crucial ainda é criarmos novos pontos de reflexão que possibilitem aos/às alunos/as não apenas compreender, mas também intervir de maneira construtiva no cenário social em que estão inseridos/as.

O ato de ensinar História, portanto, coloca-se em proporcionar condições para que os/as alunos/as desenvolvam sua consciência e a transforme, evoluindo de uma “consciência ingênua (tradicional) para uma consciência crítico-genética” (Schmidt, 2011, p. 62), crítico porque permite os/as alunos/as a formularem pontos de vista e relacioná-los a determinados acontecimentos históricos; genética porque diferentes pontos de vistas podem ser aceitos pois se articulam em uma perspectiva mais ampla de mudança temporal, e a vida social é vista em toda sua complexidade. Dessa maneira, guiaremos nossos/as alunos/as na análise do mundo que os/as cerca de maneira mais complexa, capacitando-os/as a participar ativamente na construção de sua identidade como sujeitos/as históricos/as.

Nessa perspectiva, acreditamos que os espaços museológicos têm o potencial de promover uma consciência histórica crítica para os/as alunos/as e professores/as. Ao problematizarmos as exposições e seus artefatos, permitimos aos/as alunos/as uma aprendizagem histórica que visa saber “selecionar e compreender o significado de objetos e documentos como fontes de memórias e histórias nos âmbitos pessoal, familiar, escolar e comunitário”, como propõe o Documento Curricular do Estado do Rio Grande do Norte para o Ensino Fundamental (DCERN, 2018, p. 985)<sup>28</sup>, mas também estabelecer semelhanças e diferenças, alterações e permanências em seu próprio espaço e em outros próximos ou distantes, de diferentes tempos históricos, e compreender as relações sociais e econômicas do lugar em contexto com as realidades regionais, nacionais e globais. Isso atende às exigências atuais do ensino de História, com o propósito de formar cidadãos/ãs conscientes de seu papel na sociedade, comprometidos/as com a diversidade e a pluralidade.

### **2.1.1 – A Pedagogia do Objeto Gerador: uma prática reflexiva no Ensino de História**

A utilização de objetos de museus como recursos didáticos apresenta um enorme potencial para enriquecer o ensino de História. Integrar esses artefatos ao processo educacional

---

<sup>28</sup> Ressaltamos que além das habilidades citadas acima, o documento cita outras aprendizagens necessárias para o ensino de história como reconhecer espaços de sociabilidade e identificar os motivos que aproximam e separam as pessoas em diferentes grupos sociais ou de parentesco. Para atender o desenvolvimento dessas habilidades, o documento sugere ao professor levar os alunos a visitar museus e lugares antigos que retratem a história da região (DCERN, 2018, p. 985).

permite que os/as estudantes tenham uma experiência tangível e concreta com objetos representativos de um dado contexto, facilitando a compreensão de contextos históricos e culturais. Isso não apenas torna as aulas mais dinâmicas e envolventes, mas também amplia a conexão dos/as alunos/as com o conhecimento histórico.

Essa prática qualifica significativamente a atividade docente ao proporcionar novos meios de engajamento e estimular o pensamento crítico e analítico dos/as alunos/as. O contato direto com objetos históricos pode fomentar uma maior curiosidade e interesse pelo componente curricular, ampliando o repertório cultural e histórico dos/as estudantes. Isso rompe com a rigidez dos métodos tradicionais de ensino, nos quais o conhecimento é transmitido tomando-se como respaldo o saber autoritário do professor.

Explorar os objetos de museus dentro de uma sequência didática bem estruturada, iniciada no ambiente escolar e expandida para visitas aos museus, pode transformar a relação dos/as alunos/as com a História, tornando-a mais acessível e relevante. Partindo dessa premissa, respaldamo-nos na perspectiva da “pedagogia do objeto gerador”, do pesquisador e professor Francisco Régis Lopes Ramos (2004), que tem se dedicado a discutir e refletir a importância dos museus no ensino de História, destacando as possibilidades de trabalhos educativos com objetos geradores.

Um dos objetivos dessa pedagogia é fazer com que os/as professores/as sejam despertados/as para o potencial educativo da história dos objetos, criando não somente um recurso didático para as suas aulas, mas sobretudo fomentando em seus alunos/as o gosto de se aventurar pelos atos de conhecer a História.

Segundo Ramos (2004), a visita ao museu deve começar na sala de aula, com atividades lúdicas que utilizem materiais do cotidiano, como indícios de práticas das relações sociais que circunda a vida dos/as estudantes. Podemos, por exemplo, em sala de aula, utilizar objetos de uso pessoal dos/as alunos/as, fazendo com que cada participante traga de casa um objeto para ser apresentado ao grupo.

Um exemplo prático são “os telefones celulares que os jovens carregam, muitos com variações de modelos, marcas, funcionalidades, cores, que rapidamente se tornam obsoletos” (Lima, 2020, p. 52), pois a indústria capitalista forja em nós uma falsa sensação da necessidade do novo. Por meio de comparações podemos fazê-los/as perceber que o presente é também tempo de mudança e que a obsolescência rápida e a pressão para consumir novos modelos são características comuns em nossa sociedade de consumo. O objetivo é exatamente motivar reflexões sobre as tramas entre sujeito e objeto, perceber que a vida dos objetos são criações e

criaturas do ser humano em sua historicidade. Fazendo isso, a história deixa de ser um pretérito morto para emergir como passado eivado de presente (Lima, 2020).

Essa dinâmica pode ser problematizada em diversos outros objetos do cotidiano, como computadores, televisores, roupas, eletrodomésticos e até mesmo brinquedos. O ato de historicizar e problematizar os objetos podem nos orientar a diversas leituras que permitem inferências diretas e imediatas sobre um sem número de informações. Desse modo, os objetos quando historicizados, “tornam-se fontes excepcionais para entender a sociedade que os produziu ou reproduziu enquanto objetos relevantes” (Meneses, 1998, p. 6).

Além de seus atributos intrínsecos, que incluem propriedades de natureza físico-química - forma geométrica, peso, cor, textura, dureza – os objetos possuem atributos de sentidos, que “são historicamente selecionados, mobilizados pela sociedade e grupos de produção, circulação e consumo” (Meneses, 1998, p. 2). Um brinquedo artesanal, por exemplo, como um pião, uma pipa, uma boneca de pano, um jogo de bilhar, um carro puxado a corda, pode mostrar muito mais do que a sua natureza física; uma vez historicizados podem evidenciar a idade de quem os possuiu, podem servir como formas interessantes de discussão acerca das formas de diversão e lazer de uma época anterior à supremacia dos jogos eletrônicos e das redes sociais. Como nos assevera Ramos (2004),

com atividades vinculadas a historicidades dos objetos na própria sala de aula, o professor incita a percepção dos alunos e aí eles terão o direito de saborear, com mais intensidade, as propostas de reflexão oferecidas pelos museus. Sem problemática no sentido de produzir crítica, a visita perde substância educativa (Ramos, 2004, p. 24).

Concordamos com essa concepção, pois entendemos que é essencial que o/a professor/a, em seu planejamento, inicie com um trabalho prévio na sala de aula com atividades lúdicas e exercitando o ato de ler a história que há nos objetos. Isso, por sua vez, prepara os/as alunos/as para aproveitar melhor as visitas aos museus, nas quais poderão refletir mais profundamente sobre as exposições. A ênfase está na importância de problematizar e produzir análise crítica, fundamento para uma educação cidadã. Sem esse componente, as visitas aos museus perdem seu valor educacional, tornando-se apenas atividades superficiais sem impacto significativo no aprendizado dos/as estudantes.

Defender uma história dos objetos pressupõe, portanto, um estudo da história nos objetos, pois “se aprendemos a ler palavras, é preciso exercitar o ato de ler a história que há nos objetos” (Ramos, 2001, p. 111). Esta é uma atividade baseada na reflexão, e não no reflexo. A prática da pedagogia do objeto gerador não expõe passivamente o/a aluno/a ao objeto, nem exige do/a mesmo/a, num espaço de tempo limitado, a compilação de todas ou da maior parte

das legendas dos artefatos, seguindo passos de uma “educação bancária”, criticada por Paulo Freire<sup>29</sup>. O museu como lugar de fruição, de debate e de conhecimento, não pode se resumir a um mero fornecedor de dados.

Uma das formas de superar este modelo tradicional de visita, é o/a professor/a assumir à prática de fazer perguntas, com o intuito de despertar, no/a aluno/a, reflexões sobre o que está sendo visto, com o cuidado de não assumir (por vezes, de forma tendenciosa) a narrativa da exposição, e sim provocar, no/a discente, a vontade de ver os objetos. A ideia é organizar estímulos que levem os/as estudantes a pensar sobre o que se foi, o que se é, e o que pode vir a ser.

Em vez de uma simples compilação de informações baseada no reflexo e no saber autoritário do/a professor/a, propomos uma reflexão a partir do contato com os objetos. Este exercício deve considerar o cotidiano e a práxis do diálogo, estabelecendo o conhecimento do novo a partir da experiência vivida. Trata-se de uma conversa entre o que já se sabe e o que ainda se vai aprender – uma leitura dos objetos como um ato de buscar novas interpretações. Isso permite que o/a aluno/a descubra que os museus são fontes de saber, “abre vias de acesso para fruição cognitiva, pois ele mesmo torna-se responsável pelo ato de responder à provocação colocada” (Ramos, 2004, 114).

Nessa perspectiva, o/a aluno/a é incitado/a a inquietar-se, estranhar, investigar, propor e debater. Há nesta ação educativa o convite à desconfiança das narrativas unívocas e das versões consagradas tidas como únicas formas de pensar a História. Logo, o valor simbólico dos objetos demanda um diálogo, uma interpretação, uma vez que são as perguntas que lançamos aos objetos que conferem sentido à peça, à exposição e ao museu como um todo. Se a visita não provocar algum questionamento, o/a professor/a perde seu papel de orientar os/as estudantes para além da coleta de informações.

Nesse contexto, concordamos com Ramos (2004) quando afirma que a “pedagogia da pergunta” em ambientes museais, utilizando o diálogo e questões históricas cuidadosamente planejadas, pode abrir caminho para diversas possibilidades interpretativas e múltiplas temporalidades evocadas pelos patrimônios. Nos museus, encontramos diversas interpretações dos significados simbólicos dos acervos mnemônicos, bem como conflitos e disputas de poder. Sendo assim, ao serem selecionados como parte de um acervo, os objetos organizados em

---

<sup>29</sup> Paulo Freire critica a “educação bancária”, na qual o/a professor/a deposita informações nos/as alunos/as, que passivamente recebem o conhecimento. O referido educador propõe uma educação dialógica, na qual o conhecimento é construído de forma colaborativa. Para mais detalhes, ver: FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, p. 58-74.

coleções adquirem uma nova valorização, encontram, no museu, uma “nova casa, nova utilidade, incorporando novas histórias e funções” (Nery et. al, 2020, p. 112). Nessa linha, Ulpiano Bezerra de Meneses (1980) afirma:

nas coleções justamente, tem-se o esvaziamento total das funções originais das coisas, de maneira que, por exemplo, um tapete deixa de ser uma cobertura da sala, uma arma deixa de ser um artefato de ataque e defesa, um vaso deixa de ser um vaso, um relógio deixa de ser um relógio e tudo se transforma em objetos de coleção (Meneses, 1980, p. 5).

Esses novos significados atribuídos aos objetos em uma exposição estão ligados às narrativas construídas no âmbito das coleções e refletem tanto os interesses dos/as organizadores/as quanto a abordagem pedagógica direcionada ao olhar e à observação dos/as visitantes. Em outras palavras, qualquer exposição museológica deve ser considerada um “caleidoscópio” de leituras e interpretações. Esses significados podem variar de acordo com a perspectiva do/a visitante e as questões que surgem durante a observação.

O ato de expor não se entende enquanto atitude, postura diante e dentro do mundo histórico. No espaço expositivo, o objeto passa por uma metamorfose e ao tornar-se peça do museu, entra em uma reconfiguração de sentidos. Esse processo de musealização consiste, segundo Olívia Silva Nery (2020), num conjunto de etapas pelas quais uma peça perpassa ao ser incluída dentro de um museu: “(1) pesquisa, (2) seleção, (3) aquisição/documentação, (4) conservação, (5) comunicação, (6) pesquisa de recepção” (Nery et. al, 2020, p. 115). E logo, atuando em cadeia, essas etapas da musealização se retroalimentam.

E apesar de adquirirem novas percepções e mudanças de sentido no espaço museológico, seu poder criativo reside nas informações que podem ser obtidas a partir de investigações, uma vez que os documentos não falam por si, mas respondem às demandas e questões problematizadas pelos/as pesquisadores/as, e para o que interessa especificamente nesta pesquisa, por professores/as e alunos/as. Ramos (2001) nos ensina que qualquer exposição “é sempre uma leitura possível e, por isso, nunca pode ser considerada um conhecimento acabado” (Ramos, 2001, p. 115).

Desta forma, ao propormos questões fundamentadas com os objetos geradores não estamos buscando um método, mas sim construindo uma prática pedagógica que possibilite novas leituras sobre nossa própria historicidade, a partir de vestígios, fontes de itinerários dos possíveis. Além disso, ser um veículo de formação do pensamento crítico e atuante em outros espaços de convivência, além do museu.

Independente do lugar, devemos adotar uma postura crítica nas exposições utilizando comportamentos que evitem “fetichizar” os objetos (mistificando e mitificando-os), evitem a metonímia nos objetos (tomando a parte pelo todo quando queremos, por exemplo, reforçar as identidades e a cultura de um grupo), bem como evitar usar a metáfora nos objetos (quando os objetos são utilizados apenas para ilustrar sentidos, conceitos, ideias de fora, de fontes externas). O potencial educativo dos objetos geradores reside, portanto, no exercício de “alargamento do nosso ser no mundo, da experiência de viver a historicidade do ser que dá existência a nós ao mundo, em suas múltiplas relações” (Ramos, 2004, p.121).

Uma abordagem crítica em uma exposição requer a habilidade de discernir, filtrar, distinguir, questionar, observar, analisar, refletir e interrogar com base e a partir dos artefatos. Os museus, enquanto laboratórios históricos, oferecem uma compreensão que é sempre parcial e provisória, sujeita a revisões constantes. Isso proporciona um potencial significativo para o ensino de História, pois permite explorar e gerar novos conhecimentos ao reconhecer os objetos de museus como fontes dinâmicas e em constante transformação.

## **2.2 - Conceituando e problematizando a história local**

No contexto escolar, o papel dos/as docentes é marcado por desafios contínuos. Muitos/as professores/as de História, em particular, têm se dedicado em enriquecer suas aulas diárias com discussões sobre a localidade onde os/as alunos/as vivem. Esta estratégia não só é válida, mas também enriquece o ensino de História, tornando-o mais envolvente e interessante para os/as estudantes.

Embora o ensino de história local e sua problematização sejam vistos positivamente e incentivados, requerem uma reflexão cuidadosa: atenção à sua historicidade, aos conceitos e compreensão de seu uso como conteúdo e estratégia pedagógica no processo de ensino e aprendizagem em História para, assim, podermos manuseá-lo de forma coerente e, por conseguinte, direcionar seus usos de maneira eficaz e consciente.

Nesse sentido, sem a devida atenção, o potencial educativo da História local pode tornar-se infrutífero ou superficial. Desse modo, partindo da necessidade dessa reflexão, concorre explorar questões fundamentais sobre o tema, como por exemplo: O que entendemos pelo termo História local? Como a História local pode contribuir para a aprendizagem do conhecimento histórico escolar?

A definição que mais subsidiou esse trabalho foi a cunhada por Márcia de A. Gonçalves (2007). Na perspectiva da autora,

a história como conceito polissêmico, remete a dois grandes sentidos, quais sejam, a história como experiência, a história como conhecimento. O adjetivo local, por sua vez, responde por uma qualificação que estabelece a circunscrição de um lugar. Esse sentido se manifesta mais claramente no uso do verbo localizar, qual seja, situar algo em um lugar, o que, por outro lado, nos leva a uma ação. A história local é, em intrínseca complementariedade, conjunto de experiências de sujeitos em um lugar e, também, o conhecimento sobre o conjunto dessas experiências (Gonçalves, 2007, p. 117).

A reflexão da autora aponta três elementos básicos para pensarmos o trabalho com História local: um lugar; as experiências dos/as sujeitos/as do lugar; o conhecimento construído sobre as experiências nesse lugar. Partindo dessa perspectiva, a autora referida anteriormente nos remete ao entendimento de que o “local seria um recorte eleito por aquele que desejasse refletir sobre as experiências de sujeitos humanos em espaços sociais delimitados” (Gonçalves, 2007, p. 177).

Neste sentido, compreendemos que a noção de local transcende a dimensão puramente geográfica ou espacial, pois não é algo que nos é dado a priori, nem está simplesmente demarcado em um mapa administrativo. Trata-se, antes, de uma construção social elaborada pelo/a historiador/a, pelo/a pesquisador/a, pelo/a professor/a. Em outras palavras, “local” é uma construção social e não apenas um conceito geográfico e muito menos o que pensam os matemáticos e os físicos que o concebem como uma unidade quantificada pela grandeza cartesiana. Tal como Gonçalves (2007), o sociólogo e urbanista francês, Alain Bourdin nos assevera que o “local é, pois, um lugar privilegiado de manifestação e sociabilidade” (Bourdin, 2001, p. 42), marcado pela proximidade e pela contiguidade das relações entre os sujeitos que as estabelecem.

Em síntese, concebemos a História local como o estudo das experiências humanas em um determinado local e suas interações. Trata-se do resultado de investigações sobre um conjunto de ações humanas, expressas pelas experiências dos indivíduos envolvidos, delimitadas a um espaço específico. Resumidamente, implica um saber sobre as questões do lugar, as experiências humanas que lá ocorrem e os modos de vida de seus habitantes.

Na esteira das considerações apresentadas por Gonçalves (2007) e Bourdin (2001), Aryana Costa (2019) esclarece que a História local não precisa ser somente a história da cidade ou do Estado, muitas vezes nos mesmos moldes de uma história nacional, e sim, para um melhor aproveitamento de estudo, os temas podem ser os mais variados possíveis como: a história da própria comunidade escolar, do bairro, de instituições como grupos religiosos, de temas como saneamento, saúde, lazer, de atividades como feira, práticas agrícolas. Percebemos que, nesse

ponto, há um universo de diferentes escalas que podem ser exploradas, e que se postam como uma ótima oportunidade para a atuação de nós, professores/as, propiciarem um ensino mais próximo e mais vivencial ao/a aluno/a, tendo como ponto de referência e de partida, as transformações próprias pelas quais passou a realidade local (Costa, 2019, p. 134).

Essa discussão também se faz presente nos dispositivos legais que regem a educação do Brasil, imprimindo diretrizes, orientações e reafirmando a importância da disciplina de História - História local - no currículo escolar.

O estudo da História local tem sido uma parte importante do currículo escolar desde a década de 1930, sendo usado como recurso didático e técnica de ensino. Em 1971, com a Lei n. 5692/1971 e o parecer 853 do Conselho Federal de Educação (CFE), ocorreram mudanças significativas. Essas modificações incluíram a integração social nas primeiras séries do Ensino Fundamental, com o objetivo de ajustar os alunos ao seu meio ambiente. Nas séries finais, a História local foi incorporada aos Estudos Sociais, agora uma área de estudo formal. O currículo enfatizava o estudo do ambiente imediato e mais simples, progredindo para contextos mais distantes e complexos: do indivíduo à rua, ao bairro, à cidade, à região, ao país e ao mundo, seguindo uma concepção geográfica conhecida como Círculos Concêntricos (Schmidt, 2007, p. 188).

Na década de 1990, com a aprovação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB n. 9.394/96), o ensino de história local ganhou novo impulso, determinando que os currículos da educação básica devem abranger além dos grandes eventos nacionais e mundiais, a história da própria comunidade, exigindo-se que os objetos do conhecimento contemplem as características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e dos/as educandos/as.

Outros documentos que norteiam a prática docente também referenciam a contribuição da História local no processo de ensino e aprendizagem do conhecimento histórico. Com a publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), na segunda metade da década de 1990, pelo Ministério da Educação (MEC), a História local foi tomada como um dos eixos temáticos dos conteúdos de todas as séries do Ensino Fundamental e como perspectiva metodológica em todas as séries da escola básica. A ideia era valorizar o estudo do meio como um recurso pedagógico privilegiado, permitindo aos estudantes desenvolverem progressivamente um olhar indagador sobre o mundo ao seu redor (Schmidt, 2007, p. 189).

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de História para o Ensino Fundamental, “a preocupação com os estudos de história local é a de que os alunos ampliem a capacidade de observar o seu entorno para compreensão de relações sociais e econômicas no

seu próprio tempo e reconheçam a presença de outros tempos no seu dia a dia” (Brasil, 1997, p. 40). E seguindo o que pressupõem os PCN, perspectivas como essas não estariam relacionadas tão somente a preocupação com o que se define como identidade nacional, “mas sobretudo no que a disciplina pode dar como contribuição específica ao desenvolvimento dos alunos como sujeitos conscientes, capazes de entender a História como conhecimento, como experiência e prática de cidadania” (Brasil, 1997, p. 25).

Com base no exposto, entendemos que a perspectiva do ensino local apresentada pelo documento é de propiciar ao/a aluno/a o saber de fazer comparações, estabelecer semelhanças e diferenças, alterações e permanências em seu próprio espaço e em outros próximos ou distantes, de diferentes tempos históricos, bem como, a compreensão das relações sociais e econômicas do lugar em contexto com as realidades regionais, nacionais e globais. Ademais, a disciplina visa contribuir com a formação da consciência histórica crítico-genética dos/as alunos/as, conferindo-lhes papel histórico ativo na transformação social da realidade a qual estão inseridos/as.

Sob essa ótica, a História local pode ser considerada uma estratégia eficaz de ensino. Ela oferece uma abordagem de aprendizagem que facilita a construção e a compreensão do conhecimento histórico, baseada em temas que se alinham aos interesses dos/as alunos/as e suas conexões cognitivas e afetivas. De igual modo, partir da História local possibilita que o/a aluno/a se insira na comunidade da qual faz parte, crie sua própria identidade e reconheça seu papel e o do seu entorno na História. Isso permite que compreenda como sua historicidade se constitui e se desenvolve em relação aos/as outros/as, percebendo a intersecção entre sua vida pessoal e os elementos históricos externos.

Além disso, a História local, como estratégia de ensino e aprendizagem, possibilita a criação de atividades investigativas fundamentadas em realidades cotidianas. Isso inclui trabalhar com documentos e materiais auxiliares, buscar informações em arquivos, acervos, pessoas a serem entrevistadas, monumentos e, principalmente, em museus, e dessa forma explorar o significado dos eventos históricos.

Mobilizar “matéria-prima” propicia uma visão do *making of* da História, de uma primeira incursão em como ela é produzida. Quanto mais os/as alunos/as tiverem a oportunidade de trabalhar com fontes mais poderão progredir na aquisição de saberes e práticas vinculadas à análise e à interpretação de dados a partir da formulação de problemas e, mais aguçarão a curiosidade e despertarão o interesse para saber mais sobre a sua localidade.

A esse respeito, na proposta da BNCC, o/a professor/a é orientado/a a estimular os/as alunos/as a adotarem uma “atitude historiadora” frente aos objetos, que por meio dos processos

de “identificação, comparação, contextualização, interpretação e análise” se tornariam inteligíveis e compreensíveis por meio de uma prática retórica (Brasil, 2018, p. 398). Nessa abordagem, o/a aluno/a, por meio da “atitude historiadora”, é colocado/a na posição de investigador/a e questionador/a dos objetos e fatos históricos. Isso permite que considere sua própria experiência e desempenhe um papel ativo diante dos objetos de conhecimento.

Ao lado dessas possibilidades, destacamos a importância do trabalho com os museus, que é o foco desta pesquisa. Os museus têm o potencial de se tornar espaços para debate e elaboração de propostas para o desenvolvimento de um ensino de História que trate metodologicamente os objetos do conhecimento a partir da realidade local. Acreditamos que, ao problematizarmos as exposições e seus artefatos, proporcionamos aos/às alunos/as uma aprendizagem histórica mais significativa e próxima da realidade na qual estão inseridos/as. Isso os/as capacita a selecionar e compreender o significado de objetos e documentos como fontes de memória e histórias, tanto em âmbitos pessoais e familiares quanto escolares e comunitários.

Promover o diálogo do ensino de História local – o município de Marcelino Vieira/RN - e os usos didáticos que o museu pode ofertar, permitirá aos/às alunos/as compreenderem que a História não se restringe ao conhecimento veiculado principalmente pelos manuais didáticos e que, na verdade, os objetos de conhecimento da História podem ser encontrados em todos os lugares, que o conhecimento histórico está na experiência humana. Não se trata de escrever uma história do município de Marcelino Vieira/RN na perspectiva das obras de memorialistas locais<sup>30</sup>, que se propuseram a narrar aspectos genealógicos, políticos e econômicos da cidade, mas recontá-la e ensiná-la em outra perspectiva, ou seja, a partir da problematização da cultura material presente no museu municipal, tornando-a fonte excepcional para o processo de ensino e aprendizagem em História.

Acreditamos que, ao adotar uma perspectiva crítica sobre os saberes difundidos nesse espaço, minimizaremos a reprodução de narrativas memoráveis de um determinado grupo como a única e “verdadeira” história do passado, narrativas ainda tão presentes nas expografias de museus históricos nacionais, que tradicionalmente legitimam a glorificação dos “grandes

---

<sup>30</sup> Os livros em referências são as publicações dos memorialistas João Bosco Queiroz Fernandes (2000), intitulado “Marcelino Vieira: apontamento para a história do município”; e de Valdecir Carneiro do Nascimento (2002), cuja obra é “Marcelino Vieira: sinopse de sua história e linhagens de famílias”. Esses trabalhos se dedicaram a sistematizar a história de Marcelino Vieira/RN traçando um perfil meramente informativo, reproduzindo a história do poder local e das classes dominantes, limitando os/as alunos/as a conhecerem nomes de personagens políticos, destacando a vida e obra de antigos prefeitos, não deixando espaço para múltiplas interpretações dos fatos e a inclusão de novos sujeitos, que estão contemplados ou institucionalizados pelas narrativas oficiais.

nomes” e dos acontecimentos que devem ser lembrados, reforçando a narrativa dos grandes heróis da nação e tendo a função de formar e fortalecer a identidade nacional.

### **2.2.1 - O Ensino de História Local: desafios e possibilidades**

Conforme mencionado anteriormente, a perspectiva de ensino da História local é considerada positiva e incentivada. Essa abordagem não apenas trabalha os objetos do conhecimento a partir da realidade local, mas também visa reconstruir a relação dos/as estudantes com o local, promovendo sentimentos de pertencimento e identificação. No entanto, apresenta desafios inerentes à concretização do trabalho docente, exigindo, portanto, alguns cuidados.

Um problema inicial que nós, professores/as, enfrentamos ao trabalhar com a História local é tratá-la com o mesmo personalismo e elitismo da História tradicional nacional, como a conhecemos. Ou seja, reduzir a História local à narrativa oficial dos chamados aspectos políticos, uma historiografia preocupada com a genealogia da nação, com os “feitos dos heróis”, com “grandes acontecimentos políticos”, com os “grandes personagens” da história nacional.

Essa produção historiográfica esteve atrelada as ideias do Positivismo,<sup>31</sup> uma escrita histórica baseada em registros oficiais, emanados do governo, com uma narrativa linear dos acontecimentos e pautada à conduta cívica e patriótica. Uma história construída a partir “da valorização do homem branco, ligado a descendência europeia e cultura religiosa cristã” (Macedo, 2017, p. 59).

Esse risco surge, por exemplo, quando nos restringimos a utilizar apenas materiais como compilações de memorialistas, folhetos produzidos por representantes políticos da localidade ou região, documentos de órgãos administrativos, ou publicações de famílias de políticos notórios. Essas fontes tendem a promover determinadas figuras e seus feitos, considerados notáveis, em detrimento da ampla gama de experiências vividas pela população local. Esta prática limita a compreensão mais rica e diversificada da História local que é fundamental para um ensino de História engajador e inclusivo.

Sobre essa análise do local, Horn e Geminari (2006) defendem que

---

<sup>31</sup> O Positivismo é uma das doutrinas filosóficas derivadas do Iluminismo e tem como um dos precursores o francês Augusto Comte (1798-1857). A História do ponto de vista positivista, é escrita como uma sucessão de acontecimentos históricos direcionados para o progresso da humanidade a fim de alcançar o estado positivo. (Padilha; Nascimento, 2015, p. 125).

Uma nova perspectiva para o ensino de História não pode ficar limitada a uma concepção de história que apenas destaque os segmentos dominantes da sociedade. O conhecimento histórico escolar tem o desafio de superar tal obstáculo, objetivando uma noção mais ampla, onde as classes populares sejam também inseridas em suas análises. Um ensino de História mais próximo da grande maioria dos alunos brasileiros, oriundos de famílias pobres (Horn; Germinari, 2006, p. 124).

Sob essa perspectiva, reconhecemos que restringir o ensino da História aos “grandes feitos e heróis” é uma prática excludente, que silencia a diversidade de vozes e perspectivas presentes em uma sociedade. Nesse sentido, é essencial adotarmos em sala de aula uma abordagem mais social, que busca reconstruir o conhecimento histórico a partir da realidade local e valorizar as narrativas dos/as sujeitos/as historicamente silenciados/as: as mulheres, os escravizados, os indígenas, as crianças, os trabalhadores, os camponeses e tantos/as outros/as marginalizados/as pela escrita da História. A abordagem referida não apenas enriquece o ensino de História, mas também promove uma compreensão mais inclusiva, plural, democrática e completa do passado, sem invalidar a presença e constituição dos grupos dominantes.

No caso do Museu Passagem do Freijó, é crucial atentarmos para essas questões. Elas nos permitem refletir e desenvolver estratégias de ensino e aprendizagem que se baseiem na problematização desse espaço, transformando-o em um lugar que contribua para uma formação crítica sobre o uso do passado. Isso inclui a preservação ou resistência às narrativas oficiais, muitas vezes apresentadas sob uma perspectiva eurocêntrica e colonial da História, que privilegia conquistadores, famílias tradicionais e figuras ilustres, em detrimento das comunidades indígenas, afrodescendentes e outras minorias étnicas que também desempenharam papéis significativos na formação do município.

Como lugar de memória, compreendemos o museu como um espaço no qual “a memória é exercida, estruturada, hierarquizada e produzida” (Nora, 1981, p. 54)<sup>32</sup>, principalmente a partir dos interesses em disputa. Nessa perspectiva, os museus se configuram como locais nos quais as memórias evidenciam os sentidos e os sentimentos de uma sociedade ou de grupos que buscam preservar suas memórias para se reconhecerem nas narrativas selecionadas ou exercerem determinadas formas de poder.

É imperativo questionar os museus, pois, ao mesmo tempo em que apresentam memórias por meio de uma seleção permeada por escolhas políticas, ideológicas e institucionais, existem outras memórias ausentes, silenciadas, e esses silêncios proporcionam

---

<sup>32</sup> Pierre Nora é um historiador francês da terceira geração da Escola dos Annales, associado ao campo da chamada Nova História. É reconhecido pelos seus trabalhos sobre a identidade francesa e a memória, o ofício do historiador. Organizou um livro sobre o conceito lugares de memória, pelo qual recebeu o Prêmio Gobert em 1993.

reflexões tão relevantes quanto as expressões faladas. Portanto, como nos ensina Átila Tolentino (2017), analisar os museus de forma crítica “é analisar como os sujeitos sociais estão ali representados e verificar de que forma os discursos museológicos foram construídos e como estão sendo apropriados pelos diferentes públicos do museu” (Tolentino, 2017, p. 2).

Outra questão que merece nossa reflexão sobre o ensino da História local é que nem sempre nós, enquanto professores/as, temos atentado para a riqueza sociocultural, política e econômica que o tecido local — cidade — oferece para a aprendizagem escolar. Em outras palavras, muitas vezes o local é concebido como uma unidade estanque. No entanto, a cidade, assim como o cotidiano das pessoas, possui relevâncias e representações históricas em seu tecido urbano. Como assevera Schmidt (2007),

alunos e professores podem identificar indícios da experiência humana do passado sob diferentes formas: a) na realidade cotidiana (observando os objetos, a arquitetura familiar, os espaços de convívio familiar), b) na tradição (nas festas e lares familiares); c) na memória (os depoimentos); d) no conhecimento histórico sistematizado (Schmidt, 2007, p. 195).

Dessa maneira, compreendemos que a aprendizagem em História não ocorre apenas no espaço escolar e no uso exclusivo dos manuais didáticos. Ela também se manifesta em outros espaços não escolares e vai além dos documentos escritos considerados oficiais e como relato da verdade histórica. O ensino e a aprendizagem de História podem se revelar, quando planejados e problematizados, em praças, museus, arquivos, ruas, prédios, igrejas, artefatos, procissões, rezas, cemitérios, receitas de comidas, fotografias de famílias, entre outros. Esses lugares e objetos exalam histórias que precisam ser questionadas e contadas.

Esse pensamento dialoga diretamente com os fundamentos da História Pública<sup>33</sup>, que estimula práticas de ensino no campo historiográfico e discute o papel dos/as historiadores/as e professores/as de História. Propõe que o ensino de História estabeleça diálogo com novos espaços de memória, tais como acervos, bibliotecas, arquivos, museus, e outros, indo além das paredes das escolas e da academia, e assim desenvolva formas mais democráticas de elaboração e aprendizado histórico.

---

<sup>33</sup> Os primeiros estudos sobre História Pública ocorreram na década de 70 do século XX, nos Estados Unidos, em meio a uma crise econômica. Nesse debate, abriu-se a discussão de que os/as historiadores/as poderiam/deveriam atuar em espaços públicos, que extrapolassem à academia, como acervo, museus e arquivos. No Brasil, os estudos datam da década de 1990, da necessidade de atender as demandas de memórias após o fim da Ditadura Militar. No ano de 2011 criou-se o curso de Introdutório de História Pública na USP, e em 2012 se consolidou com a criação da Rede Brasileira de História Pública (Ogassawara, 2019, p. 40-41).

A historiadora Marta Gouveia de Oliveira Rovai (2020), que pesquisa e escreve sob a perspectiva da História Pública, destaca a importância dessa atuação na esfera pública para historiadores/as e professores/as de História:

Desencastelar-se de seu espaço de produção de conhecimento e ensino, abrir diálogo com o público, valorando novos espaços de memórias (arquivos, museus, imprensa, bibliotecas, memoriais, etc.) e dar vozes a grupos de pessoas que estão às margens da História. Além de arriscar-se ao uso mais persistente das novas tecnologias de comunicação, com a construção de espaços de memórias digitais (Rovai, 2020, p. 1).

Nessa ótica, compreendemos que a prática do pensamento, da produção e do ensino da História exige um posicionamento ativo dos/as professores/as. Isso não se limita apenas a defender a difusão do conhecimento histórico por meio de outros lugares de memória, mas também requer atenção à forma como esses passados são apresentados publicamente e construídos no presente. A História não é apenas um movimento de divulgação, mas também um exercício de reflexão sobre essa divulgação.

Em tempos de negacionismos, de discursos que visam subtrair determinados passados de nossos presentes e que invisibilizam as historicidades de sujeitos marginalizados – negros, indígenas, mulheres, homossexuais etc. - por processos históricos diversos, devemos nós, professores/as, ficarmos atentos/as para combater efetivamente as falsas histórias e os silenciamentos históricos, pois a falsificação do pretérito é o pilar básico do projeto negacionista, e que agora está amparado em uma ampla rede de desinformação, tendo, principalmente, a *internet* – mídias sociais digitais – “como aparelho difusor para disseminar informações falsas, promover discurso de ódio e criar narrativas que justifiquem ações violentas”, assim nos informa e nos alerta Henrique Alonso de Albuquerque Rodrigues Pereira (Pereira, 2023, p. 2).

Contudo, Schmidt (2007, p. 195) nos alerta que, ao organizar o ensino a partir de novas fontes e lugares de memória, estes não devem substituir o conteúdo básico do currículo por conteúdos exclusivamente da História local. Eles devem ser integrados em uma história mais ampla, permitindo aos/às alunos/as identificar o passado sempre presente nos diversos espaços de convivência — escola, comunidade, trabalho e lazer — e perceber que o local está em relação direta com outros contextos: regionais, nacionais e internacionais.

Nessa mesma linha de análise, Bittencourt (2018) potencializa essa atenção e nos chama para um outro cuidado: “de não situar os temas da vida cotidiana de forma isolada dos contextos históricos e dos temas tradicionais” (Bittencourt, 2008, p. 116), ou seja, o cuidado de não criarmos uma dicotomia entre a história e as experiências locais com as globais. A autora

sugere, ao contrário, a necessidade de reconhecer e recuperar as relações históricas mais profundas entre os eventos locais, nacionais e globais, percebendo que nenhuma realidade local é explicativa por si só, mas sim por meio de suas inter-relações com outros locais e regiões.

Isto significa dizer que a História produzida sobre o lugar não está desconectada daquela que versa sobre uma realidade global, tampouco dela se exclui. Portanto, ela só tem seu valor plenamente explorado se trabalhada com escalas que sejam intercambiadas e sobrepostas para que os/as alunos/as possam perceber justamente onde o local e o geral se distanciam e se aproximam. Trabalhar nessa perspectiva evita o desenvolvimento de visões etnocêntricas, reducionistas e localistas, além de prevenir a identificação do local apenas com o que é mais próximo e familiar.

Podemos tomar como exemplo para que a nossa discussão se torne mais compreensível e aprazível, um estudo do historiador Helder Alexandre Medeiros de Macedo (2012, p. 61-62), quando tratou do surto da produção algodoeira ocorrida no Nordeste, em particular, no Seridó Potiguar, em meados do século XIX. O surto se deu nos anos de 1860, quando a produção e exportação de algodão dos Estados Unidos com destino a Inglaterra teve seu fluxo interrompido pela Guerra de Secessão (1861-1865). Nesse caso, o algodão produzido no Brasil foi elevado para suprir o mercado internacional, sobretudo para o parque têxtil inglês. Diante dessa demanda, várias províncias do Nordeste, em destaque a do Rio Grande do Norte, ampliaram significativamente seus cultivos de algodão, gerando um “boom” em suas economias. Nesse exemplo temos, pois, uma História que se desenvolveu em nível local, mas que se conectou com acontecimentos de uma história nacional e global.

Este enfoque promove uma compreensão mais abrangente e contextualizada da História, permitindo aos/às estudantes entenderem como os acontecimentos locais se conectam a eventos mais amplos e globais, enriquecendo assim sua compreensão da complexidade do mundo histórico. Esse entendimento permite combater uma visão tradicional da História local, que por vezes é relacionada, no ensino e na pesquisa, a uma condição de uma história secundária, periférica e isolada, visto que sabemos que os acontecimentos de uma comunidade estão numa relação direta com outros contextos (regionais, nacionais e globais) e, por isso, não devem ser negligenciados.

Os museus podem ser uma ferramenta poderosa nessa abordagem educativa. Ao organizar visitas e atividades, nós, enquanto professores/as, podemos incentivar os/as estudantes a problematizarem os artefatos expostos, questionando suas origens, usos e significados. Por exemplo, objetos do cotidiano, documentos históricos, fotografias e outros

itens presentes no acervo do museu podem ser analisados não apenas como representações de uma história local, mas como evidências de processos históricos mais amplos.

Podemos propor atividades a partir das quais os/as alunos/as investiguem como um determinado artefato do museu reflete influências de eventos nacionais ou globais. Um utensílio agrícola, por exemplo, pode ser conectado à história das migrações e ao desenvolvimento de técnicas agrícolas influenciadas por movimentos de pessoas e conhecimento entre diferentes regiões. Da mesma forma, documentos administrativos locais podem ser usados para discutir a implementação de políticas nacionais e suas repercussões na comunidade. Essas conexões ajudam os/as estudantes a perceberem que a História local está intrinsecamente ligada a contextos mais amplos, desafiando a ideia de que esta perspectiva é secundária ou isolada.

Cumprе salientar, de acordo com Gonçalves (2007) que “não existe antagonismo entre abordagens centradas nos recortes do local e do nacional, mas, sim, complementariedades” (Gonçalves, 2007, p. 180), não existindo, portanto, hiato, nem oposição ou supressão do local sobre o nacional.

Problematizar e analisar a história nacional implica entender que as diferentes regiões vivenciam os acontecimentos de formas distintas e, conseqüentemente, constroem conhecimentos diversos sobre uma mesma experiência. Isso se contrapõe à narrativa genérica que concebe um passado nacional homogêneo e unitário para todas as regiões do país. O problema desse tipo de narrativa universal, que facilmente encontramos em livros didáticos da área de História, é que ela se faz passar por uma História geral, como se valesse de igual medida para todos os recortes geográficos ou para todos os grupos sociais, presumindo ser capaz de explicá-los.

Por isso, é ideal que nós, professores/as, tomemos o cuidado com essa visão historiográfica ocidentalizante e eurocêntrica, que dissemina, por exemplo, uma convicção de que a Europa seria o centro do mundo e lugar irradiador do progresso, por excelência, a origem de toda a civilização.

No Brasil, essa visão se legitimou no processo de construção de uma identidade nacional no pós-independência, período convencionalmente denominado de Império (1822-1889), momento em que as elites brasileiras procuraram se encaixar nessa linhagem, buscando como referências Portugal, a França e a Grécia Clássica, considerados sinônimos de civilidade e modernidade. Centrar-se nessa concepção historiográfica corre o risco de representar a História local como uma extensão, um desdobramento de uma história global/nacional, como se fosse peça de um quebra-cabeça. Nessa dimensão, ela teria de se constituir e se apresentar de forma harmônica, e assim, permitir o “encaixe” na história maior. Ou seja, aquilo que ocorreu no

âmbito nacional provocou os efeitos e as consequências que determinaram, em dimensões micro, a configuração da História local.

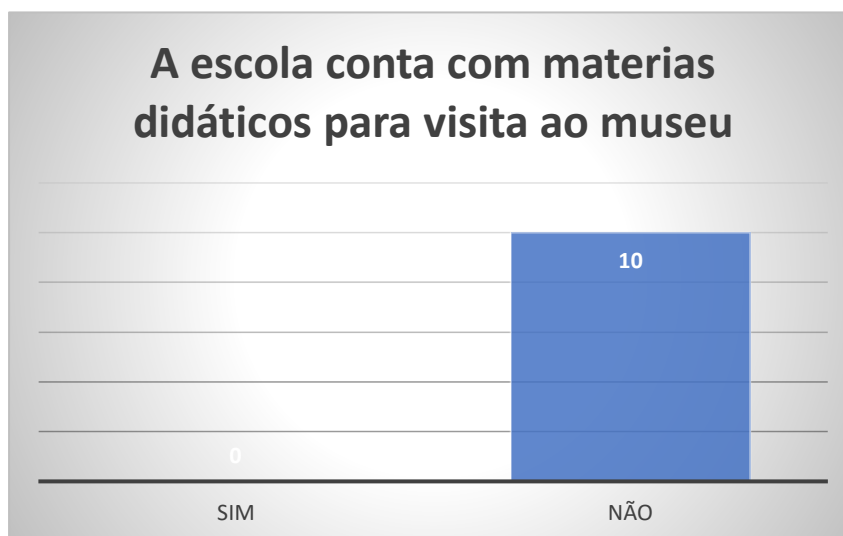
Ressaltamos, todavia, que não se pretende acabar com a construção de uma história nacional, pretende-se, sim, tornar diferente essa construção. É preciso compreendermos o passado nacional na sua relatividade de historicidade e assim acabar com o mito de uma história unitária e eterna, forjada num discurso historiográfico sobre a pátria, herdeira do século XIX. Assim, as narrativas locais trazem, em seu bojo, a análise de como uma comunidade foi afetada pelos acontecimentos nacionais e pelos fenômenos particulares circunscritos àquele território.

Com base no exposto, verifica-se a necessidade de aprofundarmos a discussão sobre os diversos sentidos e significados atribuídos à história local, destacando os desafios e as apropriações que permeiam a escrita e o ensino dessa disciplina. Nosso papel é particularmente crucial nesse contexto, pois precisamos lidar com a complexa tarefa de contextualizar a História local dentro de uma perspectiva mais ampla e crítica. Isso exige de nós um esforço contínuo para equilibrar o ensino da História local com os eventos e processos históricos mais amplos, promovendo uma compreensão holística e integradora. Precisamos estar preparados/as para questionar narrativas simplistas ou tendenciosas e incentivar nossos/as alunos/as a pensar criticamente sobre o passado e suas implicações no presente.

Ainda há um longo caminho a percorrer no que diz respeito ao ensino e à reflexão sobre as relações entre História, História local e os museus. Isso envolve não apenas a nossa formação continuada, mas também a revisão dos currículos escolares, a inclusão de diversas vozes e perspectivas e o incentivo à pesquisa e ao debate acadêmico sobre o tema. Só assim seremos capazes de promover um ensino de História que seja verdadeiramente inclusivo, crítico e relevante para as realidades locais e globais.

Essa necessidade foi evidenciada por dados coletados junto aos/às professores/as da Escola Municipal Edilton Fernandes. Em um questionário de sondagem aplicado aos/às professores/as, perguntamos se a escola contava com materiais didáticos específicos para orientar as visitas ao Museu Passagem do Freijó. O quantitativo das respostas pode ser assim representado:

**GRÁFICO 02 - Questionário de sondagem aplicado aos/às professores/as (I)**

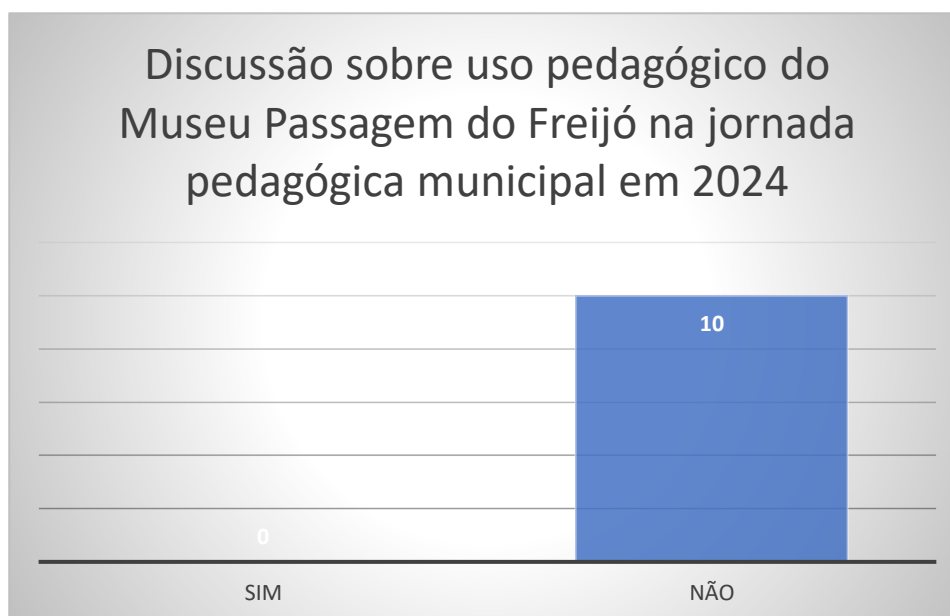


Fonte: Gráfico elaborado pelo autor (2024)

Os dados coletados nos autorizam a reforçar a urgência de ações que integrem de forma mais eficaz a escola e o museu da cidade, considerando-se que dos/as 10 professores/as que responderam, todos/as afirmaram a inexistência de recursos pedagógicos adequados. Diante desse cenário, propomos um caderno metodológico (que será apresentado na seção III) estruturado para fornecer suporte aos/às educadores/as, oferecendo estratégias concretas para integrar o museu ao ensino e à aprendizagem. O caderno metodológico representa, portanto, uma resposta direta a essa demanda, reunindo seções didáticas que possibilitam aos/às professores/as explorar o museu como um espaço ativo de construção do conhecimento histórico.

Dessa forma, o caderno metodológico não apenas minimiza a ausência de materiais específicos para a utilização pedagógica do Museu Passagem do Freijó, mas também contribui para a qualificação das práticas de ensino de História, incentivando abordagens mais dinâmicas, reflexivas e interdisciplinares. Com isso, ao oferecer subsídios teóricos e estratégias didáticas, o material permite que os/as professores/as transformem a visita ao museu em uma experiência significativa, além da simples observação do acervo para promover a construção ativa do conhecimento pelos/as alunos/as.

Ainda reforçando as evidências dessa lacuna pedagógica, foi realizado outro questionamento aos/às professores/as, indagando se, ao longo da jornada pedagógica do município e da escola no ano letivo de 2024, houve alguma programação específica, como planejamentos, *workshops*, palestras ou outras atividades, dedicada ao uso pedagógico do Museu Passagem do Freijó. As respostas foram representadas no gráfico a seguir:

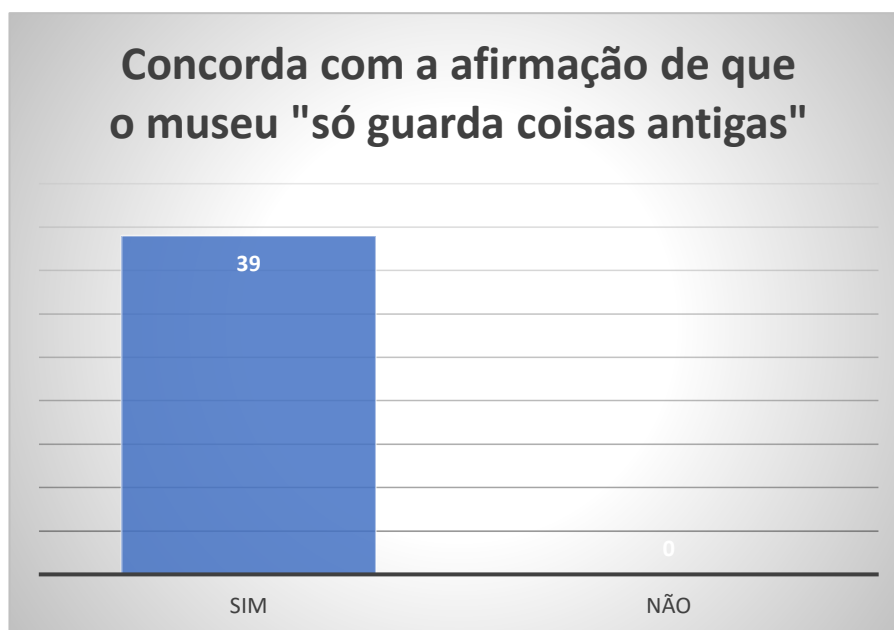
**GRÁFICO 03 - Questionário de sondagem aplicado aos/as professores/as (II)**

Fonte: Gráfico elaborado pelo autor (2024)

No quantitativo das respostas ao questionamento que referenciava o uso pedagógico dos museus, a unanimidade das respostas negativas evidencia a ausência de iniciativas que, numa amplitude geral, reflete a falta de integração efetiva entre o museu e as práticas escolares, além de sugerir um possível desinteresse por parte das autoridades educacionais. Esse cenário expõe a carência de planejamento estratégico e de recursos didáticos que podem orientar o uso do espaço museológico como uma ferramenta educativa, bem como sua integração ao currículo escolar da instituição.

Além de questionar os/as professores/as, o levantamento também incluiu os/as alunos/as da escola, especificamente os/as discentes das turmas do 9º ano. O objetivo era compreender os significados que os/as discentes atribuem ao Museu Passagem do Freijó e suas percepções sobre a função desse espaço. Em uma das perguntas, foi solicitado que indicassem se concordavam com a afirmação de que o museu “só guarda coisas antigas”. As respostas foram representadas no gráfico que segue.

**GRÁFICO 04 - Questionário de sondagem aplicados aos/as alunos/as (II)**



Fonte: Gráfico elaborado pelo autor (2024)

Dos/as 39 discentes que responderam ao questionamento, todos/as concordaram com essa ideia. A resposta unânime de que os museus apenas “guardam coisas antigas” revela uma percepção bastante simplista e estereotipada sobre a função dos museus. Esse dado reforça a necessidade de uma abordagem pedagógica que desconstrua essa concepção e amplie o entendimento dos/as alunos/as sobre o papel dos museus como espaços dinâmicos de educação, memória e cultura. É crucial que nós, professores/as, trabalhemos para redefinir e expandir a compreensão pública sobre o papel dos museus na sociedade, transformando-os em espaços de aprendizado ativo e engajamento tanto com o passado quanto com o presente.

Compreendemos assim que o “museu de grandes novidades”<sup>34</sup> rompe com a concepção tradicional de ser apenas um local de antiguidades, onde curiosos vão para ver ou rever objetos obsoletos e sem uso há muito tempo. O “museu de grandes novidades” vai além dessa ideia; configura-se como um espaço que inspira professores/as e alunos/as a pesquisar, conhecer e se identificar com as histórias de sua cidade. Esse museu promove o reconhecimento dos laços comunitários e a construção de uma identidade a partir da História local, tornando-se um ambiente vivo e relevante para o aprendizado e a formação cidadã.

<sup>34</sup> O tema “Um museu de grandes novidades” é inspirado na música “O tempo não pára”, do cantor Cazuza. Esse conceito é entendido aqui como um espaço de inovações, um lugar de questionamento e ressignificação do passado a partir das demandas e do olhar crítico do presente.

O papel educativo dos museus vai além da observação dos objetos em exposição, envolvendo, principalmente, seu potencial argumentativo. Estes espaços têm a capacidade de levar os/as alunos/as a uma reflexão crítica sobre as narrativas implícitas nos objetos culturais, desde eventos do passado até suas relações com o tempo presente. Os museus se revelam como um espaço de múltiplas aprendizagens, permitindo que professores/as e alunos/as vivenciem diversas experiências educativas.

Certamente, a investigação da capacidade educativa dos museus é um tema relevante e essencial para o ensino de História. Isso desafia os/as professores/as a inovar e a superar os métodos tradicionais de ensino. Não se trata mais de apenas transmitir conteúdos por meio de memorização mecânica. É fundamental proporcionar aos/as alunos/as experiências didáticas que transcendam os limites do livro didático, do caderno e da sala de aula. Levar os/as alunos/as ao museu é uma das oportunidades que os/as professores/as têm para estimular a descoberta de novas fontes e diferentes perspectivas sobre fatos, temas ou períodos históricos.

## CAPÍTULO III

### DO PASSADO AO PRESENTE: PERCURSOS E REALIDADES MUSEOLÓGICAS

Nesta seção abordamos os percursos históricos e formativos da Museologia no Brasil, contextualizando sua trajetória desde os primeiros esforços de preservação patrimonial, como a criação do Museu Histórico Nacional (MHN) em 1922, passando pela criação do Curso de Museus, até o estabelecimento de Cursos de Graduação e Pós-Graduação que consolidaram a Museologia como um campo acadêmico e profissional.

Além disso, apresentamos um panorama museológico do Rio Grande do Norte no contexto nacional, com destaque para a região do Alto Oeste Potiguar, onde se observa uma expansão significativa no número de museus e a valorização de seus papéis como espaços de preservação, conhecimento e ensino. Por fim, enfatizamos o percurso institucional para a criação do Museu Histórico Cultural Passagem do Freijó, a constituição do seu acervo, a exposição das galerias temáticas, culminando com a apresentação da ação propositiva da dissertação.

#### **3.1 - Percursos históricos e formativos da museologia no Brasil**

Ao analisarmos as décadas de 1920 e 1930, é possível identificar diferentes projetos propostos pela intelectualidade brasileira para a área do patrimônio e dos museus. Essa constatação pode ser confirmada pela análise dos diversos projetos elaborados na época, que buscavam normatizar essas questões, com o objetivo de “criar um dispositivo legal para inibir as constantes ações de depredações e transferências dos bens brasileiros” (Chagas, 2006, p. 84).

Nesse contexto, foram criadas importantes instituições e órgãos, como o Museu Histórico Nacional (1922) e o Curso de Museus (1932). Os dois são considerados marcos históricos importantes no percurso histórico e formativo da Museologia. O MHN ajudou na preservação do patrimônio cultural brasileiro ao reunir e conservar acervos históricos considerados importantes, difundindo práticas de preservação e gestão de acervos em todo o país. O Curso de Museus, por sua vez, contribuiu para a institucionalização da Museologia e dos estudos de museus no Brasil.

O Museu Histórico Nacional foi fundado em 1922, durante o governo do Presidente Epitácio Pessoa (1919-1922), na cidade do Rio de Janeiro/RJ. Sob a direção de Gustavo

Barroso<sup>35</sup>, seu idealizador, a instituição foi criada como parte das comemorações do centenário da independência do Brasil, através do decreto presidencial n. 15.596 de 02 de agosto de 1922. Desde 1911, Barroso, em seus artigos, defendia a criação de uma instituição voltada à proteção do patrimônio nacional e que, simultaneamente, promovesse o culto às glórias do passado, apresentando uma visão da história nacional alinhada à continuidade das tradições imperiais, voltadas aos imperadores brasileiros e para as grandes batalhas travadas na Guerra do Paraguai.

O MHN deu prioridade ao culto de objetos considerados autênticos do passado, como armas, moedas e medalhas, reunidos em grande quantidade. A encenação do pretérito foi complementada por grandes painéis com pinturas históricas, estátuas e objetos doados por famílias tradicionais, muitas delas ligadas à antiga nobreza, em uma clara intenção de consagrar os grandes personagens da elite brasileira.

A exposição da coleção Miguel Calmon, doada ao Museu Histórico Nacional em 1936 por sua esposa, Alice da Porciúncula Calmon du Pin e Almeida, e mantida em exibição por mais de 30 anos, exemplifica o culto à imortalidade. Miguel Calmon, político que exerceu o cargo de senador e foi duas vezes Ministro de Estado durante a Primeira República (1889-1930), teve no Museu Histórico Nacional sua celebração, uma sala especial com seu nome foi dedicada, ocupando um espaço “atribuído ao império e à nobreza brasileira no processo de formação da nacionalidade” (Abreu, 1996, p. 33).

Gustavo Barroso, como principal ideólogo do Museu Histórico Nacional, utilizou a Coleção Miguel Calmon para reafirmar a posição de destaque atribuída à nobreza brasileira, de forma que, os objetos evocativos “foram utilizados não apenas para imortalizar indivíduos num panteão de heróis e personalidades da História do Brasil, mas contribuíram também para imortalizar um segmento social específico, a nobreza brasileira” (Abreu, 1996, p. 64).

Essa perspectiva de conteúdo e de exposição proposta pelo MHN representou um “divisor de águas” do ponto de vista de uma história dos museus, uma vez que, distanciou-se dos museus enciclopédicos dedicados à temática da evolução dos seres vivos, os quais tiveram papel relevante enquanto local de ensino, de produção científica e de “institucionalização das ciências naturais no Brasil” (Lopes, 1997, p. 323).

Enquanto o museu Museu Nacional, criado em 1818 no Rio de Janeiro/RJ, o Emílio Goeldi, fundado em 1866 no Pará/PA e o Museu Paulista, inaugurado em 1894 na cidade de São Paulo/SP, dedicavam-se à temática da evolução das espécies, abrigando coleções que

---

<sup>35</sup> Gustavo Dodt Barroso nasceu em Fortaleza, em 1888. Foi um intelectual, escritor e político brasileiro, conhecido por ser o primeiro diretor do Museu Histórico Nacional, cargo que ocupou de 1922 até sua morte em 1959. Para conhecer mais sobre a atuação de Gustavo Barroso, Cf.: (Santos, 2006); (Abreu, 1996); (Sá, 2019).

representavam indistintamente variedades da flora, da fauna e de espécie humana, do Brasil e do mundo, o MHN focava em uma outra forma de evolução: a construção da história e da identidade da nação brasileira, colocando em evidência os marcos, personagens e narrativas que fundamentaram a ideia de uma nação unificada e histórica.

Essa transição reflete uma mudança no papel dos museus, que passam de espaços históricos predominantemente destinados à ciência e à educação naturalista para centros de preservação, ensino e valorização da memória histórica. Representa, portanto, uma tentativa de consolidar o patrimônio histórico como um instrumento de construção de identidade e memória coletiva, distanciando-se das tradições científicas e enciclopédicas que caracterizaram os museus do século XIX.

Segundo a historiadora Myrian Sepúlveda dos Santos (2006), Gustavo Barroso também teve grande influência na construção e desenvolvimento da museologia brasileira. No mesmo decreto que criou o Museu Histórico Nacional em 1922, Barroso propôs a criação do Curso Técnico de Conservadores de Museus, demonstrando uma evidente preocupação com a formação especializada de profissionais para atuar no MHN e em outras instituições do país. Embora o curso não tenha sido implementado na época, serviu como base para a criação do futuro Curso de Museus, instituído dez anos depois do Museu Histórico Nacional pelo decreto n. 21.129, de março de 1932. A propósito, segundo a pesquisadora Luciana Ferreira da Costa (2020), o Curso de Museus operava sob a responsabilidade e supervisão da diretoria do Museu Histórico Nacional (MHN). Gustavo Barroso foi um de seus primeiros coordenadores, desempenhando essa função de 1932 até seu falecimento em 1959 (Costa, 2020, p. 148).

O Curso foi concebido para ser um espaço de ensino e cultura, de devoção à pátria e de formação e aperfeiçoamento de técnicos/as para os museus brasileiros. Sob a direção do MHN, a primeira turma de “museólogos” formou-se em 1933 e, na época, foram denominados “Conservadores de Museus”. Com duração de dois anos, a formação era focada em conteúdos que capacitassem os/as egressos/as a identificar, classificar e conservar os diversos tipos de objetos que compunham as coleções dos museus nacionais, com destaque para o acervo do MHN.

Esses princípios estavam em consonância com os objetivos da disciplina “Técnicas de Museus”, ministrada por Gustavo Barroso. Em 1946, com base em sua experiência como professor do curso, em suas leituras e pesquisas, Barroso publicou o livro “Introdução à Técnica de Museus”, dividido em dois volumes. A obra tornou-se uma referência para a Museologia brasileira e, por muitos anos, foi utilizada no Ensino superior para a formação de profissionais da área.

Considerado um marco nos estudos sobre museus e museologia, o Curso de Museus não foi institucionalizado em uma universidade, e por mais de quatro décadas, o MHN foi responsável pela formação da maioria dos/das profissionais de museus, difundindo, para diferentes regiões, o estilo Barrosiano (1932-1959) de museologia e ensino. De acordo com Chagas (2009),

a aproximação e a entrada da museologia no espaço universitário foi lenta e gradual e só se efetivou, em 1951, com a outorga de mandato universitário ao Curso de Museus pela Universidade do Brasil, durante a reitoria de Pedro Calmon, que além de ser amigo de Barroso, havia trabalhado, de 1925 a 1937, no Museu Histórico Nacional e também no Curso de Museus, como professor de História (Chagas, 2009, p. 99).

Nesse contexto, o Curso de Museus passou de um *status* técnico para universitário em 1951, por meio de um convênio firmado entre o Museu Histórico Nacional e a Universidade do Brasil, atualmente conhecida como Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Nesse período, com o novo mandato universitário, tornou-se necessário reorganizar o curso e sua estrutura administrativa, o que resultou “na criação do Conselho Departamental e dos Departamentos de Técnica de Museus, História do Brasil, História da Arte e Antropologia” (Sá, 2007, p. 30).

No final da década de 1960, Léo Fonseca e Silva, então diretor do Museu Histórico Nacional, tentou alterar a nomenclatura do Curso de Museus para a Faculdade de Museologia. No entanto, a proposta foi rejeitada pela Câmara de Planejamento do Conselho Federal de Educação, sob o argumento de que, apesar da outorga universitária, o curso ainda estava vinculado a uma instituição cultural, o MHN, e não a uma universidade.

A mudança veio apenas em 1979, quando o curso foi transferido do MHN para a recém-criada Universidade do Rio de Janeiro, hoje Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), passando a se chamar Curso de Graduação em Museologia. Essa institucionalização universitária fez da UNIRIO a segunda universidade do país a oferecer a Graduação em Museologia, considerando que a Universidade Federal da Bahia já havia iniciado uma oferta de um curso na área desde 1970.

A trajetória do Curso de Museus do MHN representa um marco para os estudos museológicos no Brasil, consolidando bases fundamentais para a formação de profissionais na área. Pioneiro na capacitação técnica e teórica, desempenhou um papel crucial ao desenvolver metodologias específicas para a identificação, classificação e conservação de acervos, elevando o *status* dos museus de simples espaços expositivos para centros de pesquisa, memória e educação.

A transição do curso para o âmbito universitário em 1979, com sua transferência para a UNIRIO, foi um momento decisivo que legitimou a Museologia como campo acadêmico, promovendo avanços no Ensino superior e ampliando o alcance das práticas museológicas no país. Esse cenário se reverberou nas décadas seguintes, como uma necessidade de alargamento na oferta cursos de formação em Museologia no Brasil. Fato que só foi evidenciado nas primeiras décadas do século XXI, com a presença de 18 Graduações em Museologia distribuídos por todas as regiões do Brasil.

Tratava-se de uma evolução significativa em relação ao século XX, quando existiam apenas dois cursos de Graduação em Museologia: um no Rio de Janeiro (UNIRIO, criado em 1979) e outro na Bahia (UFBA, criado em 1970). Esse avanço é evidenciado no quadro a seguir, que apresenta os resultados de uma pesquisa de mapeamento dos cursos de Museologia criados no Brasil nas primeiras décadas do século XXI. O levantamento, realizado pela professora Luciana Ferreira da Costa (2020), da Universidade Federal da Paraíba, foi atualizado no contexto desta pesquisa, acrescentando-se os dados encontrados em relação ao período posterior a 2018, limite da pesquisa da autora.

**TABELA 03 - Instituições de Ensino Superior com cursos de Graduação em Museologia<sup>36</sup>**

| <i>Região</i>         | <i>Estado</i>     | <i>Nome da Instituição</i>                | <i>Sigla</i> | <i>Ano de Criação</i> |
|-----------------------|-------------------|---|--------------|-----------------------|
| <b><i>Sul</i></b>     | Santa Catarina    | Universidade Federal de Santa Catarina    | UFSC         | 2010                  |
|                       |                   | Centro Universitário Barriga Verde        | UNIBAVE*     | 2004                  |
|                       | Rio Grande do Sul | Universidade Federal do Rio Grande do Sul | UFRGS        | 2008                  |
|                       |                   | Universidade Federal de Pelotas           | UFPEL        | 2006                  |
|                       | Paraná            | Universidade Estadual do Paraná           | UNESPAR      | 2018                  |
| <b><i>Sudeste</i></b> | São Paulo         | Rede de Educação (Batatais)**             | CLARETIANO*  | 2019                  |
|                       |                   | Universidade Camilo Castelo Branco        | UNICASTELO*  | 2014                  |

<sup>36</sup> Ressaltamos que as instituições privadas foram identificadas com (\*) e as instituições que realizam oferta na modalidade à distância foram identificadas com (\*\*).

|                          |                     |  |                     |      |
|--------------------------|---------------------|--|---------------------|------|
|                          |                     | Faculdade de Educação,<br>Ciências e Artes Dom Bosco<br>de Monte Aprazível | FAECA DOM<br>BOSCO* | 2011 |
|                          | Rio de<br>Janeiro   | Universidade Federal do<br>Estado do Rio de Janeiro                        | UNIRIO              | 1979 |
|                          | Minas Gerais        | Universidade Federal de<br>Ouro Preto                                      | UFOP                | 2008 |
|                          |                     | Universidade Federal de<br>Minas Gerais                                    | UFMG                | 2010 |
| <b>Centro-<br/>Oeste</b> | Distrito<br>Federal | Universidade de Brasília   | UnB                 | 2009 |
|                          | Goiás               | Universidade Federal de<br>Goiânia   | UFG                 | 2010 |
| <b>Norte</b>             | Pará                | Universidade Federal do<br>Pará  | UFPA                | 2010 |
| <b>Nordeste</b>          | Bahia               | Universidade Federal da<br>Bahia   | UFBA                | 1970 |
|                          |                     | Universidade Federal do<br>Recôncavo da Bahia                              | UFRB                | 2006 |
|                          | Sergipe             | Universidade Federal de<br>Sergipe   | UFS                 | 2007 |
|                          | Pernambuco          | Universidade Federal de<br>Pernambuco                                      | UFPE                | 2009 |

Fonte: (Costa, 2020, p. 156-157)

A maioria dos cursos de Graduação em Museologia é ofertada por instituições de ensino superior públicas. Apenas quatro são ofertados por instituições privadas, sendo que uma realiza a oferta na modalidade a distância<sup>37</sup>. O panorama dos cursos de Graduação em Museologia reflete que o século XXI assistiu a um crescimento significativo do campo da Museologia no Brasil. Esse fenômeno pode estar associado, principalmente, “nas ações do Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM) e pelo programa federal designado Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI)” (Costa, 2020, p. 157).

O IBRAM, criado no ano de 2009, desempenhou um papel fundamental na promoção e fortalecimento do setor museológico no Brasil. Atuando como mediador entre o setor museológico e as universidades, ofereceu suporte técnico e financeiro para universidades que desejavam implementar cursos de Museologia, com a evidente intenção de fomentar a capacitação e a qualificação de profissionais, bem como, incentivar que “cada vez mais

<sup>37</sup> O curso de Graduação EaD em Museologia da Rede de Educação Claretiana recebeu seu reconhecimento pelo Ministério da Educação (MEC) no dia 27 de março de 2024, através da Portaria de n. 123, com registro n. 202021460.

instituições voltem suas atenções para as potencialidades da educação em museus, indispensável na mediação com os públicos e suas memórias” (IBRAM, 2018)<sup>38</sup>. Esse avanço foi viabilizado pelos crescentes investimentos no campo museal durante os primeiros anos do século XXI. Um exemplo disso foi o aumento expressivo nas receitas destinadas ao setor: de 44 milhões em 2003, os valores passaram para 119 milhões em 2009, ano da criação do IBRAM, e alcançaram 216 milhões em 2011, representando um crescimento superior a 490%.<sup>39</sup>

Em complemento às ações do IBRAM, temos o REUNI, criado em 2007, com o objetivo principal de expandir e reestruturar as universidades federais. O programa buscava modernizar as infraestruturas das instituições, ampliar o número de vagas na educação superior pública, reduzir as taxas de evasão e aumentar a oferta de cursos, especialmente em áreas estratégicas e alinhadas às demandas regionais e nacionais. Essa expansão foi fundamental não só para a criação de novos cursos de Graduação em Museologia, mas também, para descentralização dos cursos, restrita anteriormente aos estados do Sudeste e Nordeste, levando essa oferta para outras regiões, como Norte, Sul e Centro-Oeste.

Em observância ao quadro das Instituições de Ensino Superior com cursos de Graduação em Museologia, dos deztoitos cursos, nove foram criados em universidades federais após a implementação do Programa de Apoio aos Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI). Isso evidencia o impacto direto do programa na expansão e descentralização da oferta de cursos na área no Brasil, permitindo que mais regiões tenham acesso à formação especializada e fortalecendo a Museologia como um campo acadêmico e profissional estratégico no país.

Além disso, esses investimentos também impactaram significativamente na promoção de cursos de Pós-Graduação *stricto sensu* em Museologia, com a criação de seis programas de Mestrado<sup>40</sup> e um Doutorado, este último lançado em 2011 no Rio de Janeiro, pelo Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio da UNIRIO. Essa expansão consolidou a formação avançada e reforçou a legitimação acadêmica do campo, atendendo às demandas de pesquisa e especialização na área.

---

<sup>38</sup> Para mais informações acerca das ações do IBRAM, consultar: <https://www.gov.br/museus/pt-br>.

<sup>39</sup> Dados extraídos do relatório do IBRAM, publicado em 09 de agosto de 2012. Disponível em: <https://antigo.museus.gov.br/investimento-em-museus-cresce-em-uma-decada/>. Acesso em: 20 nov. 2024.

<sup>40</sup> De acordo com o Conselho Federal de Museologia, órgão responsável por regulamentar e fiscalizar o exercício da profissão de museólogo, os programas de Mestrado em Museologia estão disponíveis nas seguintes universidades: UNIRIO (criado em 2006), USP (criado em 2012), UFBA (criado em 2013), UFPI (criado em 2014), UFPE (criado em 2019) e UFRGS (criado em 2016), contemplando três das cinco regiões do Brasil (Nordeste, Sudeste e Sul).

### **3.2 - “Museus em Números”: panorama museológico do Rio Grande do Norte no contexto nacional**

No dia 6 de junho de 1818, Dom João VI instituiu o primeiro museu do Brasil, localizado na cidade do Rio de Janeiro. Originalmente denominado Museu Real, é conhecido hoje como Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Nas palavras da pesquisadora Maria Margaret Lopes (1997), o Museu Nacional tinha como finalidade específica “os conhecimentos e os estudos das ciências naturais do Brasil” (Lopes, 1997, p. 44), finalidade que o instrumentalizou.

Essa orientação seguiu o modelo dos grandes museus metropolitanos europeus, como o Museu Britânico e o Museu de História Natural de Paris, cuja missão era identificar e catalogar diferentes exemplares da flora, fauna, geologia e culturas humanas, tanto do Brasil quanto de outras partes do mundo. Esse caráter enciclopédico e universal do Museu Nacional influenciou diretamente, especialmente no final do século XIX, a criação de novos museus com características semelhantes, como o Museu Paranaense Emílio Goeldi (1866) e o Museu Paulista (1894).

O acervo do Museu Nacional se destacou por sua diversidade, incluindo fósseis, minerais, artefatos etnográficos, além de exemplares das mais variadas espécies de animais e plantas. Essa ampla gama de coleções consolidou seu papel como um centro de pesquisa científica e ensino, desempenhando um papel essencial na institucionalização das ciências naturais no Brasil. Essa influência europeia moldou a sua estrutura e organização, alinhando-o às práticas museológicas predominantes na época, que procuravam reunir o conhecimento universal num único espaço expositivo.

O Museu Nacional manteve-se ativo no início do século XX, desempenhando um papel significativo no fomento e orientação para a criação de novos espaços museológicos no Brasil. Alguns desses novos museus incorporaram os estudos de História Natural em seus perfis, como o Museu Júlio de Castilhos, fundado em 1903 no Rio Grande do Sul; o Museu do Serviço Geológico e Mineralógico do Brasil, fundado em 1907 no Rio de Janeiro; o Museu Rocha, fundado em 1908 no Ceará. Outros, no entanto, seguiram uma nova tipologia, destacando-se como museus de história.

Nessa abordagem de museus de história, o Museu Nacional desempenhou um papel inspirador na criação do Museu Histórico Nacional, fundado em 1922 durante as comemorações do centenário da Independência do Brasil. Sob a direção de Gustavo Barroso, o novo museu recebeu, como parte de seu acervo inicial, a coleção D. Pedro II, anteriormente exposta em uma das salas do Museu Nacional.

Essa transferência, além de consolidar a conexão entre as duas instituições, simbolizou o rompimento com a tradição enciclopédica dos museus brasileiros. Ela inaugurou um novo modelo de museu no Brasil, pautado na exaltação da pátria e na promoção de uma narrativa histórica que buscava ensinar à população a importância dos eventos históricos e o cultivo das histórias dos “grandes” personagens que se desenvolveram para a construção da nação brasileira.

Partindo dessas considerações, ressaltamos que do período de 1818 a 2024, ou seja, ao longo desses mais de duzentos anos, mais de 4.000 instituições museológicas foram criadas em todo o país. Recentemente, foi instituída uma sólida estrutura jurídico-administrativa com a promulgação do Estatuto de Museus (Lei n. 11.904, de 14 de janeiro de 2009) e a criação do Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM) pela Lei n. 11.906, de 20 de janeiro de 2009. Essas iniciativas fortaleceram o setor museológico ao estabelecer diretrizes para a gestão, preservação e democratização do patrimônio cultural, além de promover a profissionalização e a modernização das instituições, consolidando os museus como espaços centrais para a memória e a educação no Brasil.

O Estatuto de Museus, instituído em janeiro de 2009, durante o governo do presidente da República Luís Inácio Lula da Silva (2007-2010), surgiu da necessidade de estabelecer diretrizes para a organização, gestão e preservação do patrimônio museológico no Brasil. Antes de sua promulgação, o país carecia de uma legislação específica que normatizasse o funcionamento dos museus, o que resultava em práticas desuniformes e na falta de restrições para a conservação e valorização dos acervos culturais.

A elaboração do Estatuto alinha-se às recomendações internacionais, especialmente às diretrizes condicionais do Conselho Internacional de Museus (ICOM) e do seu Código de Ética. Ao incorporar princípios como a preservação do patrimônio, a acessibilidade e a responsabilidade social, o Estatuto harmonizou a legislação brasileira com os padrões internacionais de museologia. Nesse contexto, para os efeitos da Lei n. 11.904, de 14 de janeiro de 2009, em seu artigo 1º, os museus são definidos como:

Art. 1º: Instituições sem fins lucrativos que conservam, investigam, comunicam, interpretam e expõem, para fins de preservação, estudo, pesquisa, educação, contemplação e turismo, conjunto e coleções de valor histórico, artístico, científico, técnico ou qualquer outra natureza, abertas ao público a serviço da sociedade ou de seu desenvolvimento.

Parágrafo único. Enquadrar-se-ão nesta Lei as instituições e os processos museológicos voltados para o trabalho com o patrimônio cultural e o território visando ao desenvolvimento cultural e socioeconômico e à participação das comunidades (Brasil, 2009).

Além de estabelecer uma definição jurídica e funcional para as instituições museológicas no Brasil, esse artigo reflete uma concepção ampliada e contemporânea do que são os museus. Inclui não apenas instituições físicas, como museus, arquivos e bibliotecas com edifícios e coleções, mas também ações e projetos museológicos que trabalham diretamente com o patrimônio cultural, com propósito de conservar, investigar, comunicar, interpretar e impulsionar discussões e diálogos com o meio no qual está inserido, servindo de vetor para o desenvolvimento da sociedade, sempre com objetivos educativos, culturais e de fomento ao turismo.

Com a promulgação da Lei do Estatuto dos Museus, em 14 de janeiro de 2009, foi instituído seis dias depois, a criação do Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), com o objetivo de organizar o cadastro dos museus brasileiros e as políticas museológicas nacionais. A criação desta nova autarquia, vinculada ao Ministério da Cultura, colocou os museus no centro das políticas culturais nacionais.

Essa nova estrutura administrativa também representou uma ruptura significativa com o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), que, até então, desde de 1970, centralizava todas as políticas patrimoniais no Brasil, incluindo aquelas ligadas ao patrimônio cultural musealizado. Com a criação do IBRAM, quase todos os museus foram transferidos para sua estrutura institucional, marcando um novo capítulo na gestão e promoção do patrimônio cultural no país.

Nesse sentido, com o objetivo de realizar um diagnóstico detalhado dos museus brasileiros e fornecer elementos para que os setores políticos, acadêmicos e a sociedade civil os compreendam de forma transparente — destacando suas fortalezas e fragilidades —, o IBRAM publicou em maio de 2011, por meio do Ministério da Cultura, o livro “Museus em números”, durante as comemorações da Semana Nacional de Museus, título que, a propósito, utilizamos para definir esta seção da dissertação. A obra apresenta o levantamento realizado pelo Cadastro Nacional de Museus (CNM) em 2010, reunindo informações sobre a localização, acervo, acesso ao público, serviços oferecidos e a caracterização física de todos os museus mapeados em território nacional até aquele momento.

De acordo com os dados do CNM e publicados no livro “Museus em Números”, em 2010 foram mapeadas 3.025 unidades museológicas em todo o Brasil. Dentre elas, 146 estavam localizadas na região Norte, 632 na região Nordeste, 1.151 na região Sudeste, 878 na região Sul e 218 na região Centro-Oeste.

**TABELA 04 - Quantidade de museus mapeados no Brasil por regiões e no Estado do Rio Grande do Norte em 2010**

| <b>País/Região/Estado</b>         | <b>Total de Museus Mapeados</b> | <b>Percentual (%)</b> |
|-----------------------------------|---------------------------------|-----------------------|
| Brasil                            | 3025                            | 100                   |
| Norte                             | 146                             | 4,8                   |
| Nordeste                          | 632                             | 20,9                  |
| Sudeste                           | 1151                            | 38                    |
| Sul                               | 878                             | 29                    |
| Centro-Oeste                      | 218                             | 7,2                   |
| Rio Grande do Norte <sup>41</sup> | 65                              | 2,1                   |

Fonte: (Brasil, 2011)

No caso do Rio Grande do Norte, o estado apresentou 65 instituições museológicas mapeadas, representando pouco mais de 2% do total nacional e 10% dos museus da região Nordeste. Destas 65 unidades, 22 estavam localizadas na capital, Natal, enquanto as demais 43 unidades estavam distribuídas entre 31 municípios dos 167 que compõem o estado, com a exceção de Natal. Na região do Alto Oeste Potiguar, localizada geograficamente na parte sudoeste do estado, destacaram-se os municípios de Apodi, Frutuoso Gomes, Luís Gomes, Major Sales e Martins como sedes de museus<sup>42</sup>, como podemos verificar na representação a seguir.

<sup>41</sup> Estado da Unidade da Federação.

<sup>42</sup> Cadastro Nacional de Museus - IBRAM/MINC, 2011. Disponível em: <https://www.gov.br/museus/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/relatorios-e-documentos/museus-em-numeros-volume-1.pdf/view>. Acesso em: 22 nov. 2024.

**FIGURA 05 - Mapa de dispersão dos museus do Rio Grande do Norte em 2010**



Fonte: Informativo temático n. 2 “Conexões Rio Grande do Norte”, Ibram, 2012.

Esse era o cenário museológico do Brasil no ano de 2010, em especial do Estado do Rio Grande do Norte, publicado no livro “Museus em números”. Tal cenário revela que as regiões Sul e Sudeste, concentraram juntas 67% dos museus mapeados no Brasil em 2010, o que evidencia uma disparidade regional no acesso aos bens culturais e ao patrimônio histórico, quando comparado ao número de museus nas regiões Norte e Centro-Oeste, que juntas somavam apenas 12% dos museus nacionais, reflexo direto das desigualdades econômicas e estruturais do país. E o Rio Grande do Norte no contexto da região Nordeste, apresentou um número significativo, embora a sua porcentagem a nível nacional tenha sido modesta. Além disso, os dados revelam que, à época, 81% dos municípios do Rio Grande do Norte não possuíam museus, enquanto Natal, a capital, concentrava 34% do total estadual das unidades museológicas.

Passados 13 anos desde a publicação do livro “Museus em números”, essa realidade apresentou algumas mudanças. De acordo com os dados atualizados fornecidos pelo IBRAM,

por meio da plataforma MuseusBR<sup>43</sup>, o Brasil conta atualmente (dados de novembro de 2024), com 4.005 museus mapeados. Esse número representa um acréscimo de 980 museus em relação ao cadastro realizado em 2010 pelo CNM, correspondendo a um aumento de 25% no total de museus no país.

Apesar desse crescimento nacional, as regiões Sudeste, com 1.584 museus, e Sul, com 1.061, continuam concentrando a maior parte dessas unidades, totalizando 66% do número de museus no país. Esse percentual representa uma redução de apenas 1% em relação aos dados de 2010, mas ainda evidencia a desigualdade na distribuição de museus pelo território brasileiro. Enquanto isso, as regiões Norte e Centro-Oeste concentram apenas 5% e 7% dos museus, respectivamente, reforçando a necessidade de políticas públicas para promover maior equilíbrio regional no acesso e preservação do patrimônio cultural. A região Nordeste, por sua vez, aumentou de 632 museus em 2010 para 883 até novembro de 2024, registrando um crescimento de 251 novas unidades museológicas no período.

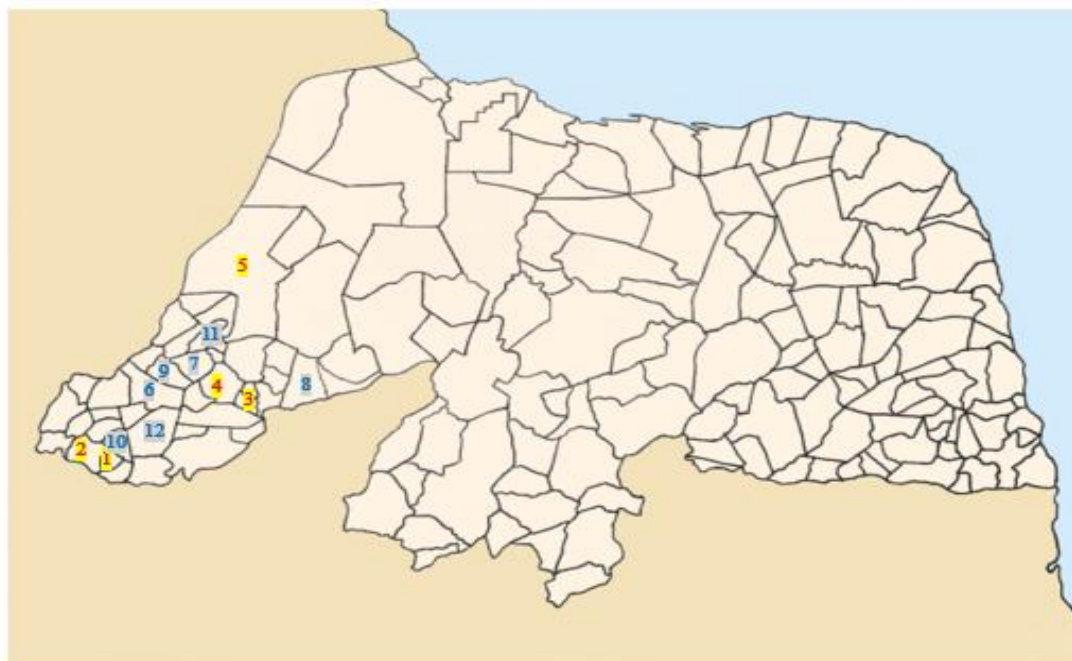
No caso do Estado do Rio Grande do Norte, os números também refletem essa expansão. Em 2010, o Cadastro Nacional de Museus (CNM) registrava 65 unidades museológicas no estado, enquanto atualmente esse número aumentou para 89. Destas, 30 estão localizadas na capital, Natal, e as outras 59 distribuídas entre diversos municípios do estado. Natal mantém a maior concentração de museus, repetindo o desempenho de 2010, com 34% das unidades museológicas.

O número de municípios potiguares com unidades museológicas também apresentou crescimento, passando de 32 em 2010 para 42 registrados até novembro de 2024. Ressaltamos, todavia, que apesar do aumento no número de cidades com unidades museológicas, ainda há uma discrepância significativa em relação aos municípios sem esses espaços. Atualmente, 74% dos municípios do Rio Grande do Norte, o que equivale a 125 cidades, não possuem museus. Na região do Alto Oeste Potiguar, houve uma expansão significativa, com a inserção de novos municípios que passaram a contar com museus. O número de municípios na região aumentou de 5 em 2010 (Apodi, Martins, Frutuoso Gomes, Major Sales e Luís Gomes) para 12 em 2024. Além dos já mencionados, José da Penha, Pau dos Ferros, Patu, Francisco Dantas, Portalegre, Riacho da Cruz e Marcelino Vieira agora integram a cartografia museológica do Alto Oeste Potiguar.

---

<sup>43</sup> A Plataforma MuseusBR foi criada em 4 de março de 2021, através da portaria IBRAM n. 214. É um sistema nacional de identificação de museus e plataforma para mapeamento colaborativo, gestão e compartilhamento de informações sobre os museus brasileiros. Disponível em: <https://www.gov.br/museus/pt-br>. Acesso em: 28 nov.2024

**FIGURA 06 - Mapa de dispersão dos museus do município do Rio Grande do Norte em 2024, com destaque as cidades do Alto Oeste Potiguar**



Municípios com Museus no RN em 2010

- 1- Major Sales
- 2- Luís Gomes
- 3- Frutuoso Gomes
- 4- Martins
- 5- Apodi

Novos municípios cadastrados com museus – novembro de 2024

- 6- Pau dos Ferros
- 7- Portalegre
- 8- Patu
- 9- Francisco Dantas
- 10- José da Penha
- 11- Riacho da Cruz
- 12- Marcelino Vieira

Fonte: Mapa produzido pelo autor da pesquisa a partir dos dados disponíveis em: <https://cadastro.museus.gov.br/painel-analitico/> da plataforma MuseusBR

Atualmente, a região do Alto Oeste conta com 19 museus distribuídos em 12 municípios, todos abertos e em pleno funcionamento. A maioria dessas instituições é composta por museus públicos, mantidas pela esfera municipal, com uma tipologia clássica/tradicional, dedicadas especialmente à preservação da história e da cultura local<sup>44</sup>. Como exemplos, podemos citar o Museu Histórico de Martins (1955), na cidade de Martins; o Museu Histórico de Frutuoso Gomes (1999), em Frutuoso Gomes; o Museu Cultural de Major Sales (2008), em Major Sales; o Museu Padre Antônio Brilhante (2012), em Patu; o Museu Cultural do Sertanejo “Caboclo” (2017), localizado em José da Penha e a Casa de Memória Edimar Diógenes de Paiva (2020), na cidade de Riacho da Cruz<sup>45</sup>.

<sup>44</sup> No estado do Rio Grande do Norte, 63 museus foram identificados com a tipologia clássica/tradicional. Desses, 43 abordam a temática História, dos quais 22 pertencem a esfera pública municipal. Disponível em: <https://cadastro.museus.gov.br/painel-analitico/>. Acesso em: 26 nov. 2024.

<sup>45</sup> Para ver outros museus do RN, em particular, da região do Alto Oeste Potiguar, acessar o endereço eletrônico <https://cadastro.museus.gov.br/painel-analitico/>.

Mais recentemente, seguindo essa tipologia clássica/tradicional, que caracteriza a maioria dos museus potiguares, o município de Marcelino Vieira/RN instituiu, sob a responsabilidade da esfera municipal, o Museu Histórico Cultural Passagem do Freijó, no dia 16 de novembro de 2022, com o objetivo de guardar e preservar a memória e a história do povo vieirense.

Esses espaços, além de cumprirem o papel fundamental de guardar e preservar a memória coletiva por meio dos objetos musealizados, oferecem contribuições significativas para a educação e o ensino. Os museus regionais, com sua tipologia clássica/tradicional, não apenas registram as trajetórias das comunidades, mas também se configuram como ferramentas didáticas valiosas, promovendo o contato direto dos/as alunos/as com a materialidade da História proporcionando, assim, um aprendizado contextualizado e significativo.

Exposições como as do Museu Cultural do Sertanejo “Caboclo”, em José da Penha, Museu Histórico de Martins, na cidade de Martins, ou do recém-inaugurado Museu Histórico Cultural Passagem do Freijó, objeto desta pesquisa, oferecem oportunidades para que educadores/as e estudantes explorem questões como identidade, patrimônio e memória de forma crítica e envolvente. Para isso, é fundamental o desenvolvimento de ações educativas que promovam a integração entre a escola e o museu, a partir de estratégias de ensino e aprendizagem que incentivem os/as alunos/as a problematizarem e historicizarem as expografias e as narrativas apresentadas nos objetos musealizados.

Esses espaços, portanto, não devem ser vistos como simples depósitos de antiguidades. Pelo contrário, precisam ser entendidos como lugares de frutificação, de conhecimento e como dinamizadores de memórias, capazes de contribuir para a aprendizagem crítica e a valorização do patrimônio cultural.

### **3.3 - Trajetórias: o Museu Passagem do Freijó e a constituição do seu acervo**

Compreender os discursos dos museus requer analisar suas trajetórias, escolhas teóricas, objetivos políticos e as funções atribuídas a essas instituições ao longo do tempo. É essencial refletir a constituição de seus acervos, pensar os processos de musealização pelos quais seus objetos passaram, adquirindo uma segunda vida como patrimônio, e discutir as narrativas presentes em seus discursos.

Essas reflexões nos permitem entender que os objetos de museu possuem trajetórias de vida e carregam biografias próprias. O desconhecimento dessas biografias e histórias, segundo Nery et. al (2020), “resulta na perda de uma série de possibilidades de preservação,

comunicação e educação através do acervo” (Nery et. al, 2020, p. 116). Nesse sentido, se não atentar para esse cuidado, muitos museus correm o risco de se tornarem meros depósitos de objetos, preservando corpos sem alma, desprovidos de contextos que deem sentido e vida às narrativas que representam.

Sendo assim, ao traçar a biografia cultural dos *musealia* (neologismo construído a partir do latim para se referir, museologicamente, aos objetos de museu)<sup>46</sup>, revela-se uma rede de sujeitos, memórias, lugares e significados que faz ressurgir uma imaterialidade carregada de simbolismo, essencial para que os objetos cheguem ao museu. Para construir a biografia dos objetos, Ulpiano Menezes (1998) explica que é “necessário examiná-los em situação, nas diversas modalidades e feitos das apropriações de que foram partes” (Menezes, 1998, p. 92). Isso implica, por exemplo, fazer perguntas como: de onde vem o objeto? Quem o fabricou? Qual foi sua trajetória até aqui? Quais são as suas idades ou fases de vida? Que tema trata?

Observar a trajetória dos objetos através das fronteiras que definem seu contexto é, em grande medida, “entender a própria dinâmica da vida social e cultural, seus conflitos, ambiguidades e paradoxos, assim como seus efeitos na subjetividade individual e coletiva” (Gonçalves, 2007, p. 15). Essas questões nos permitem conhecer o museu e o seu papel como espaço de memória e história, destacando a (des)construção dos discursos e da expografia, que se configura como o principal meio de representação pública do passado.

O Museu Histórico Cultural Passagem do Freijó foi fundado no ano de 2022 com a finalidade de guardar a memória, a história, a cultura e a tradição do município de Marcelino Vieira/RN. O seu nome é uma referência ao primeiro topônimo do município, ligado à passagem dos vaqueiros que descansavam à sombra dos freijós, nos séculos XVIII e XIX.<sup>47</sup>

A árvore freijó, espécie nativa do sertão nordestino, era encontrada em abundância no leito do Rio Apodi e em seus afluentes, na região oeste do Estado do Rio Grande do Norte. De acordo com o memorialista Valdecir Carneiro Nascimento (2002), o município em seu passado colonial era uma passagem/estrada de gado, por onde transitavam e descansavam vaqueiros e suas vacarias às sombras dos freijós às margens do Riacho do Albuquerque, vindos principalmente dos criatórios de gado da região de Aracati/CE em direção a Campina

---

<sup>46</sup> Termo proposto por Zbynek Zbyslav Stránský em meados dos anos de 1960, para referir-se aos objetos de museus, que passaram pelo processo de musealização, ganharam novos sentidos diferente do seu uso primário (Brulon, 2017, p. 411).

<sup>47</sup> Além de Passagem do Freijó, o município de Marcelino Vieira/RN recebeu as denominações de Povoado de Vitória, em 1868 e Vila Panatis, em 1943. O nome Vitória foi atribuído por Vigário de Pau dos Ferros, Cônego Bernardino Fernandes, em comemoração ao sucesso no combate à epidemia de cólera na região. Já o nome Panatis foi uma homenagem à tribo indígena que habitou a região anteriormente (Carneiro Neto, 2003, p. 6).

Grande/PB. Neste local, os animais eram abatidos e seus produtos, como carne seca e couro, comercializados.

O museu está instalado no antigo Grupo Escolar Cid Rosado, uma construção da década de 1970, inaugurada na gestão do prefeito municipal Vicente Lopes Fernandes, que governou o município entre 1970 e 1973. Até o final da década de 1980, o edifício foi Grupo Escolar, depois sediou por anos a Secretaria Municipal de Educação. Em 2022, sob a gestão do prefeito Kerles Jácome Sarmiento (2021-2024), o prédio foi amplamente reformado, recebendo melhorias significativas, como novo telhado, instalações elétricas modernizadas, piso renovado, banheiros adaptados e acessibilidade. Essas transformações foram para receber o Museu Municipal, conferindo-lhe um novo significado, uma nova vida.

**FIGURA 07 - Museu Histórico Cultural Passagem do Freijó**



Fonte: Museu Histórico Cultural Passagem do Freijó

A ideia da criação de um Museu Histórico e Cultural para o município com o objetivo de guardar a memória, a história, a cultura e a tradição tem seus antecedentes históricos, com atuações de personagens e ações educativas que fomentaram a valorização da história e da cultura local. Estas atuações e ações educativas foram protagonistas para a idealização e, posteriormente, a criação do Museu Passagem do Freijó, sendo responsáveis, inclusive pela composição de parte dos acervos e organização das galerias do museu.

Historiando essa trajetória, encontramos a professora Maria Irama Cardoso Pires, responsável pelo antigo “Solar dos Sabóias”, localizado no município de Marcelino Vieira. A

professora Irama Cardoso é vieirense, professora aposentada do Estado do Rio Grande do Norte, residente em Natal/RN. É proprietária, desde 2000, de um imóvel no centro da cidade de Marcelino Vieira, um antigo casarão centenário, que pertenceu ao Sr. Romualdo Carneiro do Nascimento, ex-prefeito do município.

Por meio de um questionário enviado via *e-mail*, Irama Cardoso nos historicizou o que foi o “Solar dos Sabóias”, sua relação com o Museu Passagem do Freijó e o contexto da sua criação. Atentar para os relatos da professora, suas memórias, permitiram-nos conhecer boa parte da trajetória do Museu Passagem do Freijó, seu processo de musealização e constituição dos acervos.

O método de perguntas à distância se justifica pelo fato de que a professora Irama Cardoso se encontrava em Natal/RN, sem previsão de ida à Marcelino Vieira. A respeito desse estilo de comunicação, Santhiago e Magalhães (2020) apontam os seguintes aspectos:

novos modos perceptivos e cognitivos ativados na produção de entrevistas *online*, discrição cumulativa que não anula nem obscurece o encontro físico, analógico. Lembram-nos que uma entrevista, tal qual a conhecemos, é uma convenção circunstancial, não um artefato natural carente de fervorosa proteção. A entrevista – parafraseemos – já é artificial. E a comunicação – como quer que se dê – é sempre mediada (Santhiago; Magalhães, 2020, p. 5).

Entende-se que essa alternativa de coleta de informação não se configura como História Oral, mas que essas “mudanças tecnológicas reorientam hábitos, costumes e práticas medulares para a comunicação humana; e novas modalidades de comunicação transfiguram gêneros do discurso, seus conteúdos e modos de dizê-lo” (Santhiago; Magalhães, 2020, p. 5).

Segundo os relatos de Irama Cardoso, o “Solar dos Sabóias” foi idealizado por ela e por sua prima Maria Giselda Cardoso Sales em 2001, com o objetivo de criar, no casarão centenário, um espaço de memória em homenagem a Francisco Assis de Paiva (conhecido como Sabóia Cardoso), pai de Irama Cardoso, e às suas linhagens familiares. Sabóia Cardoso, além de ter sido um agropecuarista, era um homem público e descendente de uma família tradicional do município.

**FIGURA 08 - Casarão que abrigou o “Solar dos Sabóias”**



Fonte: Portal do Viva Marcelino Vieira

Quando questionada sobre os tipos de objetos expostos no Solar e as datas destinadas a eventos especiais, Irama Cardoso explicou: “o acervo do Solar era composto por muitas fotografias dispostas nas paredes da casa, além de banners e objetos pessoais de figuras importantes que construíram a história da cidade”. Ela também destacou que os eventos mais relevantes aconteciam no dia 13 de junho, durante a festa do padroeiro, quando “famílias [tradicionais] nos procuravam para expor fotos de entes queridos, e nesses encontros eram exaltadas a memória dos homenageados”, confidenciou Irama Cardoso.

Ainda em seu relato, a professora destacou as razões que levaram ao fechamento do “Solar dos Sabóias”, sua conexão com a criação do Museu Municipal e a contribuição para a formação do primeiro acervo do Museu Passagem do Freijó:

o casarão ficou pequeno, o espaço não dava mais. Chega à pandemia, o solar passa por uma reforma e o acervo é desmontado e guardado. [...] nesse período, estive com o prefeito Kerles Jácome e a Vice Arli Paiva, e depois de algumas dificuldades pensamos em criar o projeto do Museu Histórico Cultural Passagem do Freijó, feito por muitas mãos. Lembro dos rostos de cada um: a professora Maria Carlos, os professores historiadores Romualdo Carneiro e Diego Oliveira, a neuro psicopedagoga Josileide Eliane e o professor Dr. Jairo Campos, os quais trabalharam incansavelmente até o sonho se tornar realidade. [...] A partir disso, o solar dos sabóias se mistura com o MHCPF, tal qual o rio e o oceano. [...] o acervo do solar é doado para compor o acervo do museu Passagem do Freijó.

As memórias da professora Irama Cardoso permitiram compreender a criação e o processo de musealização que marcou a gênese do Museu Passagem do Freijó, evidenciando os personagens que contribuíram para sua institucionalização. Além disso, mesmo com o

encerramento do “Solar dos Sabóias”, seu acervo encontrou no museu uma oportunidade de renascimento, uma nova casa, uma nova utilidade, incorporando novas histórias e funções. Esse processo de musealização, conforme apontado por Nery et. al (2020), confere aos objetos o *status* de documentos, permitindo que “no museu ganhem uma segunda vida como patrimônio” (Nery et. al, 2020, p. 113).

As histórias compartilhadas por Irama Cardoso se entrelaçam com as minhas memórias, enquanto autor desta pesquisa, que viveu e contribuiu diretamente para a organização do acervo e da expografia do Museu Passagem do Freijó. Nesse contexto, minhas memórias serão utilizadas como fontes de pesquisa neste trabalho, somando-se às de Irama Cardoso com o propósito de reconstruir os acontecimentos, o trabalho e os esforços da equipe responsável pela institucionalização do Museu Municipal Passagem do Freijó. Considerar a inserção dessas memórias nesse resgate histórico está em consonância com o pensamento de Mário Chagas (1994) que nos afirma que “não há aprendizagem e não há informação sem a presença da memória, uma vez que o novo não tem sentido sem a memória para reconhecê-lo” (Chagas, 1994, p. 37).

Dessa maneira, para facilitar a historicização e uma melhor compreensão didática, delimitarei esse percurso historiográfico a partir do dia 18 de outubro de 2022, data da primeira reunião da qual participei para a criação do museu, culminando em 22 de novembro de 2022, quando ocorreu a inauguração do MHCPF. Serão, também, acrescentados a esse relato documentos como a Ata da Câmara Municipal de Marcelino Vieira, fotografias e materiais jornalísticos, os quais servirão para contextualizar e dar maior substância a história da institucionalização do museu municipal.

A convite da professora Irama Cardoso e da vice-prefeita Arli Paiva, reunimo-nos na manhã do dia 18 de outubro de 2022, na casa da professora, antigo “Solar dos Sabóias”, para discutir a criação do Museu Passagem do Freijó. Além de mim, participaram da reunião os professores Jairo José Campos da Costa, Demóstenes Diego Fernandes de Oliviera, Josileide Eliane de Queiroz e o artista plástico Jerferson Egídio da Silva Pereira.

A reunião teve como pauta central a discussão da curadoria do futuro museu, o planejamento de seu acervo e a organização de sua expografia. Nesse encontro, ficou definido que o Museu Passagem do Freijó abordaria temáticas que valorizassem a história e a cultura local, evocando fatos, costumes e tradições do povo vieirense. Assim, foi acordado que o museu seria dividido em cinco galerias: a primeira destacaria a história da emancipação do município e a formação do primeiro governo constitucional; outra abordaria a história do cangaço, com

ênfase na passagem do bando de Lampião por Marcelino Vieira; e as demais seriam dedicadas à religiosidade, à cultura sertaneja e aos saberes e afazeres típicos do sertão.

Esse tipo de tipologia reflete a tendência predominante na museologia do Estado do Rio Grande do Norte, especialmente na região do Alto Oeste Potiguar. Cidades como José da Penha, Martins, Major Sales, Frutuoso Gomes, Riacho da Cruz e Patu possuem museus municipais com características clássicas/tradicionais, voltadas principalmente à preservação da história e da cultura local.

Durante a reunião, a professora Irama Cardoso, também, informou que todo o acervo do “Solar dos Sabóias”, guardado desde o período da pandemia de Covid-19, seria doado ao Museu Passagem do Freijó e que tal acervo contribuiria especialmente para as galerias dedicadas à religiosidade e à cultura sertaneja, enriquecendo as exposições e reforçando a conexão com a história local. Essa iniciativa, juntamente com o deslocamento do acervo do antigo “Solar dos Sabóias” para o Museu Municipal, representou a primeira aquisição de objetos destinados à organização da expografia do MHCPF.

Somando-se a essa iniciativa, logo após a fala da professora Irama Cardoso, propus-me, junto ao professor Diego Oliveira, a organizar a constituição dos acervos das galerias dedicadas à emancipação do município e à história do cangaço.

A emancipação tinha sido tema de pesquisa do meu trabalho de conclusão de curso em História em 2003, na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Nesse trabalho, procurei analisar o processo de emancipação política de Marcelino Vieira em 1953, procurando por um lado, compreender a ação dos grupos políticos locais e, por outro, perceber as mudanças e permanências que a cidade emancipada trouxe para a vida dos seus habitantes.

Como fontes para pesquisa, utilizei, entre outros documentos, a Ata da Câmara Municipal de Pau dos Ferros de 1953 e o Código de Postura Municipal de 1955. Esses documentos estavam sob minha guarda em meus arquivos pessoais: uma cópia da Ata do Legislativo paufferrense de 1953, que discutiu o processo de emancipação política de Marcelino Vieira, e um original do Código de Postura Municipal, impresso em 1955 e doado pela Câmara Municipal em 2003 para meu estudo.

Essas fontes históricas, que foram fundamentais para minha pesquisa monográfica em 2003, foram, naquele encontro, doadas para compor a expografia do museu, especialmente na galeria dedicada à emancipação do município e à constituição do primeiro governo constitucional. Além desses documentos, a galeria recebeu do professor Diego Oliveira a doação de outros itens que estavam sob sua guarda, incluindo registros sobre a vida e o governo do primeiro prefeito constitucional de Marcelino Vieira, José Calazans Fernandes. Entre esses

objetos, destacam-se fotos e registros jornalísticos de 1957, que documentaram a participação do prefeito no IV Encontro Nacional de Prefeitos, realizado na capital federal, na época o Rio de Janeiro. O professor Diego Oliveira é um estudioso sobre esse período histórico da cidade de Marcelino Vieira, e já havia desenvolvido trabalhos sobre a biografia de José Calazans Fernandes em ambientes escolares.

Também, naquela reunião, decidi pela doação dos meus documentos referentes à história do cangaço, especificamente sobre a passagem do bando de Lampião no município de Marcelino Vieira em 1927. Ao longo de mais de 20 anos, logo após meu retorno a Marcelino Vieira, após a conclusão da minha graduação em História em 2003, dediquei-me a inúmeros estudos sobre o episódio da passagem do bando de Lampião pelo Rio Grande do Norte, especialmente sobre sua passagem pelo município de Marcelino Vieira, ocorrida em 10 de junho de 1927. Nesse processo, foi possível conhecer os locais por onde o bando passou, conversar com pessoas que carregavam em suas memórias as histórias transmitidas por seus antepassados, além de adquirir artefatos relacionados a esse acontecimento.

Esses estudos geraram diversas ações propositivas para a preservação e a difusão desse acontecimento histórico, não apenas em Marcelino Vieira, mas também em todo o Estado do Rio Grande do Norte. Isso se deve ao fato de que, embora esse evento tenha grande importância para a região, geralmente recebe mais visibilidade e estudos relacionados à cidade de Mossoró/RN. Documentários como “Chapéu Estrelado” (2017), do cineasta Silvio Coutinho; “Passagem do Bando de Lampião em Marcelino Vieira” (2019), produzido pelos alunos do 9º ano da Escola Municipal Edilton Fernandes na MTEC; e “Fogo da Caiçara” (2024), recém-produzido pela jornalista Ivanúcia Lopes, são exemplos dessas ações que promovem a visibilidade dessa história local, dando protagonismo a lugares e pessoas que, antes no anonimato, agora ganham seu devido lugar na história<sup>48</sup>.

Para compor a galeria do cangaço, a doação consistiu na transferência dos seguintes itens: punhais, balas de rifle, uma porta de casarão arrombada pelo bando, com marcas de “boca de fuzil”, fotografias de personagens que vivenciaram a passagem do bando, cópias do processo criminal contra Lampião e seu bando, lavrado pela comarca de Pau dos Ferros em 1927, com destaque para o inquérito sobre a morte do soldado José Monteiro de Matos e o mandado de prisão de Lampião. Também foi doado um mapa 3D em MDF, representando o território do

---

<sup>48</sup>“Chapéu Estrelado” está disponível no YouTube na página de Elgson Lima <https://www.youtube.com/watch?v=8tv9rksW2Mg>. “Passagem do Bando de Lampião em Marcelino Vieira” encontra-se na minha página do YouTube: [https://www.youtube.com/watch?v=U\\_as6wJNhBc](https://www.youtube.com/watch?v=U_as6wJNhBc). “Fogo da Caiçara” está acessível na página da jornalista Ivanúcia Lopes: <https://www.youtube.com/watch?v=BhnxRwW7LfA&t=24s>.

município de Marcelino Vieira, evidenciando os principais locais por onde o bando passou. Esses objetos eram frequentemente utilizados como ferramentas pedagógicas nas aulas de História, servindo para abordar o estudo do cangaço e relacionar os acontecimentos locais ao contexto das narrativas regionais e nacionais.

O significado dessas doações para o Museu Passagem do Freijó representou a ideia de eternidade, uma sensação de perenidade, uma vez que os objetos agora recebiam um novo futuro, um novo espaço e novas funções. No entanto, Chagas (1994) nos alerta que essa perenidade é superficial e ilusória, mesmo salvaguardados em museus, ele afirma que “tentar impedir a ação do tempo sobre esses testemunhos é tão doentio quanto tentar apagar a memória das coisas” (Chagas, 1994, p. 74). Em outras palavras, o tempo não para e, apesar dos esforços de preservação, continuará a agir sobre os objetos e as memórias.

Ressaltamos, contudo, que a constituição do acervo do Museu Passagem do Freijó não se limitou aos objetos oriundos do antigo “Solar dos Sabóias” ou às doações realizadas por mim e pelo professor Diego Oliveira. A reunião de 18 de outubro também teve como propósito estabelecer um cronograma para a aquisição de novos itens, com o objetivo de enriquecer as galerias do museu. Esses objetos seriam obtidos, principalmente, por meio de doações de moradores/as do município, vinculados/as à afetividade das pessoas e diretamente conectados/as às temáticas propostas para as exposições.

Nesse sentido, entre os dias 19 de outubro e 19 de novembro, foram realizadas excursões e visitas às residências de várias famílias da Zona Urbana e Rural do município. Durante as visitas, explicávamos que a cidade de Marcelino Vieira estava criando um museu com a finalidade de preservar e narrar a história e a cultura local, e questionávamos se a família teria interesse em doar algum objeto para compor o acervo. Garantíamos que o item doado passaria por um processo de conservação e catalogação, no qual seriam registrados tanto o objeto quanto a identidade do/a doador/a.

Uma dessas viagens aconteceu no dia 24 de outubro, nos sítios Panatis e Juazeiro, localizados na Zona Rural do município, a aproximadamente 15 km da sede municipal. Estavam presentes Jairo Campos, Irama Cardoso, Arli Paiva e eu. Durante a visita, estivemos nas residências de “Dona Zefinha”, “Seu Zé Pereira”, “Toinheira” e Maria Emília, moradores/as conhecidos/as na comunidade e que já tinham uma relação de proximidade conosco. Da residência de “Dona Zefinha”, foi doado um oratório centenário; da casa de “Seu Zé Pereira”, uma prensa de queijo e um pilão; já da casa de Maria Emília, vieram uma cantareira de pote e uma mala antiga; e da casa de “Toinheira”, imagens de santos católicos.

“Dona Zefinha”, naquele dia, confidenciou-nos que faria questão de estar presente na inauguração do museu e que a doação do oratório simbolizava a história de sua família. Ela destacou que muitas pessoas poderiam conhecer essa história ao visitar o objeto no museu. Essa perspectiva está alinhada ao que Meneses (1998) afirma: os “objetos trazem consigo informações, possuem biografias, uma trajetória, uma história de vida” (Meneses, 1998, p. 92). Contudo, esses objetos não falam por si só; é necessário que sejam feitas indagações que atribuam sentidos, significados e valores aos mesmos.

**FIGURA 09 - Residência de “Dona Zefinha” (Sítio Panatis)**



Fonte: Arquivo pessoal

Dia após dia, mais doações foram realizadas, e a residência de Arli Paiva, localizada no centro da cidade e próxima ao prédio em fase final de reforma para abrigar o museu, tornou-se o ponto de armazenamento de todos os objetos. Esses itens passavam por processos de higienização e catalogação, em um trabalho coletivo realizado com muito cuidado, apreço e dedicação.

O processo de cientificação e musealização dos objetos doados foi realizado sob a orientação do professor e museólogo Jairo José Campos da Costa, da Universidade do Estado de Alagoas (UNEAL). Potiguar de origem, Jairo Campos lidera a “Fundação Cultural Professor Jairo José Campos da Costa”, responsável pela administração do Museu de Cultura Popular de Francisco Dantas-RN. Com vasta experiência em curadoria e em consultorias para diversos museus da região, como o Museu Histórico de Martins, foi contratado pela Prefeitura Municipal

para prestar assessoria e orientar todo o processo de musealização do acervo, culminando na organização das galerias do Museu Passagem do Freijó.

**FIGURA 10 - Armazenamento das doações para o museu (Residência de Arli Paiva)**



Fonte: Arquivo pessoal

Como referido anteriormente, a esse processo, Broulon (2018), inspirado em Stránkys, explica que a musealização envolve um conjunto de etapas pelas quais uma peça passa ao ser incorporada ao museu. Essas etapas incluiriam, respectivamente: pesquisa, seleção, aquisição (documentação), conservação, comunicação e pesquisa de recepção. Fases do processo de musealização que se retroalimentam (Brulon, 2018, p. 199).

Concomitantemente a esse trabalho de musealização do acervo, o início do mês de novembro foi marcado pela elaboração do projeto de lei para a criação do Museu Histórico e Cultural Passagem do Freijó. O texto contou com a colaboração do professor Jairo Campos e a assessoria jurídica da Prefeitura. A proposta teve como base a legislação vigente sobre a criação de museus no Brasil, incluindo a Lei n. 11.904 de 2009 e o Decreto Federal n. 8.124/2013, os quais estabelecem diretrizes para a criação e funcionamento de museus municipais e levou em consideração o contexto histórico e cultural da cidade.

Concluído o projeto, foi imediatamente encaminhado à Câmara Municipal para apreciação e aprovação pelo Legislativo. De acordo com a ata da décima sexta sessão extraordinária dos trabalhos legislativos de 2022, os/as vereadores/as se reuniram no dia 11 de novembro de 2022, para discutir o Projeto de Lei Municipal n. 28/2022, que tratava da criação do Museu Histórico e Cultural Passagem do Freijó. O documento registra que o projeto foi

aprovado por unanimidade e que o vereador Adailson Alves utilizou a tribuna para “parabenizar a iniciativa e a homenagem feita à cidade”.<sup>49</sup>

Com a aprovação do projeto de lei pelo Legislativo municipal, o prefeito Kerles Jácome Sarmiento sancionou, no dia 16 de novembro de 2022, a Lei n. 383, formalizando a criação do Museu Histórico Cultural Passagem do Freijó. Nesse contexto, com as obras do prédio concluídas para abrigar o museu e os processos de musealização e constituição dos acervos em fase final, a inauguração do espaço museológico foi incluída na programação comemorativa da emancipação política de Marcelino Vieira, com data prevista para o dia 22 de novembro, às 19h, conforme programação divulgada em 18 de novembro por meio de uma rede social da prefeitura<sup>50</sup>.

Os dias 19, 20, 21 e 22 de novembro foram inteiramente dedicados à organização e montagem dos acervos no museu. O edifício, já concluído, estava pronto para receber os objetos previamente higienizados e catalogados. Esse processo foi marcado por um esforço coletivo, fruto do trabalho dedicado de muitas mãos. Passado um mês desde a reunião realizada na casa de Irama Cardoso, mantínhamos a mesma união e empenho para concluir os últimos detalhes, reafirmando o compromisso com a concretização do Museu Passagem do Freijó.

As galerias foram organizadas de acordo com suas temáticas, garantindo uma distribuição coerente dos acervos. A galeria da emancipação foi composta por documentos históricos que retratam a história política do município. A galeria do cangaço recebeu peças, cópias de documentos, fotografias e artefatos locais que narram a passagem do bando de Lampião pelas terras vieirenses. Na galeria da religiosidade, foram expostos diversos objetos sacros, como oratórios, imagens de santos, bíblias, ex-votos, fotos de famílias e personagens da história do município. A galeria da cultura sertaneja foi equipada com itens como objetos de couro, louças, armários, painéis de barro, potes e fotografias. Por fim, a galeria dos saberes e afazeres do sertão apresentou objetos ligados às atividades sertanejas, como máquinas de fiar algodão, máquinas de costuras, ferros de passar roupa, nichos de queijo, pilões, utensílios de engenhos rapadureiros e ferramentas de antigas olarias. Totalizavam mais de 800 peças,

---

<sup>49</sup> Ata da Câmara Municipal de Marcelino Vieira de 11 de novembro de 2022. Conforme o documento, estiveram presentes os vereadores: José Ednaldo Vieira (presidente), Miguel Francinildo de Aquino, José Adailson Alves de Oliveira, Maria de Fátima Lopes Bandeira da Silva, Caio César Paiva, Antônio Juzelândio Galdino Filho, Aurivones Alves do Nascimento e Adalberto Antônio da Costa. Ausente estava o vereador Francisco Belarmino Filho.

<sup>50</sup> A programação pode ser acessada no Instagram da Prefeitura Municipal de Marcelino Vieira. Além da inauguração, foi incluída uma palestra nesse dia, às 14h, no auditório do Polo de Educação a Distância, a ser ministrada pelo professor Jairo Campos.

adquiridas do acervo original do “Solar dos Sabóias”, de pertences de arquivos pessoais e, em grande maioria, por doações feitas por moradores/as da comunidade.

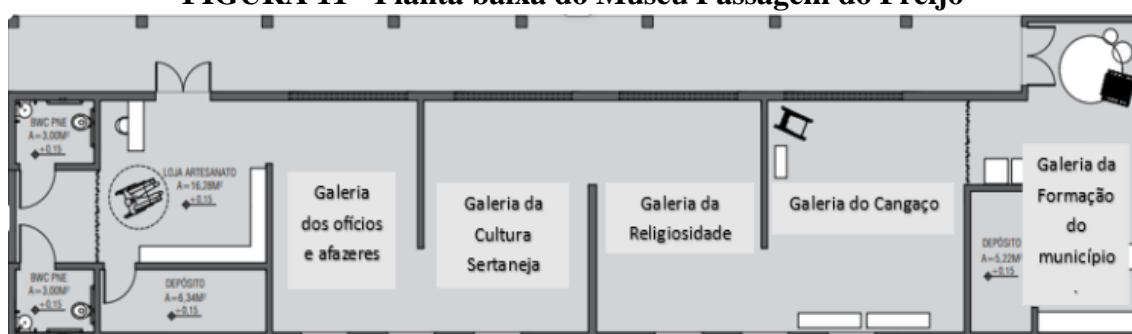
A inauguração aconteceu no largo da Praça João Damião, nas proximidades do prédio do museu, às 19h, no dia 22 de novembro de 2022. O evento contou com a apresentação da Banda Filarmônica “Padre João Batista”, grande público e um palco destinado às autoridades políticas e aos responsáveis pelo trabalho de aquisição e organização dos acervos do museu. A professora Irama Cardoso rememorou esse momento, afirmando que o “evento foi festivo e marcante, filhos presentes e ausentes vivenciaram aquele 22 de novembro de 2022. [...] A inauguração do MHCPF dava a oportunidade a Marcelino Vieira de escrever uma nova página de sua história política, social e cultural”.

Passados mais de dois anos de sua criação, compreendo que esse espaço não pode ser visto como um espaço de velharias estanque. Ele precisa, constantemente, ser problematizado e historicizado, pois a questão que apontamos pra esse texto é que um museu não pode ser um espaço compreendido sem se conhecer seu acervo, a sua trajetória e a sua missão. Deve ser um espaço dinâmico de estudo, investigação e questionamento, no qual o passado é reavaliado e recontextualizado à luz das demandas e perspectivas contemporâneas.

### 3.3.1 – Conhecendo a expografia do Museu Passagem do Freijó

Ao visitar o MHCPF, percebe-se que a sua expografia foi organizada e dividida em cinco galerias: a primeira trata da história da emancipação do município e a formação do primeiro governo constitucional; a segunda trabalha a história do cangaço, com ênfase na passagem do bando de Lampião por Marcelino Vieira; a terceira é dedicada à religiosidade, e a quarta e quinta representam à cultura sertaneja e os saberes e afazeres típicos do sertão, respetivamente.

**FIGURA 11 - Planta baixa do Museu Passagem do Freijó**



Fonte: Museu Passagem do Freijó

A primeira galeria expositiva do museu está localizada no *hall* de entrada e apresenta um panorama introdutório sobre o museu e o prédio que o abriga, por meio de um painel explicativo. Essa sala destaca documentos que narram a trajetória histórica do município de Marcelino Vieira, com ênfase no processo de emancipação política e na formação do primeiro governo constitucional. Entre os itens expostos estão cópias da Ata da Câmara Municipal de Pau dos Ferros de 1953, original impresso do Código de Postura Municipal de 1955 e cópias das publicações jornalísticas de 1957, que registraram a participação do prefeito vieirense, José Calazans Fernandes, no IV Encontro de Prefeitos do Brasil. Esses documentos centralizam a temática da galeria e buscam valorizar a memória política e administrativa da cidade.

**FIGURA 12 - Galeria da formação do município e o primeiro governo constitucional**



Fonte: Arquivo pessoal

Na segunda sala do museu, encontram-se objetos que narram a história do cangaço, com destaque na passagem do bando de Lampião pelo município de Marcelino Vieira. Um dos objetos da galeria é um mapa 3D em MDF do território do município de Marcelino Vieira, localizado na parte central da sala, onde se evidencia os principais locais percorridos pelo bando em 1927. O mapa detalha episódios marcantes, como o “Fogo da Caiçara” – um confronto armado entre cangaceiros e forças militares do estado que resultou na morte do cangaceiro Azulão e do soldado José Monteiro de Matos – e o pernoite do grupo liderado por Lampião entre os dias 10 e 11 de junho, no Lajedo do João Brandinho, situado a aproximadamente 10 km da sede do município.

A galeria também apresenta como destaques painéis contendo cópias do processo criminal contra o bando de Lampião, de 1927, lavrado no município de Pau dos Ferros. Esses documentos incluem o inquérito sobre a morte do soldado José Monteiro de Matos e o mandado de prisão expedido contra Virgulino Ferreira da Silva, conhecido como Lampião. Complementando essa narrativa, estão expostas peças emblemáticas como balas, punhais, uma porta com marcas de disparos e de “boca de fuzil” e um conjunto de 11 fotografias. As imagens retratam policiais que participaram do “Fogo da Caiçara”, moradores cujas casas foram arrombadas, o juiz da comarca que conduziu o processo criminal, além de representações do próprio Lampião, do mausoléu em homenagem ao soldado morto e das armas utilizadas durante o período.

**FIGURA 13 - Galeria do cangaço**



Fonte: Arquivo pessoal

Na terceira sala, dedicada à religiosidade, estão expostos objetos sacros que refletem a forte tradição católica do município. No centro da sala, destaca-se uma pia batismal proveniente da Igreja Matriz de Santo Antônio, doada por uma família tradicional do município. Este objeto, que serviu à paróquia por muitos anos, foi preservado após a reforma da igreja no final da década de 1980. Na ocasião, o padre João Batista Silva de Mendonça doou a pia batismal a “Dora Leite”, que a manteve guardada em sua residência até sua recente inclusão no acervo do museu.

Além desse objeto, a sala exhibe uma coleção de oratórios, imagens sacras, terços, bíblias, ex-votos, cadeira e genuflexórios. Complementando o ambiente, as paredes estão adornadas

com fotografias de famílias tradicionais do município, destacando personagens que contribuíram para a fundação da cidade e desempenharam papéis importantes na festa do padroeiro Santo Antônio, como Napoleão Lopes Cardoso<sup>51</sup> e sua esposa, Maria Ottilia Fernandes<sup>52</sup>.

**FIGURA 14 - Galeria da religiosidade**



Fonte: Arquivo pessoal

A galeria da religiosidade do Museu Passagem do Freijó, ao concentrar sua narrativa na tradição católica e destacar famílias fundadoras ligadas à Igreja, reflete a hegemonia histórica dessa religião no município de Marcelino Vieira. No entanto, essa representação exclusiva deixa de lado outras expressões religiosas e culturais que podem coexistir na memória coletiva da comunidade. Embora a tradição católica ocupe um papel central na compreensão da formação histórica da cidade, é igualmente fundamental respeitar e valorizar as narrativas de personagens historicamente silenciados, como mulheres, escravizados, indígenas, crianças, trabalhadores e camponeses. Esses grupos, muitas vezes marginalizados pela escrita da história oficial, carregam silêncios que, quando explorados, proporcionam reflexões tão significativas quanto às expressões amplamente registradas e faladas.

<sup>51</sup> Napoleão Lopes Cardoso, filho de Vicente Lopes Cardoso, patriarca da família Lopes na região, destacou-se como agropecuarista e proprietário da Fazenda São José, onde mantinha um engenho de cana-de-açúcar movido por tração animal. É pai de Vicente Lopes Fernandes, ex-prefeito do município e que foi responsável pela construção do Grupo Escolar “Cid Rosado”, edifício que atualmente sedia o Museu Passagem do Freijó (Nascimento, 2002, p. 200-201)

<sup>52</sup> Maria Ottilia Fernandes é filha de Israel Fernandes de Queirós e possui uma linhagem diretamente ligada a figuras históricas importantes para a formação do município. Entre seus ascendentes estão Antônio Fernandes de Oliveira e o Padre Bernardino José Fernandes de Queirós. Antônio Fernandes foi o responsável pela doação do terreno onde, em 1861, foi construída a Capela de Santo Antônio. Já o Padre Bernardino, além de celebrar a primeira missa na capela em 1863 renomeou o lugar de Passagem do Freijó para Povoado de Vitória, segundo topônimo do município (Nascimento, 2002, p. 288).

Logo após a galeria da religiosidade, o museu apresenta uma sala dedicada à cultura sertaneja, que retrata o cotidiano de muitas famílias da região. Essa cultura se manifesta por meio de objetos doados pela comunidade, como potes, coqueiras, cantareiras, panelas de barro, bolsas e urupembas (ou urupemas) feitas de palha, cestos, latas e silos de zinco, lamparinas, pratos e bacias de ágata, baús, mesas de madeira, balanças e um fogão de ágata.

Esses objetos estão relacionados a vida sertaneja, os quais a tão pouco tempo desempenhavam funções domésticas e utilitárias na vida das famílias doadoras. Agora, ao serem inseridos no museu, perdem suas funções originais para ganhar novos significados e narrativas. Transformam-se em documentos, passam a ser testemunhos e registros de uma história, conectando passado, presente e futuro. Além disso, evocam memórias e contribuem para o fortalecimento das identidades dos diferentes sujeitos e grupos sociais.

**FIGURA 15 - Galeria da cultura sertaneja**



Fonte: Arquivo pessoal

Ainda na mesma sala e no corredor que nos leva a parte final da expografia do museu Passagem do Freijó, há uma continuidade de fotografias que enaltecem as famílias tradicionais de Marcelino Vieira, oriundas do acervo do antigo “Solar dos Sabóias”. Entre os destaques estão as imagens do Coronel José Marcelino de Oliveira e sua família<sup>53</sup>, bem como a do senhor Pedro Cardoso Filho<sup>54</sup>, em um momento de celebração ao receber o grau de formatura em Medicina, acompanhado por seu irmão Sabóia Cardoso.

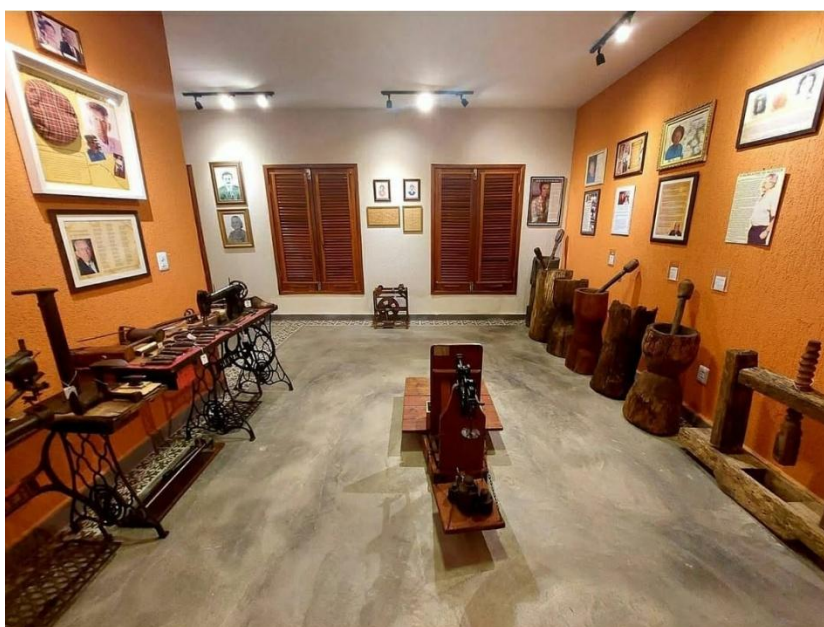
---

<sup>53</sup> José Marcelino de Oliveira era detentor do título de Coronel da Guarda Nacional. Foi chefe político do Distrito de Vitória (hoje Marcelino Vieira), prestou relevantes serviços à comunidade como a construção do mercado público em 1911 e melhoramentos na infraestrutura da Igreja de Santo Antônio (Marcelino Neto, 2024. p. 34).

<sup>54</sup> Pedro Cardoso foi um dos primeiros filhos do município de Marcelino Vieira a receber o grau de formatura em Medicina. É autor do livro “Alcool e Drogas Ilícitas”, publicado em 2001.

Ao sairmos da sala dedicada à cultura sertaneja, chegamos à última galeria temática do museu: a dos saberes e afazeres do sertão. Nesse espaço, os objetos expostos refletem as atividades de trabalho realizadas pelo homem sertanejo, representando aspectos essenciais do cotidiano da comunidade. Entre os itens apresentados, destacam-se aqueles ligados à criação de gado, com ênfase na pecuária leiteira, como nichos de queijo, leiteiras, prensas, tambores e arreios. Além disso, a galeria também valoriza o trabalho com couro, apresentando máquinas de sapateiro e ferramentas que pertenceram ao senhor Juvenal da Cruz<sup>55</sup>, doadas ao museu por sua família.

**FIGURA 16 – Galeria dos saberes e afazeres do sertão**

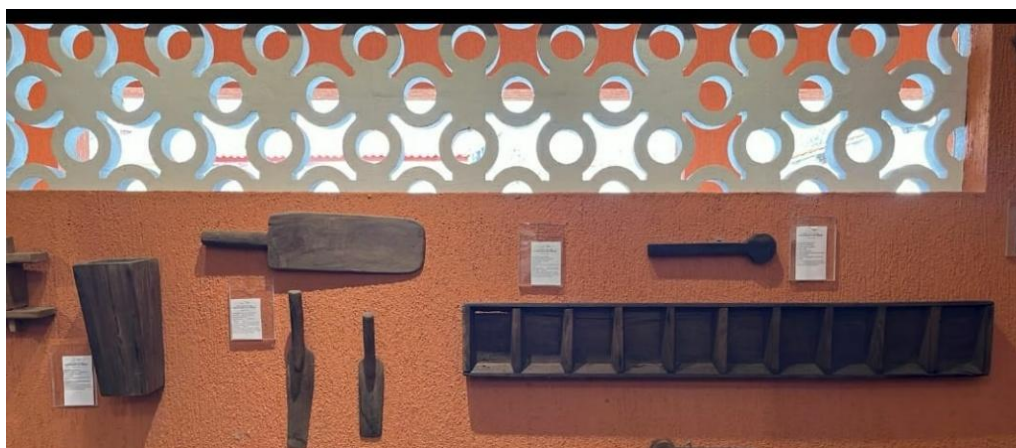


Fonte: Arquivo pessoal

Por fim, na mesma galeria, encontram-se expostos objetos como pilões, máquina de fiar algodão, ferramentas de marcenaria e olarias, e artefatos relacionados ao trabalho dos engenhos rapadureiros, incluindo formas e espátulas de madeira utilizadas na produção de rapadura e batida. Esses itens representam a importância histórica dos produtos gerados no engenho para a economia local, destacando-se a produção de rapadura, batidas, alfenim, caldo de cana e açúcar mascavo. Os objetos pertenciam ao engenho São José e foram doados pelos familiares do senhor “Dico Marcolino”.

---

<sup>55</sup> Juvenal da Cruz exerceu por anos a profissão de sapateiro no município, fabricando sapatos, sandálias e utensílios feitos de couro, que eram comercializados em sua oficina e feira da cidade.

**FIGURA 17 - Espátulas e formas de engenho rapadureiros**

Fonte: Arquivo pessoal

Ao apresentar a expografia do Museu Passagem do Freijó, compreendemos que o papel educativo dos museus transcende a simples observação dos objetos em exposição. Enquanto professores/as e mediadores/as do conhecimento, é essencial levar os/as alunos/as a uma reflexão crítica sobre as narrativas expressas nos objetos culturais. Para isso, é necessário planejar e executar atividades que historicizem e problematizem a exposição museal, permitindo interpretações e comparações de narrativas. Dessa forma, a aprendizagem histórica é ampliada, apontando que o museu é um espaço dinâmico, rico em significados e essencial para a construção de saberes críticos.

Nesse sentido, considerando a necessidade de um material didático que proponha estratégias de ensino e aprendizagem em História, voltado para auxiliar e orientar os/as professores/as no planejamento de aulas interativas que integrem o museu, esta pesquisa desenvolveu um “Caderno metodológico”<sup>56</sup>. O material oferece orientações e possibilidades pedagógicas para visitas ao Museu Histórico Cultural Passagem do Freijó, buscando promover reflexões sobre as temporalidades e espacialidades presentes em suas exposições.

O “Caderno metodológico” foi desenvolvido com base na BNCC (Base Nacional Comum Curricular), um documento normativo que estabelece as aprendizagens essenciais para todas as etapas da Educação Básica. Além disso, o Caderno alinha-se ao Documento Curricular do Estado do Rio Grande do Norte para o Ensino Fundamental (DCERN), que destaca em seus dispositivos o incentivo ao/a professor/a “pela pesquisa constante sobre a história do lugar e do estado, incentivando assim também os alunos a desenvolver e viver sua própria história”. (DCERN, 2018, p. 974).

<sup>56</sup> Na sequência apresentamos a descrição do “Caderno metodológico” com ilustrações das partes descritas. O caderno na íntegra constitui o APÊNDICE 1 da dissertação.

Nesse contexto, o “Caderno metodológico” do Museu Passagem do Freijó oferece primeiro um panorama detalhado do histórico da instituição, das galerias temáticas e os objetos em exposição. Apresentação do Museu Histórico Cultural Passagem do Freijó e sua expografia tem como propósito situar o/a professor/a e os/as estudantes no contexto histórico e cultural do espaço visitado. Ao detalhar a origem do museu, suas finalidades e as temáticas abordadas em cada galeria, esta parte do “Caderno metodológico” oferece subsídios para que o/a educador/a compreenda a narrativa museal e sua relevância para a memória coletiva local. O conhecimento prévio dessas informações permite que o/a docente desenvolva um planejamento que alinhe os conteúdos curriculares às exposições, favorecendo um aprendizado significativo e contextualizado.

Além disso, o detalhamento da expografia do museu possibilita ao/a professor/a antecipar os temas que podem ser aprofundados em sala de aula e durante a visita. Conhecendo a disposição das galerias e os objetos que compõem o acervo, o/a educador/a pode estimular reflexões críticas sobre os temas apresentados e suas relações com a história regional e nacional. Essa abordagem potencializa o papel do museu como espaço pedagógico e promove um ensino de História mais dinâmico, crítico e integrado às vivências dos alunos. O material também inclui um mapa mental que sintetiza a estrutura do museu e se apresenta como uma ferramenta visual, permitindo aos/as alunos/as e professores/as visualizar suas diferentes áreas e as conexões entre elas.



A Sequência Didática é outro ponto chave, organizada em três momentos distintos: antes, durante e após a visita. Esse formato garante que a experiência seja planejada para

maximizar a aprendizagem, tornando a visita ao museu uma etapa significativa dentro do processo educativo. Esta seção didática oferece um roteiro detalhado para potencializar a experiência dos/as alunos/as no museu. Antes da visita, sugere-se a contextualização do tema em sala de aula, com atividades que despertem o interesse e promovam o engajamento dos/as estudantes. Durante a visita, a proposta é desenvolver uma exploração ativa e reflexiva do espaço museal, orientada por perguntas que estimulem a análise crítica. Após a visita, são apresentadas atividades de síntese e reflexão, permitindo que os/as alunos/as compartilhem suas percepções e relacionem o conteúdo estudado com suas vivências.

Complementando essa estrutura, o caderno apresenta um quadro interdisciplinar, permitindo conexões entre sugestões de atividades que ampliam as possibilidades de exploração do acervo, mesmo fora do ambiente museológico. O quadro interdisciplinar apresenta possibilidades de articulação entre o ensino de História e outras disciplinas, como Arte, Ciências, Religião, Geografia, Matemática, Inglês e Língua Portuguesa. Essa abordagem amplia as perspectivas de análise e compreensão dos temas abordados no museu, permitindo que os/as professores/as e alunos/as percebam as inter-relações entre diferentes áreas do conhecimento. Ao explorar essas conexões, o/a professor/a estimula o pensamento crítico e integrador, essencial para a formação de cidadãos reflexivos e conscientes.

## SEQUÊNCIA DIDÁTICA

**TEMA:** Conhecendo o Museu Passagem do Freijó.

**PERÍODO DE DURAÇÃO:** 07 aulas (350 minutos)

**COMPONENTE CURRICULAR:** História

**PÚBLICO-ALVO:** Alunos da Educação Básica.

**EXPECTATIVAS DE APRENDIZAGEM:** Apresentar o Museu Passagem do Freijó, seu histórico, seu acervo e sua importância para a memória e cultura local.

**HABILIDADES DA BNCC**

- EF05H01: Reconhecer diferentes fontes históricas, como documentos, objetos e narrativas, analisando sua importância para a preservação da memória e da história.
- EF06H07: Identificar a relação entre passado e presente, analisando continuidades e rupturas em práticas culturais, sociais e econômicas.
- EF05H05: Reconhecer a diversidade do patrimônio cultural e artístico como característica de uma sociedade plural.
- EF06H02: Identificar diferentes formas de registro do tempo e as mudanças que esses registros sofreram ao longo da história.
- EF09H08: Refletir sobre a importância da preservação do patrimônio histórico e cultural, identificando ações e iniciativas que contribuem para a valorização das memórias.
- CG3: Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.

**ETAPAS DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA**

- **Atividade que antecede a visita ao museu:** Para o primeiro momento é essencial preparar os alunos para a experiência, contextualizando o museu e introduzindo as temáticas das galerias.

**Tempo de duração: 02 aulas (100 minutos)**

**1ª Aula (50 minutos): Introdução ao tema**

- Roda de conversa:
  - ✓ Perguntas norteadoras: o que define um museu? O que é o Museu Passagem do Freijó, sua criação, objetivo e localização.
  - ✓ O motivo do nome "Passagem do Freijó".
  - ✓ O contexto histórico do prédio que abriga o museu.
- Apresentação de fotos do museu, suas galerias e conteúdos abordados.

**2ª Aula (50 minutos): Organização da visita**

- Atividade em grupo:
- ✓ Dividir a turma em cinco grupos, cada um com uma galeria temática.
- ✓ Texto digital de apresentação do Museu Passagem do Freijó. QR Code do Mapa Mental para os alunos.

## INTERDISCIPLINARIDADE

O Museu Passagem do Freijó oferece uma rica oportunidade para a abordagem interdisciplinar do conhecimento, permitindo conexões entre diversas áreas do saber. Suas galerias, que abordam temáticas como emancipação política, o cangaço, a religiosidade, a cultura sertaneja e os saberes e afazeres do sertão, podem ser exploradas de maneira integrada nas disciplinas de Arte, Ciências, Religião, Geografia, Matemática, Inglês e Língua Portuguesa. A seguir, destacamos como cada disciplina pode se beneficiar dessa experiência, juntamente com habilidades da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) relacionadas.


| Disciplina | Possibilidades de Estudo   | Habilidades da BNCC   |
|------------|--|---|
| Arte       | Análise das representações artísticas presentes nas galerias, como xilogravuras, fotografias e objetos decorativos. Exploração de técnicas artísticas inspiradas nos elementos expostos. | EF69AR15: Experimentar diferentes materiais e procedimentos da arte para expressar ideias, sentimentos e narrativas.<br>EF69AR21: Analisar produções artísticas em diferentes contextos socioculturais, reconhecendo suas funções e significados. |
| Ciências   | Estudo dos materiais utilizados na confecção dos objetos expostos e suas propriedades físico-químicas. Discussão sobre as práticas de conservação dos artefatos.                         | EF06CI08: Investigar propriedades dos materiais para identificar suas características e usos.<br>EF09CI11: Avaliar os impactos ambientais do uso de materiais naturais e artificiais.   |
| Religião   | Reflexão sobre as práticas religiosas da comunidade e sua relação com a formação da identidade cultural local.   | EF69RE04: Identificar influências religiosas na construção das identidades culturais.<br>EF69RE06: Relacionar   |

Além da sequência didática e do quadro interdisciplinar, o material oferece sugestões de atividades para serem desenvolvidas fora do ambiente museal, ampliando as possibilidades de exploração do acervo e do conteúdo histórico-cultural. Essas práticas incluem rodas de conversa, exposições temáticas na escola e pesquisas sobre o contexto histórico local. Essas

sugestões visam aprofundar o conhecimento adquirido durante a visita, permitindo que os/as estudantes reflitam criticamente sobre os temas abordados e estabeleçam relações com suas vivências cotidianas.

O caderno também disponibiliza um conjunto de dicas práticas para o planejamento da visita, abordando orientações essenciais para os/as alunos/as e estratégias que contribuem para uma experiência educativa mais proveitosa. Esta seção fornece orientações práticas fundamentais para que o/a professor/a organize uma visita pedagógica eficaz e enriquecedora ao museu. As dicas incluem informações sobre o agendamento da visita, normas de conduta no espaço museal e estratégias para estimular a curiosidade e o comportamento investigativo dos/as alunos/as. Ao seguir essas orientações, o/a educador/a assegura que a visita ocorra de forma organizada, proporcionando um ambiente favorável para a aprendizagem e evitando situações que possam comprometer a experiência.

### Explorando Possibilidades



**1- A visita ao museu deve começar na sala de aula:**

Uma possibilidade que propomos é o desenvolvimento de atividades lúdicas utilizando materiais do cotidiano – como fotos, brinquedos, pinturas e livros – que sirvam como indícios das práticas sociais e das relações que os estudantes estabelecem com o mundo ao seu redor. Historicizar e problematizar esses objetos em sala de aula estimula a percepção dos alunos, permitindo que eles desfruem, de forma mais profunda, das reflexões propostas pelos museus.

➤ **Sugestão de atividade:**

Peça aos alunos que tragam um objeto de sua escolha e organize uma roda de conversa para que cada um compartilhe a história desse objeto, explicando sua relação com sua vida e cultura. Essa atividade permite que os estudantes reflitam sobre a importância dos objetos no cotidiano e na construção da memória individual e coletiva. Após o diálogo, oriente-os a registrar em seus cadernos informações detalhadas sobre o objeto, respondendo às seguintes perguntas: o que é? Por que foi feito? Quem o fez? Quem o utilizou? Para que servia? Em que época foi produzido? Quais materiais foram utilizados em sua confecção? Como culminância da atividade, sugerimos a organização de uma exposição na sala de aula, onde os objetos serão apresentados juntamente com os registros de sua historicidade, promovendo uma reflexão mais ampla sobre a conexão entre os elementos materiais e a identidade cultural dos alunos.

**2- Para além da exploração das galerias temáticas do Museu Passagem do Freijó:**

- Como sugestão de atividades de aprofundamento para os alunos, sugerimos os seguintes exercícios:

a) **Galeria da Emancipação Política:**

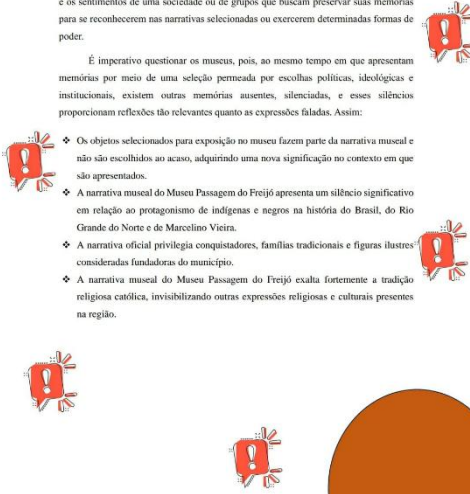
- Como possibilidade de atividade, propomos uma aula de campo às instituições dos poderes públicos do município, que representam o Executivo, o Legislativo e o Judiciário. A visita permitirá que os alunos compreendam o funcionamento de cada poder, suas atribuições e a maneira como influenciam a vida cotidiana da população. Essa experiência prática contribuirá para a construção de uma consciência cidadã, permitindo aos estudantes relacionar os conteúdos abordados em sala de aula com a realidade do

## ATENÇÃO!

Os museus se configuram como locais nos quais as memórias revelam os sentidos e os sentimentos de uma sociedade ou de grupos que buscam preservar suas memórias para se reconhecerem nas narrativas selecionadas ou exercerem determinadas formas de poder.

É imperativo questionar os museus, pois, ao mesmo tempo em que apresentam memórias por meio de uma seleção permeada por escolhas políticas, ideológicas e institucionais, existem outras memórias ausentes, silenciadas, e esses silêncios proporcionam reflexões tão relevantes quanto as expressões faladas. Assim:

- ❖ Os objetos selecionados para exposição no museu fazem parte da narrativa museal e não são escolhidos ao acaso, adquirindo uma nova significação no contexto em que são apresentados.
- ❖ A narrativa museal do Museu Passagem do Freijó apresenta um silêncio significativo em relação ao protagonismo de indígenas e negros na história do Brasil, do Rio Grande do Norte e de Marcelino Vieira.
- ❖ A narrativa oficial privilegia conquistadores, famílias tradicionais e figuras ilustres consideradas fundadoras do município.
- ❖ A narrativa museal do Museu Passagem do Freijó exalta fortemente a tradição religiosa católica, invisibilizando outras expressões religiosas e culturais presentes na região.



Uma seção de destaque é o “Buchicho”, uma seção dinâmica, dedicada à apresentação de conceitos fundamentais sobre patrimônio cultural e práticas pedagógicas voltadas à historicidade dos objetos (Pedagogia do Objeto Gerador). Esse recurso fornece subsídios teóricos que auxiliam os/as professores/as na contextualização dos objetos de conhecimento do museu, tornando o processo de ensino-aprendizagem mais rico e significativo.



Assim, o “Caderno metodológico” se configura como uma ferramenta prática e eficaz para os/as professores/as, auxiliando na elaboração de planejamentos que potencializam a experiência educativa no Museu Passagem do Freijó, assim como em outros espaços museológicos e promovem aprendizagens significativas e contextualizadas do conhecimento histórico para os/as alunos/as.

Nesse contexto, o “Caderno metodológico” do Museu Passagem do Freijó, ação propositiva desta pesquisa, representa uma resposta à carência de materiais direcionados ao uso pedagógico do Museu Histórico Cultural Passagem do Freijó. Sua adoção favorece a qualificação das práticas de ensino de História, ao estimular abordagens mais dinâmicas, críticas e interdisciplinares. O caderno, com suas estratégias de ensino e aprendizagem em história, tem como objetivos transformar a visita ao museu municipal em uma experiência enriquecedora, que sejam momentos de entretenimento, produção e circulação de saberes, promovendo a construção ativa do conhecimento e fortalecendo o protagonismo estudantil por meio de práticas investigativas e interativas.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Esta pesquisa teve como propósito analisar as relações entre os museus, o ensino de História e as práticas pedagógicas, enfatizando a relevância desses espaços no processo educativo. As análises desenvolvidas ao longo das seções evidenciaram que os museus podem exercer um papel transformador no ensino, desde que sejam reconhecidos como ambientes dinâmicos de aprendizagem, ricos em potencialidades educativas.

Nesse sentido, compreendemos que uma ação educativa eficaz no museu exige um cuidado metodológico, uma postura consciente e uma abordagem planejada por parte de quem busca criar situações em que a leitura do objeto museológico ultrapasse os limites da simples decodificação, no caso específico desta pesquisa, professores/as no desenvolvimento da prática docente. É fundamental proporcionar aos/as alunos/as oportunidades para problematizar, levantar hipóteses, construir argumentos e formular conclusões, com base nas exposições do museu ou de outros espaços que preservam a memória

Isso implica elaborar atividades e estratégias didáticas que despertem a curiosidade, estimulem o pensamento crítico e promovam a análise reflexiva. Proporcionar um ambiente questionador enriquece a experiência da visita, transformando o museu em um espaço significativo de ensino e aprendizagem.

Logo, ao revisitar minha trajetória acadêmica e profissional, percebi que os desafios enfrentados ao longo dos anos impulsionaram a busca por novas formas de ensinar História, conectando o passado ao presente. As experiências adquiridas, desde a Graduação até o desenvolvimento de projetos educativos na Escola Municipal Edilton Fernandes, no município de Marcelino Vieira/RN, evidenciaram o compromisso com uma educação que valoriza a identidade e a memória coletiva dos/as alunos/as. Iniciativas pedagógicas, como a “Mostra Temática Educacional Cultural” e o “Projeto Cinema na Capela”, reforçaram a importância de práticas educativas que integram os objetos do conhecimento da História à vivência discente, promovendo o protagonismo estudantil e o engajamento com o conhecimento histórico.

As experiências vivenciadas demonstraram que o ensino de História se torna mais significativo quando associado a práticas que extrapolam os limites da sala de aula, explorando espaços de memória e cultura, como o Museu Histórico Cultural Passagem do Freijó. Essa abordagem amplia as possibilidades de aprendizagem e fortalece o sentimento de pertencimento dos/as alunos/as, promovendo um ensino mais dinâmico e conectado à realidade local.

Acreditamos que incorporar temas da História local ou relacioná-los aos aspectos da História do Brasil e do mundo contribui para que os/as estudantes compreendam melhor como esses conhecimentos se entrelaçam com seu contexto e vivências cotidianas. Isso porque como referenciamos neste trabalho dissertativo, a noção de local transcende a dimensão puramente geográfica ou espacial, uma vez que não se trata de algo que nos é dado *a priori*, nem tampouco estaria demarcado tão somente em um mapa administrativo. Tratar-se-ia do estudo das experiências humanas em um determinado local e suas interações. Implicaria, portanto, num saber sobre as questões do lugar, as experiências humanas vivenciadas e os modos de vida de seus habitantes.

Dessa forma, o Museu Passagem do Freijó, foco central desta pesquisa, evidencia-se não apenas como um espaço de memória, mas também como um ambiente pedagógico essencial para promover a interação dos/as alunos/as com suas raízes culturais, estimulando o senso crítico e a reflexão sobre narrativas históricas. Ao analisar as galerias temáticas do museu, constatou-se que sua narrativa apresenta um viés elitista, ao exaltar as famílias tradicionais consideradas fundadoras do município e com forte tradição católica, o que resulta na invisibilização da diversidade cultural e social que compõe a formação Histórica local.

Essa falta de pluralidade nas narrativas fortalece uma visão restrita e parcial da História local, perpetuando desigualdades simbólicas e dificultando o reconhecimento das diversas identidades que formam a comunidade. O museu, enquanto espaço de aprendizagem, deve oferecer narrativas que sejam exploradas, analisadas e questionadas. Por isso, é essencial adotar uma postura crítica e inclusiva nos planejamentos de visita ao museu municipal, revisando suas exposições para integrar vozes e perspectivas que historicamente foram silenciadas.

Nessa perspectiva, as limitações identificadas nos questionários respondidos por docentes e discentes da Escola Municipal Edilton Fernandes, utilizados como fontes nesta pesquisa para discutir a relação entre o ensino de História e os museus, por exemplo, reforçaram a necessidade de estratégias inovadoras e bem planejadas, que considerem o protagonismo dos/as alunos/as e o potencial dos objetos museológicos para suscitar debates e promover aprendizagens significativas.

A utilização de objetos de museus como recursos didáticos possui um grande potencial para enriquecer o ensino de História. Integrar esses artefatos ao processo educacional proporciona aos/as estudantes uma experiência tangível e concreta com objetos representativos de um determinado contexto, facilitando a compreensão de aspectos históricos e culturais. Isso não só torna as aulas mais dinâmicas e envolventes, mas também fortalece a conexão dos/as alunos/as com o conhecimento histórico escolar analisado a partir de objetos musealizados.

O “Caderno metodológico” desenvolvido por esta pesquisa representa, assim, uma resposta direta a essa demanda, reunindo seções didáticas que permitem aos/as professores/as explorar o museu municipal (assim como outras realidades museológicas) como um espaço dinâmico de construção do conhecimento histórico. Pode-se afirmar, portanto, que o objetivo deste trabalho foi alcançado: oferecer subsídios teóricos e estratégias didáticas que possibilitem aos/as professores/as transformar a visita ao Museu Passagem do Freijó em uma experiência significativa, que ultrapasse os limites da simples observação do acervo, promovendo a construção ativa do conhecimento pelos/as alunos/as.

No entanto, ainda há um longo percurso a ser trilhado no que se refere ao ensino e à reflexão sobre as relações entre o Ensino de História, a Escola e os Museus. Isso implica não apenas na nossa formação continuada, mas também na revisão dos currículos escolares, na inclusão de diversas vozes e perspectivas e no estímulo à pesquisa e ao debate acadêmico sobre o tema. Somente dessa forma seremos capazes de promover um ensino de História que seja realmente inclusivo, crítico e relevante para as realidades locais e globais.

Nesse contexto, percebemos os desafios que ainda se colocam diante de nós. Apesar dos trabalhos já publicados nessa área, é inegável o vasto campo que ainda precisa ser explorado, especialmente ao se considerar as diversas tipologias de museus, que exigem novas orientações teóricas, como também, reconhecer as milhares de instituições museológicas espalhadas nessa imensidão de Brasil, especificamente, no Estado do Rio Grande do Norte e na região do Alto Oeste Potiguar, que oferecem um potencial enorme para enriquecer as práticas educativas e a reflexão sobre a História em suas dimensões locais e regionais.

Portanto, esta pesquisa não se encerra em si mesma. Pelo contrário, abre caminhos para novos desdobramentos, como a ampliação do uso de museus no ensino de História em diferentes contextos educacionais e o aprofundamento das discussões sobre práticas pedagógicas inovadoras. Além disso, existe a possibilidade de explorar como outras instituições culturais podem ser integradas ao processo de ensino-aprendizagem, reforçando o vínculo entre educação e cultura.

A relevância desta pesquisa está diretamente relacionada ao compromisso com uma educação que valorize o saber histórico em suas dimensões formativa, crítica e transformadora. Ao utilizar o museu municipal como espaço pedagógico, contribuimos para a criação de práticas educativas mais significativas, que promovem o protagonismo discente e a valorização da memória local.

Esperamos com este trabalho inspirar novas pesquisas e práticas no campo do ensino de História, contribuindo para uma educação cada vez mais crítica, democrática e comprometida

com a valorização da cultura e da memória social. Vislumbramos o desenvolvimento de oficinas nas escolas, a publicação de artigos em periódicos científicos, a disponibilização de uma versão impressa do “Caderno metodológico” para as escolas do município e a apresentação da pesquisa e seus resultados em congressos de educação e de Ensino de História.

Esses desdobramentos poderão trazer como consequência o fortalecimento do ensino de História nas escolas, ampliando o uso de espaços de memória, como o Museu Passagem do Freijó, no desenvolvimento da prática docente. Espera-se, assim, que as práticas propostas inspirem outros/as educadores/as a adotar metodologias inovadoras, enriquecendo o processo de ensino e aprendizagem, promovendo uma maior integração entre a educação, a preservação da memória coletiva e o Museu Passagem do Freijó como um espaço ativo de aprendizado.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Regina. **A fabricação do imortal: memória, história e estratégias de consagração no Brasil**. Rio de Janeiro: Rocco, Lapa, 1996.

ALBERI, Verena. **Dicionário de ensino de história**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2019.

ANAIS DO MUSEU HISTÓRICO NACIONAL. Rio de Janeiro. v. 51, 2019. Disponível em: <<https://anaismhn.museus.gov.br/index.php/amhn/issue/view/59>>. Acesso em: 15 fev. 2024.

ANAIS DO MUSEU HISTÓRICO NACIONAL. Rio de Janeiro. v. 57, 2023. Disponível em: <<https://anaismhn.museus.gov.br/index.php/amhn/issue/view/67>>. Acesso em: 17 fev. 2024.

ATA DA CÂMARA MUNICIPAL. Marcelino Vieira, RN, 2022.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de história: fundamentos e métodos**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2018.

BOURDAIN, Alain. **A questão do local** (Trad.: Orlando dos Santos Reis). Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME. 2018. Disponível em: <[http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_publicacao.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_publicacao.pdf)>. Acesso em: 13 jul. 2024.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília: Senado Federal, 1988.

BRASIL. Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009. Institui o Estatuto de Museus e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 2009. Disponível em: <[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2009/lei/11904.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/lei/11904.htm)>. Acesso em 20 mar. 2024.

BRASIL. LDB: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2020.

BRASIL. Plano Nacional de Educação. Brasília: Ministério da Educação, 2014. Disponível em: <<https://pne.mec.gov.br/18-planos-subnacionais-de-educacao/543-plano-nacional-de-educacao-lei-n-13-005-2014>>. Acesso em: 17 jan. 2024.

BRASIL. Política nacional de educação museal. IBRAM/MINC, Brasília, 2011. Disponível em: <<https://pnem.museus.gov.br/>>. Acesso em: 12 ago. 2024.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: história, geografia. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. “Museus em Números” IBRAM/MINC, Brasília, 2011.

BRULON, Bruno. Provocando a Museologia: o pensamento geminal de Zbynek Z. Stránský e a Escola de Brno. Anais do Museu Paulista. São Paulo. N. Ser. v. 25, n.1, p. 403-425, jan./abril 2017.

\_\_\_\_\_. Passagens da museologia: a musealização como caminho. **Revista Museologia e Patrimônio**, v. 11, n. 2, 2018.

CARNEIRO NETO, Romualdo Antônio Carneiro. **De Vila a Cidade: o processo de emancipação política de Marcelino Vieira (1946-1955)**. (Trabalho de Conclusão de Curso em História), Natal, UFRN, 2003.

CERRI, Luís Fernando. **Ensino de História e consciência histórica**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011.

CHAGAS, Mário de Souza. **A imaginação museal: museus, memória e poder em Gustavo Barroso, Gilberto Freyre e Darcy Ribeiro**. Rio de Janeiro: IBRAM/ Garamond, 2009.

\_\_\_\_\_. **Há uma gota de sangue em cada museu: a ótica museológica de Mário de Andrade**. Chapecó, Santa Catarina: Argos, 2006.

\_\_\_\_\_. Eu busco do documento perdido: a problemática da construção teórica na área da documentação. **Cadernos de Museologia**, n. 2, p. 29-47, 1994b.

\_\_\_\_\_. O verão, o museu e o rock. **Cadernos de Sociomuseologia**. n. 2, p. 73-75. 1994b.

CHICARELI, Larissa Salgado; ROMEIRO, Kauana Candido. Museu e ensino de História: pensar o museu como local de conhecimento e aprendizagem. **Revista Confluências Culturais**, [S. l.], v. 3, n. 2, p. 85-93, 2014. Disponível em: <<https://periodicos.univille.br/RCC/article/view/518>>. Acesso em: 14 dez. 2023.

COSTA, Aryana. História Local. **Dicionário de ensino de história**. Rio de Janeiro : FGV Editora, 2019.

COSTA, Luciana Ferreira da. Institucionalização e a configuração atual da Formação em Museologia no Brasil. **Perspectivas em Ciências da Informação**, v. 25, n. 3, p. 145-163, 2020.

ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES DO ENSINO DE HISTÓRIA - TERRITÓRIOS DISPUTADOS: produção de conhecimento no ensino de história em tempos de crise – XII Encontro. Cuiabá, 2019.

ESCOLA MUNICIPAL EDILTON FERNANDES. Projeto Político Pedagógico, Marcelino Vieira/RN, 2023.

FERNANDES, Antonia Terra de Calazans. Visitas a museus e o ensino de história. In: CUNHA, Ana Maria de Oliveira et. al. **Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente**. Belo Horizonte : Autêntica, 2010. (Coleção Didática e prática de ensino), p. 466-484.

FERNANDES, João Bosco Queiroz. **Marcelino Vieira: apontamentos para a História do município**. Mossoró: Fundação Guimarães Duque; Fundação Vingt-Un Rosado, 2000. (Coleção Mossoroense).

FLORENCIO, Sônia Rampim. Educação patrimonial: um processo de mediação. In: TOLENTINO, Átila Bezerra (Org.). **Educação patrimonial: reflexões e práticas**. João Pessoa: Iphan, 2012. p. 22-29 (Caderno Temático 2).

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2021.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do oprimido**. 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREITAS, Itamar; OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de. **Profhistória: dito e o feito**. Ananindeua: Cabana: , 2022.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. **Antropologia dos objetos: coleções, museus e patrimônios**. Rio de Janeiro: IPHAN, 2007.

GONÇALVES, Márcia de A. História local: o reconhecimento da identidade pelo caminho da insignificância. In: MONTEIRO, Ana Maria; GASPARELLO, Arlette M.; MAGALHÃES, Marcelo de S. (Orgs.) **Ensino de história: sujeitos, saberes e práticas**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

HORN, Geraldo Balduino; GERMINARI, Geyso Dongley. História local, arquivos familiares e o ensino. In: \_\_\_\_\_. **O ensino de história e seu currículo: teoria e método**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. **Guia básico de Educação Patrimonial**. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Museu Imperial, 1999.

LEI MUNICIPAL n. 383 que trata da criação do Museu Histórico Cultural Passagem do Freijó, Câmara Municipal, Marcelino Vieira/RN, 2022.

LEITE, Marcelo Henrique. O museu como objeto de pesquisa para o ensino de história: um balanço (1980-2017). **História, histórias**, [S. l.], v. 9, n. 17, 2021. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/hh/article/view/33752>>. Acesso em: 21 ago. 2024.

\_\_\_\_\_. **Ensino de História: os usos docentes do Museu Republicano “Convenção de Itú”**. 2018. (Dissertação de Mestrado de Pós Graduação em História). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

LIMA, André Luiz de Paula Chaves. **De templo a fórum: Museu do Ceará, educação patrimonial & ensino de História** (Dissertação de Mestrado Profhistória). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2020.

LOPES, Maria Margaret. **O Brasil descobre a pesquisa científica: os museus e as ciências naturais no século XIX**. São Paulo: Editora Hucitec/Editora UnB, 1997.

MACEDO, Helder Alexandre Medeiros de. De como se constrói uma história local: aspectos da produção e da utilização no ensino de História. In: ALVEAL, Carmem Margarida Oliveira; FAGUNDES, José Evangelista; ROCHA, Raimundo Nonato Araújo da. (Orgs.). **Reflexões sobre história local e produção de material didático**. Natal: EDUFERN, 2017, p. 57-81.

MARCELINO NETO, Francisco. **O coronel José Marcelino de Oliveira e o seu legado**. 1 ed. Queimadas, PB: Gráfica Cópias e Papéis, 2024.

MARQUES, Tamara Soares. **A História embaixo da escada: Ensino de História local e educação para relações étnico-raciais por meio das narrativas sobre a escravidão no Museu Jaguaribano (Aracati-CE)**. 2022. (Dissertação de Mestrado Profhistória). Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Mossoró/RN, 2022.

MENESES, Ulpiano T. Memória e cultura material: documentos pessoais no espaço público. **Revista de Estudos Históricos**, FGV, n. 21, v. 11, 1998.

\_\_\_\_\_. Do teatro da memória ao laboratório da História: a exposição museológica e o conhecimento histórico In: **Anais do Museu Paulista**. São Paulo, v. 2 p. 9-42, jan./dez. 1994.

\_\_\_\_\_. **O objeto material como documento**. São Paulo: CONDEPHAAT, 1980.

MICELI, Paulo. Uma pedagogia da história. In: PINSKY, Jaime (Org.). **O Ensino de história e a criação do fato**. São Paulo: Contexto, 2017, p. 37-52.

NASCIMENTO, Valdecir Carneiro do. **Marcelino Vieira: sinopse de sua História e linhagens de Famílias**. Campina Grande, 2002.

NERY, Olivia Silva; BRAHM, José Paulo Siefert; SERES, Juliane Conceição Primon; RIBEIRO, Diego Lemos. Segunda casa, segunda vida: a biografia dos objetos de museus. **Revista Eletrônica Ventilando Acervos**, Florianópolis, v. 8, n. 2, 2020.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, n. 10, 1981, p. 01-22 .

OGASSAWARA, Juliana Sayuri; BORGES, Viviane Trindade, O historiador e a mídia: diálogos e disputas na arena da história pública. **Rev. Bras. Hist.** 39 (80), jan./abr., 2019 Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1806-93472019v39n80-02>>. Acesso em: 10 mai. 2023.

OLIVEIRA. Almir. **Dicionário de ensino de história**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2019.

PACHECO, R. de A. Educação, memória e patrimônio: ações educativas em museu e o ensino de história. **Revista Brasileira de História**, 30(60), p. 143–154. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-01882010000200008>. Acesso em: 05 mai. 2023.

\_\_\_\_\_. **O museu como lugar de aprendizagem: o tempo histórico**. XVIII Simpósio Nacional de História: Florianópolis, 2015.

\_\_\_\_\_. O museu na sala de aula: propostas para o planejamento de visitas aos museus. **Revista do Programa de Pós Graduação em História**. Florianópolis., v. 4, n. 2, p. 63-81, 2012.

PADILHA, Lúcia Maria de Lima. NASCIMENTO, Maria Isabel Moura. A Pesquisa Histórica e a História da educação. **Revista HISTEDBR Online**, Campinas, n. 66, p. 123-134, dez 2015.

PENTEADO, Heloísa Dupas. **Metodologia de História e Geografia**. São Paulo: Cortez, 2011.  
PEREIRA, Junia Sales. Aprendizagem do ensino de História em museus. **X Jornadas Nacionales y Internacional de la Historia (APEHUN) 2008**. Universidade Nacional de Rio Cuarto, 2008. p. 1-12.

PEREIRA, Henrique Alonso de Albuquerque Rodrigues. A construção da desinformação e o papel das redes sociais na sociedade contemporânea. FISCHER, Max. A máquina do caos: como as redes sociais reprogramaram nossa mente e nosso mundo. **Revista Espaço Acadêmico**, n. 240, 2023.

PINTO, José Wellington da Silva. Do chão da Escola Gabriel Epifânio dos Reis – Icapuí (CE) - ao acervo imagético do Museu Jaguaribano de Aracati (CE). 2022. (Dissertação de Mestrado Profhistória Universidade Federal do Rio Grande do Norte), UFRN, Natal/RN, 2022.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. **A danação do objeto: o museu no ensino de história**. Chapecó: Argos, 2004.

\_\_\_\_\_. Museu, ensino de História e sociedade de consumo. **Revista de História UFC**, Fortaleza, n. 1, v. 1, 2001.

RIO GRANDE DO NORTE. **DCERN: Documento Curricular do Estado do Rio Grande do Norte para o Ensino Fundamental**. Natal, 2018.

ROCHA, Thaíse Sá Freire. Refletindo sobre memória, identidade e patrimônio: as contribuições do programa de Educação Patrimonial do MAEA – UFJF. XVIII Encontro Regional ANPUH-MG, 2012.

RODRIGUES, Manoela Grazziotin. **Entre desenhos, cores e histórias** [recurso eletrônico]: proposta de material didático para o museu de Vacaria/RS. 2022. (Dissertação de Mestrado Profhistória Universidade de Caxias do Sul), UCS, Caxias do Sul/RS, 2022.

ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira. História Pública: um desafio democrático aos historiadores. In: REIS, Tiago Siqueira et al. (Orgs). **História do tempo presente**. Boa Vista: Editora da UFRR, 2020.

RÜSEN, Jörn. **Razão Histórica: Teoria da História, os fundamentos da ciência histórica**. Brasília: UNB, 2010.

SÁ, Ivan Coelho de. **Matrizes do pensamento museológico de Gustavo Barroso**. Rio de Janeiro: Interciência, 2019.

\_\_\_\_\_. História e memória do curso de Museologia: do MHN à UNIRIO. **Anais do Museu Nacional**, v. 39, p. 10-42, 2007.

SANTHIAGO, Ricardo; MAGALHÃES, Valéria B. Rompendo o isolamento: reflexões sobre história oral e entrevistas à distância. Anos 90: **Revista do Programa de Pós – Graduação em História Universidade Federal do Rio Grande do Sul**, Porto Alegre, v. 27, p. 1-18, 2020.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. **A escrita do passado em museus históricos**. Rio de Janeiro: Garamond, MinC, IPHAN, DEMU, 2006.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia**. 40 ed. Campinas: Autores Associados, 2007.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. Jörn Rüsen e sua contribuição para a didática da História. **Inteligere, Revista de História Intelectual**, n. 2, v. 3, out. 2017.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora; BARCA, Isabel; MARTINS, Estevão de Rezende (Org.). **Jörn Rüsen e o Ensino de História**. Curitiba: Editora da UFPR, 2011.

\_\_\_\_\_. O ensino de história local e os desafios da formação da consciência histórica. In: MONTEIRO, Ana Maria; GASPARELLO, Arlette Medeiros; MAGALHÃES, Marcelo de Sousa (Org.). **Ensino de História: sujeitos, saberes e práticas**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora; GARCIA, Tânia Maria F. Braga. A formação da consciência histórica de alunos e professores e o cotidiano em aulas de História. **Cadernos Cedes**, Campinas, n. 67, v. 25, p. 297-308, 2005.

SERRANO, J. **Como se ensina história**. 1 ed. São Paulo: Melhoramentos, 1935.

SILVA, Eduardo Cristiano Hass da. **O museu vai às escolas: roteiros históricos culturais para a preservação e promoção da memória seridoense**. Natal, 2021.

SILVA, Patrícia Rodrigues da. O museu no ensino de história: buscando novas possibilidades. **Cad. Pesq. Cdhis**, Uberlândia, n. 2, v. 23, jul./dez. 2010.

SILVA, Goreti P. Pereira; PACHECO, Ricardo de Aguiar. O uso do museu no ensino escolar de História. **Revista Cadernos de Estudos e Pesquisa na Educação Básica**, Recife, n. 1, v. 7, p. 01-19, 2001.

SOSA, Júlio Cesar Gonçalves. **Educação histórica e pedagogia da autonomia: aproximações possíveis entre Paulo Freire e Jörn Rüsen**. IX Seminário Nacional Diálogo com Paulo Freire. FACCAT, 2015.

SCIFONI, Simone. Educação e patrimônio cultural: reflexões sobre o tema. In: TOLENTINO, Átila (Org.). **Educação patrimonial: reflexões e práticas**. João Pessoa: Iphan-PB, 2012, p. 30-37 (Caderno Temático, 2).

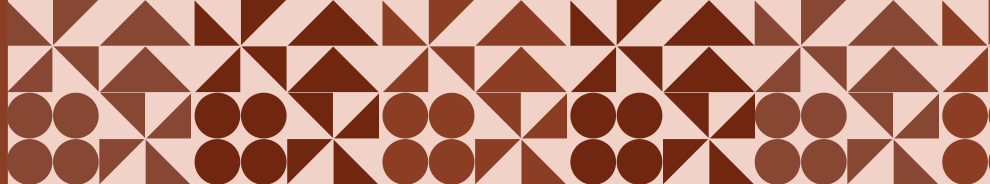
TEIXEIRA, Cláudia Adriana Rocha. **A Educação Patrimonial no Ensino de História**. Biblos, Rio Grande, 2008.

TOLENTINO, Átila. O que não é educação patrimonial: cinco falácias sobre seu conceito e sua prática. In: TOLENTINO, Átila; BRAGA, Emanuel (Orgs.). **Educação patrimonial: políticas**,

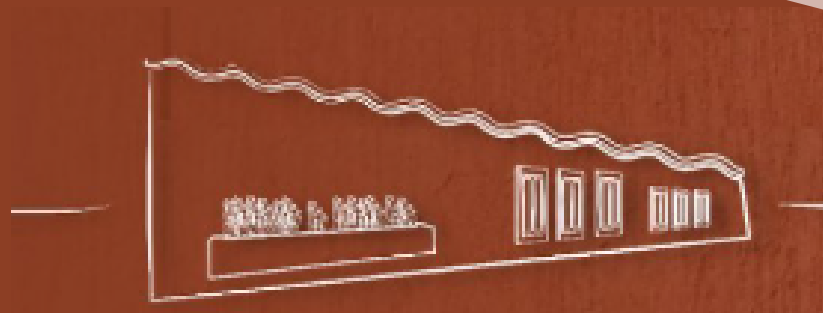
relações de poder e ações afirmativas. João Pessoa: IphanPB; Casa do Patrimônio da Paraíba, 2016. p. 38-48. (Caderno Temático, 5).

\_\_\_\_\_. Os Museus e seu (s) poder(es). **Revista Museu, cultura levado a sério**. 2017.

# **APÊNDICE**



AUTOR: ROMUALDO ANTONIO CARNEIRO NETO  
ORIENTADOR: DR. ROBERTO AIRON SILVA



# Caderno Metodológico

## Museu Histórico Cultural Passagem do Freijó



Marcelino Vieira - RN

2025

## APRESENTAÇÃO

O Caderno Metodológico foi desenvolvido como parte do Mestrado Profissional em Ensino de História (PROFHISTÓRIA), com o objetivo de orientar educadores durante visitas ao Museu Histórico Cultural Passagem do Freijó, localizado em Marcelino Vieira-RN. Este museu histórico se destaca como um espaço de aprendizagem e preservação, onde a memória é narrada por meio dos objetos presentes em seu acervo.

A pesquisa realizada no âmbito da dissertação do PROFHISTÓRIA evidenciou a necessidade de estratégias de ensino e aprendizagem em História que orientem os professores em suas práticas educativas antes, durante e após a visita ao Museu Passagem do Freijó.

Portanto, a principal finalidade deste Caderno Metodológico é oferecer aos professores orientações que contribuam para uma visita ao espaço museal, promovendo o aprendizado e valorizando a troca de saberes.

**Boa leitura!**



## ÍNDICE

|  |     |
|--|-----|
| ❖ HISTÓRICO .....  | 129 |
| ❖ DURANTE A VISITA .....   | 130 |
| ❖ CONHEÇA O MUSEU PASSAGEM DO FREIJÓ .....                         | 130 |
| ❖ MAPA MENTAL .....  | 146 |
| ❖ MUSEU PASSAGEM DO FREIJÓ: GUARDIÃO DA MEMÓRIA<br>VIEIRENSE ..... | 147 |
| ❖ ATENÇÃO .....  | 148 |
| ❖ BUCHICHO .....   | 149 |
| ❖ MUSEU, ESCOLA E ENSINO DE HISTÓRIA .....                         | 150 |
| ❖ SEQUÊNCIA DIDÁTICA .....   | 151 |
| ❖ EXPLORANDO POSSIBILIDADES .....                                  | 155 |
| ❖ INTERDISCIPLINARIDADE .....                                      | 158 |
| ❖ CONCLUSÃO .....  | 160 |
| ❖ REFERÊNCIAS .....  | 161 |

# HISTÓRICO

O Museu Histórico Cultural Passagem do Freijó foi instituído em 16 de novembro de 2022, com a aprovação da Lei Municipal n. 383, e inaugurado oficialmente em 22 de novembro do mesmo ano. Sua criação tem como propósito preservar a memória, a história, a cultura e as tradições de Marcelino Vieira-RN. O nome do museu remete ao primeiro topônimo do município, associado à passagem de vaqueiros que, nos séculos XVIII e XIX, descansavam sob a sombra das árvores freijós.

O freijó, espécie nativa do sertão nordestino, predominava no leito do Rio Apodi e em seus afluentes, especialmente na região oeste do Rio Grande do Norte. No período colonial, o município era uma importante passagem/estrada de gado, servindo de ponto de descanso para vaqueiros e suas vacarias sob as sombras das árvores freijós, às margens do Riacho do Albuquerque. Os rebanhos, provenientes principalmente da região de Aracati-CE, seguiam para Campina Grande-PB, onde eram abatidos, e seus produtos, como carne seca e couro, comercializados.

O Museu Passagem do Freijó está instalado no antigo Grupo Escolar Cid Rosado, uma construção da década de 1970, inaugurada durante o mandato do prefeito Vicente Lopes Fernandes (1970-1973). Até o final dos anos 1980, o prédio funcionou como grupo escolar e, posteriormente, abrigou por vários anos a Secretaria Municipal de Educação. Em 2022, sob a administração do prefeito Kerles Jácome Sarmiento (2021-2024), o edifício foi amplamente revitalizado, ganhando novas instalações para sediar o Museu Municipal, marcando um novo capítulo em sua história e conferindo-lhe um renovado significado cultural.

A constituição do seu acervo ocorreu, em grande parte, pela incorporação de objetos provenientes do antigo “Solar dos Sabóias” e, principalmente, por meio de doações feitas pelos moradores do município. Esses objetos, carregados de valor afetivo, estão diretamente ligados às temáticas das exposições, refletindo a identidade e a memória coletiva da comunidade. Com uma tipologia clássica/tradicional, o Museu Passagem do Freijó é uma instituição pública que se consolida como um espaço de aprendizado, pesquisa e compartilhamento de saberes.

## DURANTE A VISITA

### **... por que é preciso deixar bolsas e malas no guarda-volumes?**

Para maior comodidade durante a visita e para prevenir acidentes com o público e o acervo.

### **... por que é preciso falar em tom moderado?**

Reproduzir sons altos pode incomodar outros visitantes e dificultar a comunicação oral.

### **...por que as visitas em grupos precisam ser agendadas?**

O Museu Passagem do Freijó é um prédio histórico, possui dimensões pequenas em suas galerias, necessita-se, portanto, de um controle do número de visitantes.

### **... por que não é permitido tocar nos objetos expostos?**

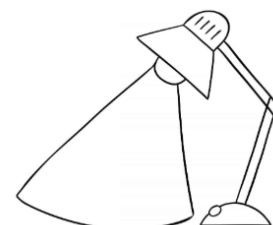
Tocar nos objetos expostos podem ocasionar danos físicos e materiais.

### **... por que não é permitido comer ou beber nas instalações internas do museu Passagem do Freijó?**

Comer ou beber nas galerias podem atrair insetos ou causar danos ao acervo.

### **... por que não é permitido fotografar com flash:**

A luz do flash pode danificar pinturas, tecidos e outros materiais sensíveis.



## CONHEÇA O MUSEU PASSAGEM DO FREIJÓ

O Museu Histórico Cultural Passagem do Freijó está localizado na rua Monsenhor Walfredo Gurgel, no centro da cidade, próximo da Igreja Matriz de Santo Antônio, e rodeado por alguns casarios do XIX e início do século XX.

Ao visitar o Museu Passagem do Freijó, percebe-se que a sua área interna foi organizada e dividida em cinco galerias temáticas: a primeira retrata a história da emancipação política do município e a formação do primeiro governo constitucional; a segunda explora a história do cangaço, com destaque para a passagem do bando de Lampião por Marcelino Vieira-RN; a terceira é voltada à religiosidade; enquanto a quarta e a quinta enfatizam a cultura sertaneja e os saberes e afazeres do sertão, respectivamente. Cada galeria pode ser explorada de forma independente ou articulada, dependendo dos propósitos, objetivos e do planejamento de quem as visita

## PLANTA BAIXA DO MUSEU PASSAGEM DO FREIJÓ

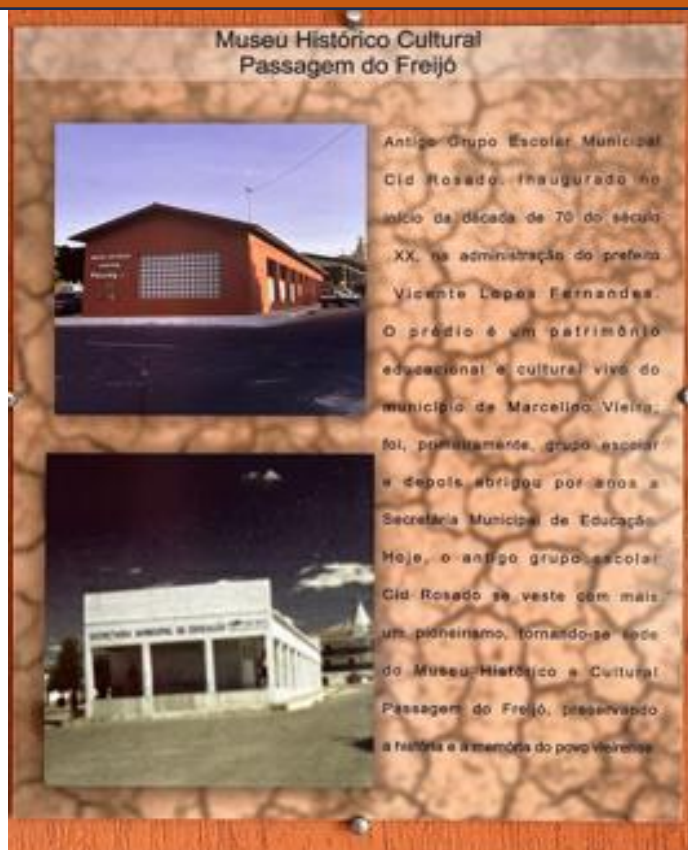


Fonte: Museu Passagem do Freijó

### POR DENTRO DO MUSEU

A primeira galeria expositiva do museu está localizada no hall de entrada e apresenta um panorama introdutório sobre o museu e o prédio que o abriga, por meio de um painel explicativo.

#### PAINEL EXPLICATIVO SOBRE O MUSEU PASSAGEM DO FREIJÓ



Fonte: Arquivo pessoal

Essa sala apresenta documentos que narram a trajetória histórica de Marcelino Vieira, com destaque para o processo de emancipação política e a formação do primeiro governo constitucional. Entre os itens expostos estão cópias da Ata da Câmara Municipal de Pau dos Ferros de 1953, que discutiu o desmembramento do território para a criação do novo município; o Código de Postura Municipal de 1955, documento jurídico pioneiro elaborado pela Câmara Municipal e sancionado pelo primeiro governo constitucional, com o objetivo de organizar a vida pública e administrativa local; e cópias de publicações jornalísticas de 1957, que registram a participação do prefeito José Calazans Fernandes no IV Encontro de Prefeitos do Brasil. Esses registros, cuidadosamente selecionados, centralizam a temática da galeria, valorizando a memória política e administrativa de Marcelino Vieira.

#### GALERIA DA FORMAÇÃO DO MUNICÍPIO E O PRIMEIRO GOVERNO CONSTITUCIONAL



Fonte: Arquivo pessoal

## CÓDIGO DE POSTURA MUNICIPAL DE 1955



Fonte: Arquivo pessoal

Na segunda sala do museu, são expostos objetos que narram a história do cangaço, com ênfase na passagem do bando de Lampião por Marcelino Vieira. Um dos destaques da galeria é um mapa 3D em MDF, localizado no centro da sala, que representa o território municipal e evidencia os principais locais percorridos pelo bando em 10 de junho de 1927. O mapa destaca episódios emblemáticos, como o "Fogo da Caiçara" – confronto armado entre os cangaceiros e as forças militares estaduais, que resultou na morte do cangaceiro Azulão e do soldado José Monteiro de Matos – e o pernoite do grupo liderado por Lampião, ocorrido entre os dias 10 e 11 de junho, no Lajedo do João Brandinho, a cerca de 10 km da sede do município.

GALERIA DO CANGAÇO



MAPA 3D  
(CAMINHOS DE LAMPIÃO)

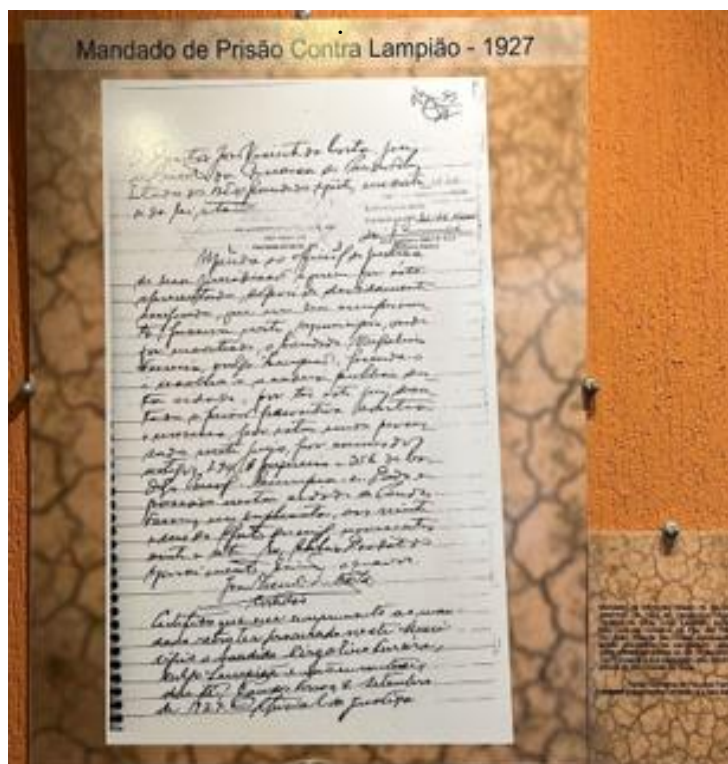
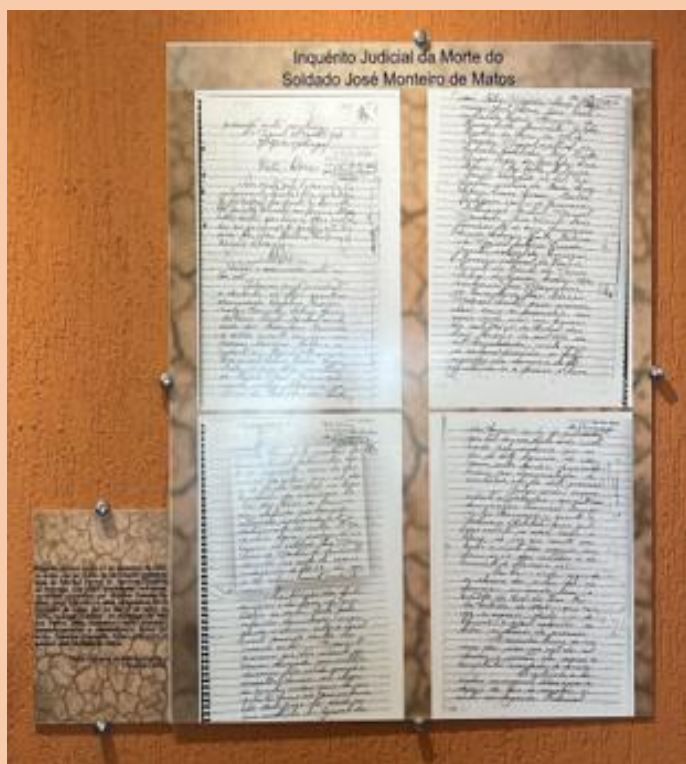
Fonte: Arquivo pessoal



Fonte: Arquivo pessoal

A galeria também destaca dois painéis com cópias do processo criminal de 1927 contra o bando de Lampião, registrado no município de Pau dos Ferros. Entre os documentos expostos estão o inquérito que investigou a morte do soldado José Monteiro de Matos e o mandado de prisão emitido contra Virgulino Ferreira da Silva, o notório Lampião. Esses registros históricos oferecem uma visão documental dos eventos que marcaram a passagem do cangaço pela região, contribuindo para a compreensão de um dos capítulos mais significativos do cangaço no Rio Grande do Norte.

### PROCESSO CRIME CONTRA LAMPIÃO DE 1927 – INQUÉRITO DA MORTE DO SOLDADO E MANDADO DE PRISÃO



Fonte: Arquivo pessoal

Complementando essa narrativa, a galeria exhibe peças como baús, balas e punhais encontrados no local do “Fogo da Caiçara”, uma porta com marcas de disparos e fuziladas, que pertenceu à casa de Maria José, esposa de Zé Lopes da Fazenda Aroeira, e um conjunto de 11 fotografias. Essas imagens incluem policiais que participaram do confronto, moradores que tiveram suas casas invadidas, o juiz da comarca responsável pelo processo criminal, além de representações de Lampião, do mausoléu erguido em memória do soldado morto e das armas utilizadas na época.

EM DESTAQUE: FOTOS DO CANGAÇO, BAÚS, PUNHAIS E BALAS DE FUZIL.



Fonte: Arquivo pessoal

### GALERIA DE FOTOS DO CANGAÇO



Fonte: Arquivo pessoal

PORTA DA CASA DA FAZENDA AROEIRA, AO LADO IMAGEM DE MARIA JOSÉ

Fonte: Arquivo pessoal



Após a sala dedicada ao cangaço, encontramos a galeria voltada à religiosidade, que abriga objetos sacros representativos da forte tradição católica do município. No centro do espaço, destaca-se uma pia batismal oriunda da Igreja Matriz de Santo Antônio, oferecida por uma família tradicional local. Complementando a exposição, a galeria apresenta uma rica coleção de oratórios, imagens sacras, terços, bíblias, ex-votos, uma cadeira e genuflexórios, todos conectados à vivência religiosa e cultural da comunidade.

### GALERIA DA RELIGIOSIDADE



Fonte: Arquivo pessoal

### PIA BATISMAL



Fonte: Arquivo pessoal

## ORATÓRIOS, IMAGENS DE SANTOS E BÍBLIAS



Fonte: Arquivo pessoal

## EX-VOTOS



Fonte: Arquivo pessoal

Além disso, as paredes dessa sala estão adornadas com fotografias de famílias tradicionais do município, destacando personagens que contribuíram para a fundação da cidade e desempenharam papéis importantes na festa do padroeiro Santo Antônio, como Napoleão Lopes Cardoso e sua esposa, Maria Ottilia Fernandes.

## FOTOS DO CASAL NAPOLEÃO LOPES E MARIA OTILIA



Fonte:Arquivo pessoal

A galeria da religiosidade do Museu Passagem do Freijó destaca a hegemonia da tradição católica em Marcelino Vieira, refletindo sua importância histórica e as famílias fundadoras ligadas à Igreja. Contudo, essa representação exclusiva ignora outras expressões religiosas e culturais, bem como narrativas de grupos historicamente silenciados, como mulheres, escravizados e indígenas, cujas memórias, embora marginalizadas, são igualmente essenciais para uma reflexão mais ampla e inclusiva sobre a história local.

Logo após a galeria da religiosidade, encontra-se a sala dedicada à cultura sertaneja, que apresenta o cotidiano de muitas famílias da região por meio de objetos doados pela comunidade. Entre os itens expostos estão utensílios utilizados para o preparo e cozimento, como potes de barro, cantareiras, panelas de barro, bolsas e arupembas de palha, cestos, xícaras, latas, silos de zinco, armários de madeira, lamparinas, pratos e bacias de ágata, além de baús, mesas de madeira, balanças e um fogão de ágata.

GALERIA DA CULTURA SERTANEJA



Fonte: Arquivo pessoal

COZINHA SERTANEJA



Fonte: Arquivo pessoal

**PORTA COPOS, CANECAS, POTES E CANTAREIRA**

Fonte: Arquivo pessoal

Ainda na mesma sala, assim como no corredor que conduz à parte final da expografia do Museu Passagem do Freijó, há uma sequência de fotografias que exaltam as famílias tradicionais de Marcelino Vieira, provenientes do acervo do antigo Solar dos Sabóias. Entre os destaques estão imagens do Coronel José Marcelino de Oliveira e sua família, além de uma fotografia do senhor Pedro Cardoso Filho, registrada em um momento de celebração ao receber o grau de formatura em Medicina, ao lado de seu irmão Sabóia Cardoso.

**FOTO DO CORONEL JOSÉ MARCELINO DE OLIVEIRA**

Fonte: Arquivo pessoal

## FOTOGRAFIA DE PEDRO CARDOSO FILHO RECEBENDO O GRAU DE MEDICINA



Fonte: Arquivo pessoal

Após sairmos da sala dedicada à cultura sertaneja, chegamos à última galeria temática do museu: a dos saberes e afazeres do sertão. Nesse espaço, os objetos expostos representam as atividades realizadas pelo homem sertanejo, refletindo aspectos essenciais do seu cotidiano. Entre os itens em destaque, estão os relacionados à criação de gado, com ênfase na pecuária leiteira, como nichos de queijo, leiteiras, prensas, tambores e arreios.

## GALERIA DOS SABERES E AFAZERES DO SERTÃO



Fonte: Arquivo pessoal

PRENSA DE QUEIJO



Fonte: Arquivo pessoal

NICHOS



Fonte: Arquivo pessoal

LEITEIRAS



Fonte: Arquivo pessoal

Além disso, a galeria também valoriza o trabalho com couro, exibindo máquinas de sapateiro e ferramentas que pertenceram ao senhor Juvenal da Cruz, doadas ao museu por sua família. Juvenal da Cruz trabalhou por anos como sapateiro no município, fabricando sapatos, sandálias e utensílios de couro, que eram vendidos em sua oficina e na feira da cidade.

## MÁQUINA DE SAPATEIRO E UTENSÍLIOS DE CORTE DE COURO



Fonte: Arquivo pessoal

Por fim, na mesma sala, estão expostos objetos como pilões, máquina de fiar algodão, ferramentas de marcenaria e olarias, além de artefatos relacionados ao trabalho nos engenhos rapadureiros, como formas e espátulas de madeira usadas na produção de rapadura e batida. Esses itens destacam a importância histórica dos produtos gerados no engenho para a economia local, com ênfase na produção de rapadura, batidas, alfenim e caldo de cana. Os objetos pertenciam ao engenho São José e foram doados pelos familiares do senhor Dico Marcolino.

## PILÕES



Fonte: Arquivo pessoal

## MÁQUINA DE FIAR ALGODÃO



Fonte: Arquivo pessoal

## UTENSÍLIOS DE OLARIAS – CAIXOTES DE BATER TIJOLOS



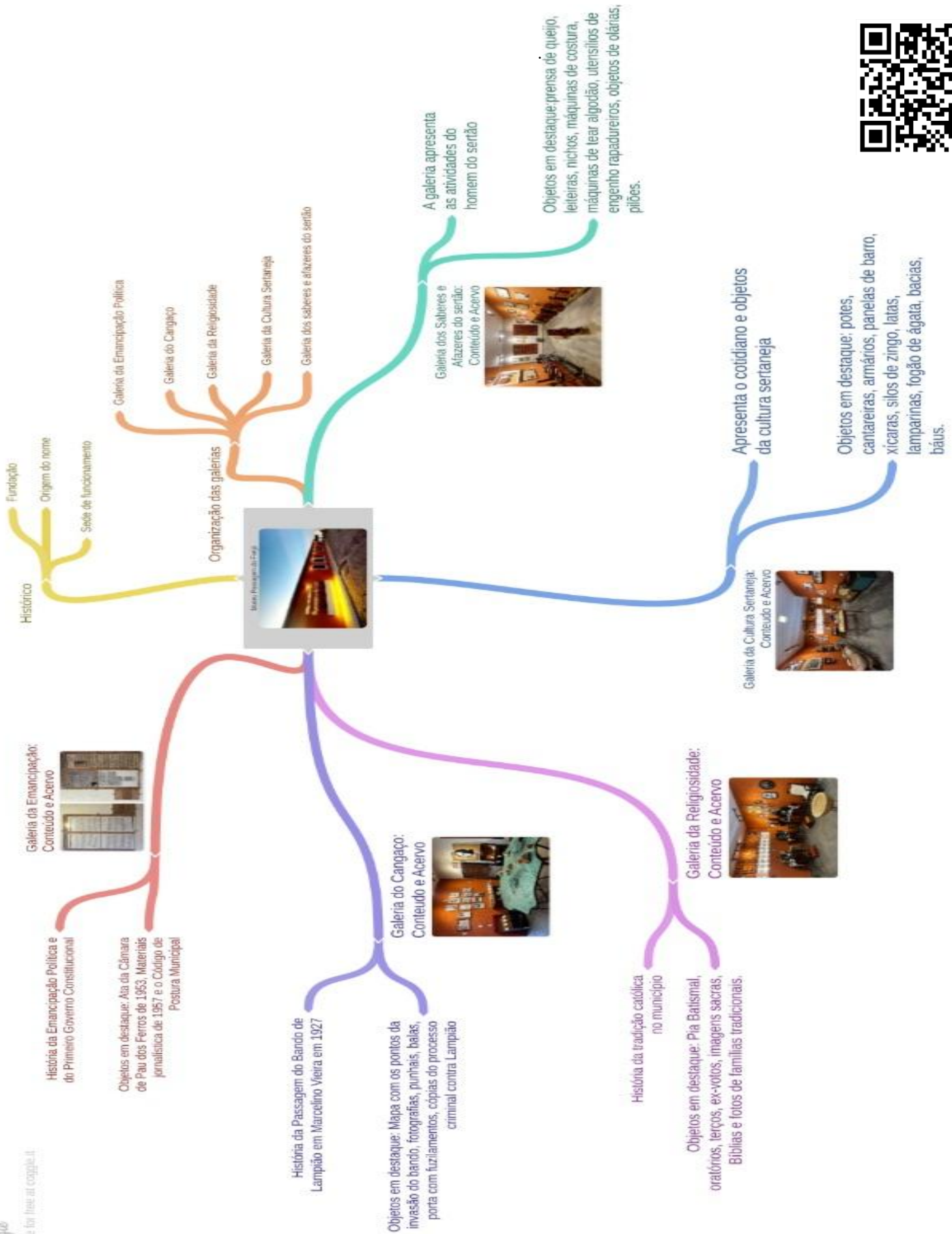
Fonte: Arquivo pessoal

## UTENSÍLIOS DE ENGENHO - ESPÁTULAS E FORMAS DE FAZER RAPADURAS E BATIDAS



Fonte: Arquivo pessoal

# MAPA MENTAL



## **MUSEU PASSAGEM DO FREIJÓ: GUARDIÃO DA MEMÓRIA VIEIRENSE**

### **VOCÊ SABIA QUE:**

No dia 6 de junho de 1818, Dom João VI instituiu o primeiro museu do Brasil, localizado na cidade do Rio de Janeiro. Originalmente chamado de Museu Real, é atualmente conhecido como Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Sua finalidade principal era promover os conhecimentos e os estudos das ciências naturais do Brasil.

De lá para cá, 1818 a 2024, longo desses mais de duzentos anos, mais de 4.000 instituições museológicas foram criadas em todo o país. Nos últimos anos, uma estrutura jurídico-administrativa sólida foi implementada com a promulgação do Estatuto de Museus (Lei n. 11.904, de 14 de janeiro de 2009) e a criação do Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM) pela Lei n. 11.906, de 20 de janeiro de 2009. Essas iniciativas fortaleceram o setor museológico ao estabelecer diretrizes para a gestão, preservação e democratização do patrimônio cultural, além de promover a profissionalização e a modernização das instituições, consolidando os museus como espaços centrais para a memória e a educação no Brasil.

O Rio Grande do Norte possui 89 museus distribuídos em 42 municípios, sendo Natal a cidade com maior concentração, com 30 unidades. Na região do Alto Oeste Potiguar, há 19 museus cadastrados na plataforma federal MuseusBR, em 12 municípios. A maioria dessas instituições é pública, mantida pela esfera municipal, com foco na preservação da história e cultura local. Destacam-se o Museu Cultural do Sertanejo "Caboclo" (2017), localizado em José da Penha; o Museu Histórico de Martins (1955), na cidade de Martins; o Museu Cultural de Major Sales (2008), em Major Sales; o Museu Histórico de Frutuoso Gomes (1999), em Frutuoso Gomes; o Museu Padre Antônio Brillante (2012), em Patu; a Casa de Memória Edimar Diógenes de Paiva (2020), na cidade de Riacho da Cruz e mais recentemente, o município de Marcelino Vieira criou o Museu Histórico Cultural Passagem do Freijó, no dia 16 de novembro de 2022, com o objetivo de guardar e preservar a memória e a história do povo vieirense.

# ATENÇÃO!

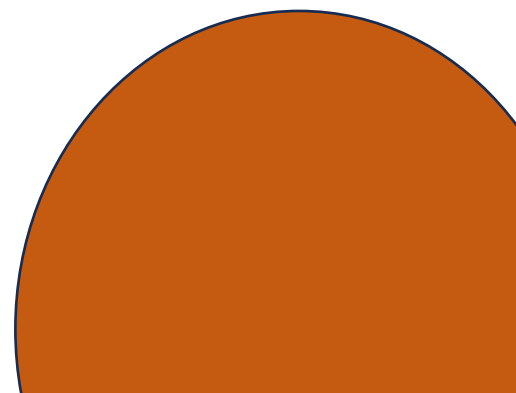
Os museus se configuram como locais nos quais as memórias revelam os sentidos e os sentimentos de uma sociedade ou de grupos que buscam preservar suas memórias para se reconhecerem nas narrativas selecionadas ou exercerem determinadas formas de poder.



É imperativo questionar os museus, pois, ao mesmo tempo em que apresentam memórias por meio de uma seleção permeada por escolhas políticas, ideológicas e institucionais, existem outras memórias ausentes, silenciadas, e esses silêncios proporcionam reflexões tão relevantes quanto as expressões faladas. Assim:



- ❖ Os objetos selecionados para exposição no museu fazem parte da narrativa museal e não são escolhidos ao acaso, adquirindo uma nova significação no contexto em que são apresentados.
- ❖ A narrativa museal do Museu Passagem do Freijó apresenta um silêncio significativo em relação ao protagonismo de indígenas e negros na história do Brasil, do Rio Grande do Norte e de Marcelino Vieira.
- ❖ A narrativa oficial privilegia conquistadores, famílias tradicionais e figuras ilustres consideradas fundadoras do município.
- ❖ A narrativa museal do Museu Passagem do Freijó exalta fortemente a tradição religiosa católica, invisibilizando outras expressões religiosas e culturais presentes na região.



# BUCHICHO



## **Patrimônio Cultural?**

O IPHAN define o Patrimônio Cultural como o conjunto de bens, materiais e imateriais, que possuem valor para a memória e identidade da sociedade brasileira. Esses bens são protegidos por sua importância histórica, artística, científica ou social.

<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/218>

## **Patrimônio Imaterial?**

É o tipo de patrimônio considerado intangível e abrange as expressões simbólicas, as manifestações culturais não físicas, como tradições, expressões orais, práticas sociais, rituais e conhecimentos transmitidos de geração em geração, como as festas, as danças, músicas, saberes, costumes, formas de expressão, entre outros.

<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/218>

## **Patrimônio Material**

Diz respeito aos objetos físicos e tangíveis que possuem significado cultural, histórico ou artístico. Isso inclui artefatos, obras de arte, edifícios históricos e outros itens que os museus colecionam, conservam e exibem para fins educacionais e de apreciação pública.

<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/218>

## **Pedagogia do Objeto Gerador**

Diz respeito a uma atividade baseada na reflexão, que não expõe passivamente o aluno ao objeto. É um ato de ler a história que há nos objetos, a vida dos objetos, entender e sentir que os objetos expressam traços culturais, que eles são criadores e criaturas do ser humano. O que é? Quando foi produzido? Como foi feito? Por quem foi feito? Quem utilizou? Quais materiais utilizados para sua confecção? Para quem serviu? Em que época foi feito? permitem reflexões sobre o que está sendo visto no espaço museológico.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. **A danação do objeto: o museu no ensino de história**. Chapecó: Argos, 2004.

## MUSEU, ESCOLA E ENSINO DE HISTÓRIA

Para iniciarmos nossa sequência didática, é fundamental discutir a relação entre museu, escola e ensino de história, pois essa interação oferece possibilidades culturais e didáticas enriquecedoras. Trata-se de uma relação essencial: a educação em um museu histórico complementa o currículo formal, e, para que o aprendizado ocorra de forma efetiva, é preciso estabelecer um diálogo pedagógico. Os museus são locais de entretenimento e aprendizado, e cabe à escola estimular as oportunidades pedagógicas oferecidas por esses espaços.

Para fortalecer essa relação, é necessário que a ação pedagógica do educador atue diretamente na percepção dos alunos durante a visita ao museu histórico. Esse momento deve ser encarado como uma oportunidade para analisar e questionar os objetos expostos, promover a troca de experiências e explorar possibilidades que potencializem as atividades escolares, tanto no que tange à aprendizagem histórica quanto à compreensão de que o museu não é um lugar estático ou neutro.

Portanto, cabe ao professor orientar os alunos na compreensão do ambiente museal, não fornecendo respostas prontas, mas auxiliando-os a entender que as verdades presentes nesse espaço não são absolutas e devem ser questionadas e problematizadas.

Dessa forma, destacam-se alguns pontos antes de iniciar a visita ao espaço museal.

- ✓ Visite o espaço museal antes de agendar a visita com a turma.
- ✓ Se informe sobre os dias e horários de atendimento ao público do Museu Passagem do Freijó.
- ✓ Examine a exposição oferecida e faça conexões com os conteúdos da sua matriz curricular.
- ✓ Defina previamente o roteiro junto com os alunos, especificando quais elementos serão focados na atividade didática no museu e a forma de registro que será feita durante a visita.
- ✓ Se informe sobre o transporte dos alunos, tempo de visita, se o museu possui atividades pedagógicas.
- ✓ Lembre-se que o entorno do museu faz parte da visita: Por qual razão esse prédio foi escolhido para ser a sede do museu?
- ✓ Elabore um plano pedagógico para a visita ao museu, trabalhe em sala de aula essa temática, já que o museu é um espaço de entretenimento, mas também é um espaço de aprendizagem.
- ✓ Procure, após a visita, informações dos alunos sobre as percepções deles na visita ao museu.

# SEQUÊNCIA DIDÁTICA

**TEMA:** Conhecendo o Museu Passagem do Freijó.

**PERÍODO DE DURAÇÃO:** 07 aulas (350 minutos)

**COMPONENTE CURRICULAR:** História

**PÚBLICO-ALVO:** Alunos da Educação Básica.

**EXPECTATIVAS DE APRENDIZAGEM:** Apresentar o Museu Passagem do Freijó, seu histórico, seu acervo e sua importância para a memória e cultura local.

## HABILIDADES DA BNCC

- EF05HI01: Reconhecer diferentes fontes históricas, como documentos, objetos e narrativas, analisando sua importância para a preservação da memória e da história.
- EF06HI07: Identificar a relação entre passado e presente, analisando continuidades e rupturas em práticas culturais, sociais e econômicas.
- EF05HI05: Reconhecer a diversidade do patrimônio cultural e artístico como característica de uma sociedade plural.
- EF06HI02: Identificar diferentes formas de registro do tempo e as mudanças que esses registros sofreram ao longo da história.
- EF09HI08: Refletir sobre a importância da preservação do patrimônio histórico e cultural, identificando ações e iniciativas que contribuem para a valorização das memórias.
- CG3: Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.

## ETAPAS DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA

- **Atividade que antecede a visita ao museu:** Para o primeiro momento é essencial preparar os alunos para a experiência, contextualizando o museu e introduzindo as temáticas das galerias.

**Tempo de duração: 02 aulas (100 minutos)**

**1ª Aula (50 minutos): Introdução ao tema**

- Roda de conversa:
  - ✓ Perguntas norteadoras: o que define um museu? O que é o Museu Passagem do Freijó, sua criação, objetivo e localização.
  - ✓ O motivo do nome “Passagem do Freijó”.
  - ✓ O contexto histórico do prédio que abriga o museu.
- Apresentação de fotos do museu, suas galerias e conteúdos abordados.

## 2ª Aula (50 minutos): Organização da visita

- Atividade em grupo:
- ✓ Dividir a turma em cinco grupos, cada um com uma galeria temática.
- ✓ Texto digital de apresentação do Museu Passagem do Freijó. QR Code do Mapa Mental para os alunos.
- ✓ Cada grupo deve escolher três objetos relacionadas à sua galeria para serem historicizados e problematizados durante a visita.
- Exemplificando à prática do objeto gerador em sala de aula.
- Organização das formas de registros que serão utilizadas durante a visita ao museu.
- Durante a visita: o que é permitido e proibido.

- **Atividade durante a visita ao museu:** O segundo momento trata da experiência imersiva e investigativa nas cinco galerias do museu, conectando os conteúdos às reflexões sobre memória, identidade e cultura local.

## Tempo de duração: 03 aulas (150 minutos)

### - Abertura da visita: 15 minutos

- Apresentação no hall de entrada do museu:
- ✓ Objetivo da visita
- ✓ Importância de observar atentamente os objetos expostos e suas histórias
- ✓ Recapitulação do que é permitido e proibido.
- Orientações para os registros das observações, perguntas e reflexões.

### - Exploração das Galerias (135 minutos)

- **Galeria da História Política:**
- ✓ Objetos a explorar: Documentos históricos, como a Ata da Câmara Municipal de Pau dos Ferros (1953), o Código de Postura Municipal (1955) e publicações jornalísticas de 1957.
- ✓ Objeto Gerador: O que é? Por que foi feito? Por quem foi feito? Quem utilizou? Para que servia? Em que época foi feito? Quais os materiais utilizados para a sua confecção?
- ✓ Questões para reflexão: O que esses documentos revelam sobre o processo de emancipação de Marcelino Vieira? Como o primeiro governo constitucional influenciou a organização do município?
- **Galeria do Cangaço:**
- ✓ Objetos a explorar: Mapa 3D em MDF, armas, punhais, documentos sobre Lampião, e a porta com marcas de disparos.
- ✓ Objeto Gerador: O que é? Por que foi feito? Por quem foi feito? Quem utilizou? Para que servia? Em que época foi feito? Quais os materiais utilizados para a sua confecção?
- ✓ Questões para reflexão: Quais foram os impactos do cangaço na região? Como os objetos expostos ajudam a contar a história da passagem de Lampião?
- **Galeria da Religiosidade:**
- ✓ Objetos a explorar: Pia batismal, oratórios, imagens sacras, terços, ex-votos e fotografias de famílias tradicionais.
- ✓ Objeto Gerador: O que é? Por que foi feito? Por quem foi feito? Quem utilizou? Para que servia? Em que época foi feito? Quais os materiais utilizados para a sua confecção?

- ✓ Questões para reflexão: Como a tradição católica influenciou a cultura local? Quais grupos sociais e religiosos estão ausentes nesta expografia, e como essa ausência pode impactar a compreensão da diversidade cultural da região?

➤ **Galeria da Cultura Sertaneja:**

- ✓ Objetos a explorar: Utensílios do cotidiano, como potes, cantareiras, lamparinas e painéis de barro.
- ✓ Objeto Gerador: O que é? Por que foi feito? Por quem foi feito? Quem utilizou? Para que servia? Em que época foi feito? Quais os materiais utilizados para a sua confecção?
- ✓ Questões para reflexão: O que esses objetos nos dizem sobre o cotidiano das famílias sertanejas? Como esses itens se conectam à identidade cultural da região?

➤ **Galeria dos Saberes e Afazeres do Sertão:**

- ✓ Objetos a explorar: Ferramentas de trabalho com couro, pilões, prensas de queijo e utensílios de engenho de cana-de-açúcar.
- ✓ Objeto Gerador: O que é? Por que foi feito? Por quem foi feito? Quem utilizou? Para que servia? Em que época foi feito? Quais os materiais utilizados para a sua confecção?
- ✓ Questões para reflexão: Quais atividades econômicas eram mais relevantes para a região? Como essas práticas moldaram a vida das comunidades locais?

- **Atividade de retorno à sala de aula:** O terceiro momento objetiva promover a análise crítica e a síntese dos conhecimentos adquiridos durante a visita, estimulando a troca de saberes, a produção de trabalhos e a reflexão sobre memória e representatividade.

- **Tempo de duração: 03 aulas (150 minutos)**

**1ª Aula (50 minutos): Experiência no Museu.**

- Roda de conversa: compartilhamento de experiências e reflexões.
- ✓ Retomada do trabalho em grupos.
- ✓ Perguntas norteadoras: o que mais chamou atenção na galeria explorada pelo grupo? Como as temáticas das galerias se conectam à história e cultura locais?
- Construção de um relatório coletivo – no quadro - com base nos relatos orais dos discentes.

**2ª Aula (50 minutos): Produção do Trabalho em Grupo.**

- Organização para produção de materiais visuais e escritos:
- ✓ Confecção de cartazes ilustrados (texto descritivo e imagens da galeria e objetos)
- ✓ Pontos a destacar: tema central da galeria, historização dos objetos escolhidos, relação entre o conteúdo do museu e o cotidiano.

**3ª Aula (50 minutos): Apresentações e Debate Final**

- Apresentações dos grupos:
- ✓ Cada grupo terá 8 minutos para apresentar o seu material à turma.
- Debate final:
- ✓ Reflexão coletiva sobre a expografia do museu.
- ✓ Perguntas norteadoras: Quais são as principais contribuições do museu para a preservação da memória e da história local? Há ausências ou limitações nas narrativas apresentadas?

**AVALIAÇÃO:**

- Participação nas discussões e reflexões sobre o papel dos museus na preservação da história.
- Engajamento dos alunos nas atividades propostas durante a exploração das galerias.
- Respeito às normas de comportamento no espaço museal (ética e cuidado com o patrimônio).
- Qualidade do material produzido pelos grupos (relatórios, cartazes, mapas conceituais, etc.).
- Clareza e profundidade nas apresentações orais, com destaque para a relação entre os objetos e os temas históricos/culturais.
- Reflexão crítica sobre a representatividade das galerias e as conexões entre as temáticas.
- Capacidade de argumentação e colaboração nas discussões finais.

**RECURSOS**

- **Materiais didáticos:**
  - ✓ Texto de Apresentação do Museu Passagem do Freijó.
  - ✓ Planta baixa do museu Passagem do Freijó
  - ✓ Fotografias dos objetos e das galerias temáticas.
- **Materiais de Produção:**
  - ✓ Papéis, canetas, lápis de cor e marcadores.
  - ✓ Cartolinas
- **Recurso tecnológicos:**
  - ✓ Multimídia.
  - ✓ Computador
  - ✓ Texto digital - QR Code.
  - ✓ Celulares
- **Logística:**
  - ✓ Transporte escolar

# Explorando Possibilidades



## 1- A visita ao museu deve começar na sala de aula:

Uma possibilidade que propomos é o desenvolvimento de atividades lúdicas utilizando materiais do cotidiano – como fotos, brinquedos, pinturas e livros – que sirvam como indícios das práticas sociais e das relações que os estudantes estabelecem com o mundo ao seu redor. Historicizar e problematizar esses objetos em sala de aula estimula a percepção dos alunos, permitindo que eles desfrutem, de forma mais profunda, das reflexões propostas pelos museus.

### ➤ Sugestão de atividade:

Peça aos alunos que tragam um objeto de sua escolha e organize uma roda de conversa para que cada um compartilhe a história desse objeto, explicando sua relação com sua vida e cultura. Essa atividade permite que os estudantes reflitam sobre a importância dos objetos no cotidiano e na construção da memória individual e coletiva. Após o diálogo, oriente-os a registrar em seus cadernos informações detalhadas sobre o objeto, respondendo às seguintes perguntas: o que é? Por que foi feito? Quem o fez? Quem o utilizou? Para que servia? Em que época foi produzido? Quais materiais foram utilizados em sua confecção? Como culminância da atividade, sugerimos a organização de uma exposição na sala de aula, onde os objetos serão apresentados juntamente com os registros de sua historicidade, promovendo uma reflexão mais ampla sobre a conexão entre os elementos materiais e a identidade cultural dos alunos.

## 2- Para além da exploração das galerias temáticas do Museu Passagem do Freijó:

- Como sugestão de atividades de aprofundamento para os alunos, sugerimos os seguintes exercícios:

### a) Galeria da Emancipação Política:

- Como possibilidade de atividade, propomos uma aula de campo às instituições dos poderes públicos do município, que representam o Executivo, o Legislativo e o Judiciário. A visita permitirá que os alunos compreendam o funcionamento de cada poder, suas atribuições e a maneira como influenciam a vida cotidiana da população. Essa experiência

prática contribuirá para a construção de uma consciência cidadã, permitindo aos estudantes relacionar os conteúdos abordados em sala de aula com a realidade do município e estabeleçam conexões importantes com os documentos e artefatos presentes no museu Passagem do Freijó.

➤ **Sugestão de atividade:**

Como proposta, sugerimos dividir os alunos em três grupos, atribuindo a cada um a responsabilidade por um dos três poderes: Executivo, Legislativo e Judiciário. Cada grupo deve registrar as funções do respectivo poder, identificar seus representantes locais e principais atribuições, além de apresentar exemplos de ações recentes realizadas no município. Após o registro das informações, será possível organizar um painel explicativo, no qual os grupos, em uma roda de conversa, compartilharão e discutirão suas descobertas com a turma

**b) Galeria do Cangaço:**

- Como possibilidade de atividade, propomos o documentário '*Fogo da Caiçara*', da jornalista Ivanúcia Lopes, disponível em seu canal no YouTube <https://www.youtube.com/watch?v=BhnxRwW7LfA>. O documentário retrata a passagem do bando de Lampião pelo município de Marcelino Vieira-RN, em 1927, destacando eventos como o Fogo da Caiçara e os principais locais visitados pelo grupo na região.

➤ **Sugestão de atividade:**

Como sugestão, pode ser solicitado aos alunos que respondam no caderno às seguintes questões: Qual foi o impacto do Fogo da Caiçara na região? Como o cangaço foi visto: como um movimento de resistência ou como violência? Quais elementos do documentário se conectam aos objetos expostos na galeria do cangaço? Além disso, outra ideia é pedir aos alunos que produzam uma carta (imaginária), como se fossem moradores da época, relatando a invasão do bando de Lampião no município, com destaque para o Fogo da Caiçara. em seguida, durante uma roda de leitura, o professor pode solicitar que os alunos apresentem as cartas.

**c) Galeria da Religiosidade:**

- Sugerimos a realização de uma pesquisa sobre as principais tradições religiosas locais, além da católica, como as igrejas evangélicas, as religiões afro-brasileiras e as práticas indígenas. A pesquisa pode incluir visitas a locais de culto, bem como a exploração de registros históricos, livros e materiais digitais sobre as tradições religiosas no Brasil. Sites

como <https://brasilecola.uol.com.br/> e <https://mundoeducacao.uol.com.br/> podem ser utilizados como fontes de apoio confiáveis.

➤ **Sugestão de atividade:**

Como sugestão de atividade, o professor pode organizar um ciclo de discussão em sala de aula para debater a diversidade religiosa no Brasil, sua presença na cultura local e a representatividade dessas religiões no Museu Passagem do Freijó. O objetivo é promover a reflexão sobre a alteridade e a importância do respeito às religiões em um país laico como o nosso. Além do ciclo de discussão, outra atividade possível é solicitar aos alunos a criação de um mapa mental que destaque os principais momentos históricos das tradições religiosas locais pesquisadas. O mapa deve incluir informações como o surgimento das práticas religiosas, sua localização na cidade, datas importantes e festivas, símbolos religiosos e fundamentos doutrinários.

**d) Galeria da Cultura Sertaneja:**

- Como possibilidade de atividade, propomos assistir o documentário "O Povo Brasileiro: Brasil Sertanejo - Episódio 6", produzido pela TV Cultura e dirigido por Fernando Meirelles. O documentário está disponível no YouTube, no link: <https://www.youtube.com/watch?v=G6Ebki1tdMU>. Ele aborda aspectos da formação da sociedade brasileira, com um foco especial nas culturas e tradições do sertão.

➤ **Sugestão de atividade:**

Como sugestão, organize uma roda de conversa onde os alunos possam compartilhar os aspectos que mais chamaram sua atenção no documentário. Após a discussão, oriente-os a produzir um texto dissertativo, refletindo sobre as mudanças e permanências nas condições de vida da população sertaneja ao longo do tempo, bem como, fazer conexões entre os objetos, histórias e personagens apresentados no documentário com as narrativas e os objetos expostos na galeria da Cultura Sertaneja do Museu Passagem do Freijó.

**d) Galeria dos saberes e afazeres do sertão:**

- Como uma das possibilidades de atividade, propomos a realização de uma visita a um engenho rapadureiro da região. A visita permitirá que os alunos conheçam e registrem o processo de fabricação da rapadura, destacando os saberes e afazeres desse trabalho, incluindo o histórico do engenho, os sujeitos envolvidos e suas atribuições, além dos objetos e temperos usados na produção da rapadura e seus melados. Além disso, os alunos terão a oportunidade de estabelecer conexões entre a prática vivenciada e o que está exposto na galeria 'Saberes e Afazeres do Sertão', do Museu Passagem do Freijó.

➤ **Sugestão de atividade:**

Uma sugestão de exercício é organizar os alunos em grupos e solicitar a produção de um vídeo para registrar o que aprenderam. O vídeo deve incluir uma explicação do processo de fabricação da rapadura, destacando os principais passos e as ferramentas utilizadas. Também pode contar com entrevistas com trabalhadores do engenho (se possível) ou com outros membros da comunidade que conhecem o processo, além de reflexões sobre a importância de preservar essa cultura e o papel histórico da rapadura na região. Os alunos podem apresentar essa atividade em sala de aula usando datashow.

# INTERDISCIPLINARIDADE

O Museu Passagem do Freijó oferece uma rica oportunidade para a abordagem interdisciplinar do conhecimento, permitindo conexões entre diversas áreas do saber. Suas galerias, que abordam temáticas como emancipação política, o cangaço, a religiosidade, a cultura sertaneja e os saberes e afazeres do sertão, podem ser exploradas de maneira integrada nas disciplinas de Arte, Ciências, Religião, Geografia, Matemática, Inglês e Língua Portuguesa. A seguir, destacamos como cada disciplina pode se beneficiar dessa experiência, juntamente com habilidades da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) relacionadas.



| Disciplina | Possibilidades de Estudo   | Habilidades da BNCC   |
|------------|--|---|
| Arte       | Análise das representações artísticas presentes nas galerias, como xilogravuras, fotografias e objetos decorativos. Exploração de técnicas artísticas inspiradas nos elementos expostos. | EF69AR15: Experimentar diferentes materiais e procedimentos da arte para expressar ideias, sentimentos e narrativas.<br>EF69AR21: Analisar produções artísticas em diferentes contextos socioculturais, reconhecendo suas funções e significados. |
| Ciências   | Estudo dos materiais utilizados na confecção dos objetos expostos e suas propriedades físico-químicas. Discussão sobre   | EF06CI08: Investigar propriedades dos materiais para identificar suas características e usos.<br>EF08CI11: Avaliar os impactos ambientais do uso  |

|                   |   |   |
|-------------------|---|---|
| Religião          | <p>as práticas de conservação dos artefatos.</p> <p>Reflexão sobre as práticas religiosas da comunidade e sua relação com a formação da identidade cultural local. Análise dos objetos sacros expostos.</p> | <p>de materiais naturais e artificiais.</p> <p>EF69ER04: Identificar influências religiosas na construção das identidades culturais.</p> <p>EF69ER06: Relacionar práticas e vivências religiosas com o contexto histórico-social.</p> |
| Geografia         | <p>Análise das condições geográficas que influenciaram a formação da cidade e suas atividades econômicas. Estudo do território e suas transformações ao longo do tempo.</p>                                 | <p>EF07GE04: Compreender a influência das características físicas no desenvolvimento das sociedades.</p> <p>EF08GE03: Analisar os impactos das atividades econômicas no espaço geográfico.</p>  |
| Matemática        | <p>Aplicação de conceitos de medidas e proporções para entender os objetos expostos. Construção de gráficos e tabelas com dados históricos.</p>   | <p>EF06MA19: Resolver problemas que envolvam escalas e proporções.</p> <p>EF08MA24: Analisar dados em gráficos e tabelas relacionadas ao contexto histórico.</p>  |
| Inglês            | <p>Tradução de informações dos objetos expostos para o inglês. Exploração de vocabulário específico relacionado à cultura sertaneja.</p>  | <p>EF06LI05: Compreender informações em textos simples sobre aspectos culturais.</p> <p>EF07LI06: Produzir pequenos textos informativos em inglês sobre elementos do museu.</p>   |
| Língua Portuguesa | <p>Produção de textos narrativos sobre os eventos históricos retratados no museu. Análise de fontes primárias expostas.</p>   | <p>EF67LP24: Produzir textos dissertativos argumentativos sobre o contexto histórico do sertão.</p> <p>EF69LP27: Interpretar fontes históricas escritas, relacionando-as com o contexto atual.</p>                                    |

## CONCLUSÃO

Este caderno metodológico, desenvolvido no âmbito do Mestrado Profissional em Ensino de História (PROFHISTÓRIA), representa um esforço acadêmico e pedagógico para orientar educadores durante as visitas ao Museu Histórico Cultural Passagem do Freijó, localizado em Marcelino Vieira-RN. O material elaborado busca oferecer subsídios teórico-metodológicos que permitam explorar o potencial didático do museu, aproximando os alunos da história local e regional de forma significativa e contextualizada.

Através das propostas apresentadas, os educadores são incentivados a transformar a visita ao museu em uma experiência significativa, explorando suas galerias de forma crítica e reflexiva. Dessa forma, reafirmamos o papel do professor como mediador do conhecimento, capaz de estimular o protagonismo discente e promover reflexões sobre o passado e suas relações com o presente.

Esperamos que este material sirva como uma ferramenta eficaz para enriquecer as práticas docentes, ampliando as possibilidades educativas dentro e fora do espaço escolar, e consolidando o Museu Passagem do Freijó como um importante recurso pedagógico na formação cidadã.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017.

FREITAS, Itamar; OLIVEIRA, Margarida Dias. **Sequências didáticas para o ensino de História** [livro eletrônico]. Ananindeua, PA: Cabana, 2022.

LEI MUNICIPAL n. 383 que trata da criação do Museu Histórico Cultural Passagem do Freijó, Câmara Municipal de Marcelino Vieira-RN.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. **A danação do objeto: o museu no ensino de história**. Chapecó: Argos, 2004.

<https://www.educamaisbrasil.com.br/educacao/dicas/o-que-e-patrimonio-cultural>

# **ANEXOS**



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA  
DISCIPLINA: SEMINÁRIO TUTORIAL (ORIENTAÇÃO)  
DOCENTE: ROBERTO AIRON  
DISCENTE: ROMUALDO ANTONIO CARNEIRO NETO|

**Pesquisa realizada junto aos alunos da Escola Municipal Edilton Fernandes com o objetivo de coletar informações relativas ao emprego pedagógico do Museu Histórico Cultural Passagem do Freijó no contexto educacional. Esse levantamento visa fornecer dados para uma análise detalhada no âmbito do Mestrado Profissional em Ensino de História.**

**Formulário Diagnóstico – Questionário – Aluno – Série : 9º ano**

1- Nome completo e série:

2- Qual a sua idade?

- a) 12 a 14 anos
- b) 15 a 17 anos
- c) 18 anos ou mais

3- Onde está situada a sua residência?

- a) Zona Urbana
- b) Zona Rural

4- Você mora próximo ao museu Passagem do Freijó?

- a) Sim
- b) Não

5- Nos museus a gente conhece que eles só guardam coisas antigas. Você já visitou o Museu Passagem do Freijó, em Marcelino Vieira, RN?

- a) Sim
- b) Não

6- Essa visita foi realizada por meio de uma atividade escolar?

- a) Sim
- b) Não

7- Em qual ano ocorreu essa visita?

- a) 2022
- b) 2023
- c) 2024

8- Você teria interesse em visitar novamente o Museu Passagem do Freijó?

- a) Sim
- b) Não
- c) Não sei dizer

9- Você entendeu a história de seu município na exposição que você viu no museu?

- a) Sim
- b) Não
- c) Um pouco

10- O Museu Passagem do Freijó tem cinco galerias com objetos diferentes em cada uma. Marque que tipo de objeto você conseguiu realmente identificar nas exposições que você viu:

- Criação do município
- O Cangaço na região
- Objetos ligados a religião
- A Cultura e o trabalho dos sertanejos
- As pessoas de famílias importantes do município
- Não consegui identificar os tipos de objetos

11- Com relação aos objetos expostos nas galerias do museu Passagem do Freijó, quais as peças museológicas lhe chamaram mais atenção? Que histórias elas representam?

|  |
|--|
|  |
|  |
|  |
|  |
|  |
|  |

12- Apresentação da história do município de Marcelino Vieira no Museu Passagem do Freijó atendeu suas expectativas?

- a) Sim
- b) Não



**PROF HISTÓRIA**  
MESTRADO PROFISSIONAL  
EM ENSINO DE HISTÓRIA

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA  
DISCIPLINA: SEMINÁRIO TUTORIAL (ORIENTAÇÃO)  
DOCENTE: ROBERTO AIRON  
DISCENTE: ROMUALDO ANTONIO CARNEIRO NETO

**Pesquisa realizada junto a professores da Escola Municipal Edilton Fernandes com o objetivo de coletar informações relativas ao emprego pedagógico do Museu Histórico Cultural Passagem do Freijó no contexto educacional. Esse levantamento visa fornecer dados para uma análise detalhada no âmbito do Mestrado Profissional em Ensino de História.**

### Formulário Diagnóstico – Questionário – Professores dos Anos Finais do Fundamental

1- Nome completo

2- Profissão:

3- Você já visitou o Museu Histórico e Cultural Passagem do Freijó?

- a) Sim
- b) Não

4- Ao longo da jornada pedagógica do município e da escola, no ano letivo de 2024, houve alguma programação como planejamentos, oficinas, palestras ou outras atividades, dedicada ao emprego pedagógico do Museu Histórico e Cultural Passagem do Freijó?

- a) Sim
- b) Não

5- Você já conduziu seus alunos em uma visita ao Museu Histórico e Cultural Passagem do Freijó?

- a) Sim
- b) Não

6- A escola conta com materiais didáticos específicos para orientar as visitas ao Museu Passagem do Freijó?

- a) Sim
- b) Não

7- O Museu Passagem do Freijó tem cinco galerias com objetos diferentes em cada uma. Marque que tipo de objeto você conseguiu realmente identificar nas exposições que você viu:

- Criação do município
- O Cangaco na região
- Objetos ligados a religião
- A Cultura e o trabalho dos sertanejos
- As pessoas de famílias importantes do município
- Não consegui identificar os tipos de objetos

8- A visita ao museu conseguiu atender aos objetivos pedagógicos pretendidos?

- a) Sim
- b) Não

9- Neste ano de 2024, você já desenvolveu alguma atividade pedagógica que envolve alunos e o museu Passagem do Freijó?

- a) Sim

- b) Não, mas pretendo realizar
- c) Não desenvolverei atividade com o uso do museu

10- Quando você leva os alunos ao museu, que tipo de atividade é desenvolvida para avaliá-los após a visita?

- a) Não cobro atividade.
- b) Exijo um relatório da visitação sobre os espaços visitados
- c) Outro \_\_\_\_\_ tipo \_\_\_\_\_ de  
atividade: \_\_\_\_\_

11- Em sua opinião, o Museu Passagem do Freijó reflete e representa adequadamente, por meio de suas galerias e objetos, a história oficial do município de Marcelino Vieira?

- a) Sim
- b) Não

12- Levando em conta que o Museu Passagem do Freijó deve ser visto como um recurso a ser explorado durante todo o ano para atividades pedagógicas, que sugestões você tem para transformar esse local em um espaço dinâmico de construção do conhecimento, facilitando a professores e alunos a oportunidade de vivenciar uma variedade de experiências educativas?

|  |
|--|
|  |
|  |
|  |
|  |
|  |



**PROF HISTÓRIA**  
MESTRADO PROFISSIONAL  
EM ENSINO DE HISTÓRIA

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PROFISSIONAL EM ENSINO DE HISTÓRIA  
PESQUISA DE DISSERTAÇÃO DO PROFHISTÓRIA  
DISCENTE: ROMUALDO ANTONIO CARNEIRO NETO  
ORIENTADOR: ROBERTO AIRON SILVA

- Linha de Pesquisa: Saberes Históricos em Diferentes Espaços de Memória

- Questionário via e-mail aplicado à professora Irama Cardoso (uma das fundadoras e responsável pelo antigo Solar dos Saboias).

## QUESTIONÁRIO

Identificação

Nome:

Idade:

- 1- O que foi o Solar dos Saboias? Como e quando sua história começou?
- 2- O Solar dos Saboias era mantido por algum órgão público ou possuía caráter privado?
- 3- Que tipos de objetos ficaram expostos no Solar dos Saboias?
- 4- Como as exposições foram organizadas? Em qual local do Solar elas aconteciam?
- 5- As exposições eram abertas ao público? Havia alguma data específica sobre o Solar promover eventos especiais ou destacar suas exposições?
- 6- Quais foram os motivos que levaram ao fechamento do Solar dos Saboias?
- 7- O que aconteceu com as coleções do Solar após o seu fechamento?
- 8- Você conhece a história da criação do Museu Municipal Passagem do Freijó? Se sim, poderia descrever como o museu foi criado e qual é a relação dele com o Solar dos Saboias?
- 9- O que representa, para você, a transferência dos objetos do antigo Solar dos Saboias para o Museu Municipal Passagem do Freijó?
- 10- Sabemos que a senhora esteve presente na inauguração do Museu Municipal. Você poderia nos contar como foi esse evento?



**PROF HISTÓRIA**  
MESTRADO PROFISSIONAL  
EM ENSINO DE HISTÓRIA

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PROFISSIONAL EM ENSINO DE HISTÓRIA  
PESQUISA DE DISSERTAÇÃO DO PROFHISTÓRIA  
DISCENTE: ROMUALDO ANTONIO CARNEIRO NETO  
ORIENTADOR: ROBERTO AIRON SILVA

- Linha de Pesquisa: Saberes Históricos em Diferentes Espaços de Memória

**Ao Excelentíssimo Senhor Presidente da Câmara Municipal de Marcelino Vieira-RN, Antônio Juzelândio Galdino Filho.**

Eu, Romualdo Antônio Carneiro Neto, aluno do curso de Pós-Graduação em Ensino de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, venho, por meio deste, solicitar a Vossa Senhoria autorização para realizar uma pesquisa etnográfica nos documentos da Câmara Municipal, com o objetivo de coletar dados informativos para minha pesquisa acadêmica intitulada: *“Um Museu de Grandes Novidades: Estratégias de Ensino e Aprendizagem em História e o Museu Histórico Cultural Passagem do Freijó”*.

A presente pesquisa foca especificamente na ata da Câmara Municipal do ano de 2022, que debateu e aprovou, em sessão realizada no dia 16 de novembro de 2022, a criação do Museu Municipal.

Certo de contar com a atenção e deferimento de Vossa Senhoria, renovo meus mais sinceros votos de agradecimento e consideração.

Atenciosamente,

**Romualdo Antônio Carneiro Neto**